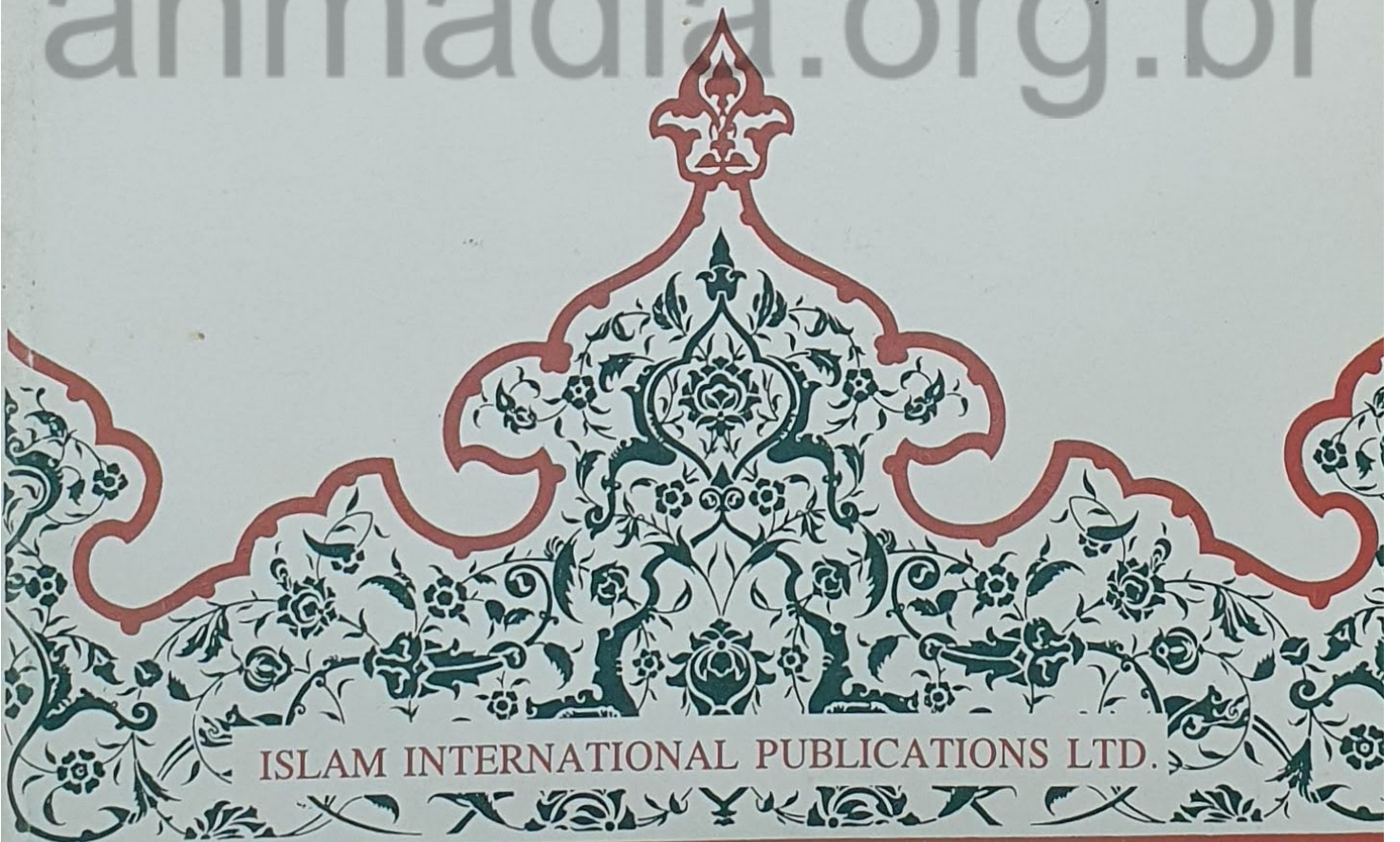


JESUS NA ÍNDIA

ahmadia.org.br



ISLAM INTERNATIONAL PUBLICATIONS LTD.

JESUS NA ÍNDIA

**Uma narrativa de como Jesus evitou a morte
na cruz e da sua jornada para a Índia**

Por

**Mirza Ghulam Ahmad de Qadian
Fundador da Jamaat Ahmadia do Islão**

ISLAM INTERNATIONAL PUBLICATIONS LTD.

JESUS NA ÍNDIA
(Jesus in India)
Portuguese

ISBN 1 85372 557 9

©Islam International Publications Ltd

Published by:

Islam International Publications Ltd

Islamabad

Sheephatch Lane Tilford

Surrey, GU10 2AQ (U.K.)

Printed by:

Raqeem Press

Islamabad Tilford

Surrey GU10 2AQ (U.K.)

ÍNDICE

1. Prefácio	5
2. Introdução	8
3. Capítulo I	20
4. Capítulo II	51
5. Capítulo III	56
6. Capítulo IV	64
7. Secção 1	64
8. Secção 2	68
9. Secção 3	83
10. Apêndice	96

PREFÁCIO

Jesus na Índia é uma versão de **Masih Hindustan mein**, um tratado urdu, de autoria do Santo Fundador da Comunidade Ahmadiana do Islão, Hazrat Mirza Ghulam Ahmad (1835-1908).

A principal tese defendida no tratado é a fuga de Jesus de uma morte ignominiosa na cruz e a sua posterior viagem para a Índia, em busca das tribos perdidas de Israel, que, segundo o Novo Testamento, deveria reunir sob o seu comando.

As escrituras cristãs e muçulmanas, os antigos livros de medicina e de história, bem como os antigos registos budistas proporcionaram bastantes provas sobre este tema. Començando com a sua viagem a partir de Jerusalém e atravessando Nasib e o Irão, prova-se que Jesus chegou ao Afeganistão, onde encontrou os Judeus que aí se tinham estabelecido após a libertação da escravidão de Nabucodonosor.

Do Afeganistão, Jesus foi para Caxemira, onde se tinham fixado também algumas tribos israelitas e onde fundou o seu lar e morreu. O seu sepulcro foi localizado na rua Kraniar, em Sirinagar.

Na secção sobre as provas extraídas dos antigos registos budistas, Hazrat Ahmad apresenta a solução de um problema, cuja natureza difícil confundiu, durante muito tempo, muitos escritores ocidentais, que ficaram impressionados com a extraordinária semelhança entre os ensinamentos cristãos e os budistas e entre os acontecimentos da vida de Jesus e de Buda, que foram revelados nas suas respectivas escrituras. Alguns destes escritores defendem a teoria que não tem, porém, qualquer apoio histórico, de que os ensinamentos budistas conseguiram alcançar a Palestina e foram assimilados por Jesus nos seus sermões.

Um viajante russo de nome Nicolas Notovich, que viveu durante algum tempo entre os Lamas do Tibete, cujos livros sagrados mandou traduzir, é da opinião que Jesus deve ter estado no Tibete antes da crucificação e regressado à Palestina após ter assimilado os ensinamentos budistas. Trata-se, contudo, de uma mera conjectura, sem o apoio de uma

prova fidedigna.

Rejeitando ambas as opiniões, Hazrat Ahmad escreveu que Jesus foi para a Índia não antes mas depois da crucificação e que não foi ele quem adoptou os ensinamentos budistas. Pelo contrário, parecem terem sido os seguidores de Buda que reproduziram todo o Evangelho nos seus livros.

Segundo Hazrat Ahmad, Jesus visitou também o Tibete durante as viagens que fez à Índia em busca das tribos perdidas de Israel e que pregou a sua mensagem aos monges budistas, alguns dos quais se tornaram judeus. Os seguidores de Buda ficaram profundamente impressionados com os seus ensinamentos e consideraram-no a manifestação de Buda e o seu Mestre Prometido. Acreditando em Jesus como seu Mestre, misturaram os seus ensinamentos com os seus próprios registos e atribuíram tudo a Buda. Antigas narrativas budistas constituem uma prova irrefutável.

Masih Industan mein foi escrito em 1899 e marca o fim de uma era em que, durante séculos, Muçulmanos e Cristãos acreditaram que Jesus subiu ao céu. Sendo o primeiro livro sobre o tema e expressando um ponto de vista tão racional, esta obra causou um profundo impacto. Os argumentos nela apresentados foram divulgados e no último meio século o livro conheceu um sucesso notável, destituindo Jesus dos falsos atributos de divindade e apresentando-o ao mundo apenas como o profeta divino que sempre foi.

Nos círculos muçulmanos, a sua influência foi tão marcante, que o Reitor da Universidade Al-Azhar, do Cairo, emitiu um Fatwa (veredito) no sentido de que, segundo o Sagrado Corão, Jesus morreu de morte natural. A sua influência no pensamento cristão foi também bastante perturbadora.

Como se afirma na introdução e também no fim do livro, Hazrat Ahmad tencionava escrever uma segunda parte, em que, além de algumas provas adicionais da viagem de Jesus para a Índia, apresentaria uma análise comparativa dos convincentes ensinamentos do Islão e do Cristianismo que provam a verdade do Islão, bem como a sua afirmação

de que é o Messias Prometido.

Apesar de não ter escrito mais nenhum livro com este título, Hazrat Ahmad tratou exaustivamente, em numerosos livros posteriores, todas estas questões e outras mais importantes relativas à verdade do Islão, bem como a sua própria reivindicação e a morte de Jesus. A versão inglesa foi traduzida por Qadi Abdul Hamid, antigo editor do semanário "The Sunrise", de Lahore, em que foi publicado sob a forma de série durante 1938-1939. Nashr-o-Ishaat. Sadr Anjuman Ahmadia, de Qadian, publicaram-no pela primeira vez sob a forma de livro, em 1944.

Além de outros que nos ajudaram de muitas formas na publicação deste livro, queremos agradecer a Malud Ahmad Khan, antigo Imã da Mesquita de Londres, que compilou as citações dos livros originais referidas por Hazrat Ahmad em defesa da sua tese. As citações referidas foram integradas no livro sob a forma de apêndice.

Vakil-ut-Tabshir
Tahrik-i-Jadid
Rabwah, Paquistão

ahmadia.org.br

EM NOME DE ALLAH, O BENEFICIENTE, O MISERICORDIOSO
NÓS LOUVAMO-LO E IMPLORAMOS AS SUAS BÊNÇÃOS
PARA O NOSSO NOBRE PROFETA

Senhor! Julgai-nos, a nós e ao nosso povo, com verdade;
Tu és o melhor dos Juízes

INTRODUÇÃO

Escrevi este livro para que, ao apresentar provas de factos comprovados de dados históricos convincentes de valor indubitável e de documentos antigos escritos por não Muçulmanos, possa eliminar os graves conceitos errados, frequentes entre os Muçulmanos e a maioria de seitas cristãs, sobre os primeiros e os últimos tempos da vida de Jesus, que não só feriram e destruíram os conceitos da Unidade de Deus, mas cuja influência nociva e venenosa se fez sentir também, durante muito tempo, na moral dos Muçulmanos deste país. Doenças espirituais, como a carência de boa moral, os maus pensamentos, a indiferença e a falta de empatia estão a espalhar-se entre a maioria das seitas islâmicas, tendo como resultado a crença em histórias infundadas e ditos maliciosos. A empatia humana, a piedade e o amor à justiça, humildade e simplicidade de espírito - todos eles boas qualidades - desaparecem de dia para dia, como estando prestes a despedir-se desta comunidade. Esta indiferença e esta imoralidade fazem com que muitos Muçulmanos pareçam não ser melhores do que os animais selvagens. Um Jain ou um Budista receia e evita matar até um mosquito ou uma pulga, mas, infelizmente, muitos de entre nós, Muçulmanos, embora matem um homem inocente ou cometam

um crime desumano, não temem o Deus Poderoso, que dá mais importância à vida dos seres humanos que à dos animais.

A que é que se devem esta indiferença, esta crueldade e esta falta de empatia devem-se ao facto de histórias, ditos maliciosos e pontos de vista errados sobre a Jihad soarem desde a infância nos seus ouvidos e serem inculcados nos seus corações, resultando na sua gradual morte moral e em deixarem de sentir a barbaridade das suas acções odiosas; pelo contrário, o homem que mata outro inconscientemente, provocando, assim, a ruína da família do assassinado, pensa ter cometido um acto meritório, ou, então, ter aproveitado da melhor maneira a oportunidade de ganhar os favores da sua comunidade. Como no nosso país não só não são proferidas conferências ou palestras que ponham cobro a estes males - e se por acaso, existem, estas conferências contêm um elemento de hipocrisia - o povo comum aprova estes actos.

Consequentemente, ao apiedar-me do meu próprio povo, compilei várias obras em urdu, persa e árabe, nas quais constatei que a opinião popular sobre a Jihad, dominante entre os Muçulmanos, isto é, a esperança num Imã sanguinário, cheio de rancor e hostilidade pelos outros povos, é uma mistura de crenças falsas inculcadas pelos míopes Ulemas; o Islão só permite o uso da espada em nome da fé no caso de guerras defensivas, ou de guerras travadas para punir um tirano ou defender a liberdade. A necessidade de uma guerra defensiva surge quando a agressão de um adversário ameaça a própria vida. Estes são os três tipos de Guerra Santa permitidos pela Sharia, e, além deles, não há qualquer outro que o Islão autorize para propagar a fé.

Em resumo, despendi bastante dinheiro nessas obras e publiquei-as neste país, na Árabia, Síria e Khurasah. Mas pela graça de Deus, deparei agora com argumentos poderosos, cuja finalidade é irradiar dos corações das pessoas estas crenças infundadas. Tenho provas claras, evidência circunstancial de carácter conclusivo e evidência histórica, cuja luz de verdade revela a promessa de que, pouco depois da sua publicação, surgirá uma alteração maravilhosa no coração dos Muçulmanos contra essas crenças. E espero - tenho a certeza - que, uma vez compreendidas

estas verdades, fluirão do coração dos rectos filhos do Islão os belos mananciais de simplicidade, humildade e bondade e que ocorrerá uma mudança espiritual, que exercerá uma influência total e benéfica no país. Estou também certo de que os investigadores cristãos e todos os outros povos que anseiam pela verdade beneficiarão com os meus livros. E o facto, que agora acabei de afirmar, de que o verdadeiro objectivo deste livro é corrigir as crenças erradas, que se tornaram parte integrante das crenças dos Muçulmanos e dos Cristãos, exige uma pequena explicação, que darei a seguir.

Não há dúvida de que a maioria dos Muçulmanos e dos Cristãos acredita que Jesus, a paz esteja com ele, ascendeu vivo ao céu; ambos os grupos acreditaram, durante muito tempo, que Jesus, que a paz esteja com ele, está ainda vivo no céu e voltará à terra nos últimos dias. A diferença nos seus pontos de vista, isto é, a opinião dos seguidores do Islão e a dos Cristãos, reside apenas no facto os Cristãos acreditarem que Jesus, a paz esteja com ele, morreu na cruz, ressuscitou e subiu ao céu no seu corpo físico, sentou-se à direita do Pai e voltará à terra nos últimos dias para o Juízo Final; dizem também que este Jesus e mais ninguém é o Mestre do mundo e o Messias; ele é aquele que nos últimos dias do mundo descerá em glória à terra para punir e recompensar; e então todo aquele que não acreditar nele, ou na sua mão como Deus, será arrastado e lançado no inferno, onde só encontrará lágrimas e lamentos. Porém, as seitas muçulmanas atrás mencionadas dizem que Jesus, a paz esteja com ele, não foi crucificado, nem morreu na cruz, mas que, quando os Judeus o prenderam para o crucificar, um anjo de Deus o levou aos céus no seu corpo físico, continuando vivo nos céus, que, dizem eles, é o segundo céu onde está também o profeta Jahja, João. Os Muçulmanos dizem, aliás, que Jesus, que a paz esteja com ele, é um eminente profeta de Deus, mas que não é Deus, nem filho de Deus e acreditam que descerá à terra nos últimos dias, próximo do Minarete de Damasco ou de outro lugar, apoiado nos ombros de dois anjos, e que ele é o Imã Muhammad, o Mahdi, que já se encontrará na terra e que será um fatimite, matarão todos os não Muçulmanos, não deixando com vida senão aqueles que de

imediatamente e sem hesitação se tornarem Muçulmanos.

Em resumo, o verdadeiro objectivo da descida de Jesus, a paz esteja com ele, à terra, como afirmam as seitas muçulmanas conhecidas como Ahl-i-Sunnat ou Ahl-i-Hadiz, e denominadas Wahabis pelo povo comum, é que, como os Mahadev dos Hindus, Jesus destruirá todo o mundo; que primeiro forçará o povo a tornar-se muçulmano, mas que o massacrará com a espada se persistir na desobediência. Dizem ainda que Jesus está vivo no céu, no seu corpo terreno, e quando o poder muçulmano enfraquecer, descerá à terra, matará todos os não muçulmanos, ou convertê-los-á pela força ou sob pena capital.

Sobre os Cristãos, em particular, os teólogos destas seitas afirmam que, quando descer do céu, Jesus, a paz esteja com ele, quebrará todas as cruzes do mundo, cometerá inúmeras crueldades com a espada e inundará o mundo de sangue. Como afirmei, estas pessoas, ou seja, os Ahl-i-Hadiz, de entre os Muçulmanos, estão entusiasmados com a sua crença, de que pouco antes da vinda do Messias, aparecerá um Imã de Bani Fatima, cujo nome será Muhammad, o Mahdi. Ele é que será o Califa e Rei do seu tempo e como será descendente dos Quraish, o seu verdadeiro objectivo será matar todos os não Muçulmanos, excepto aqueles que recitam o Kalima. Jesus, a paz esteja com ele, não será o Califa deste tempo, pois esse será o mesmo Muhammad, o Mahdi. Os Muçulmanos dizem que os dois juntos encherão a terra como o sangue do homem e derramarão tanto sangue como jamais foi visto na história do mundo. Assim que aparecerem, iniciarão esta sangrenta campanha, sem pregar, nem suplicar e sem mostrar qualquer sinal. Afirmam também que Jesus, a paz esteja com ele, será um conselheiro colaborador do Imã Muhammad, o Mahdi, e apesar de as rédeas do poder estarem apenas nas mãos do Mahdi, Jesus, a paz esteja com ele, instigará Hazrat Imã Muhammad, o Mahdi, a massacrar todo o mundo e a aconselhá-lo-á a adoptar medidas extremas, isto é, modificará os ensinamentos humanos anteriormente ensinados ao mundo, ou seja, "não ofereçais resistência ao mal" e "quando vós baterem na face direita, oferecei também a outra face".

É isto que os Muçulmanos e Cristãos acreditam sobre Jesus, que

a paz esteja com ele, e embora à semelhança de muitos Cristãos seja um grande erro chamar-lhe Deus - a ele, um homem humilde - , as crenças de alguns seguidores do Islão, entre os quais a seita Ahl-i-Hadiz, conhecida por Wahabis, sobre o sanguinário Mahdi e o sangrento Messias, estão a afectar tanto a sua moral, que devido a sua má influência, as suas relações com outros povos não se baseiam na honestidade e na boa vontade e eles não conseguem ser verdadeira e completamente leais a um governo não muçulmano. Todos os homens razoáveis concluirão que esta crença, ou seja, que os não Muçulmanos devem ser submetidos à força, ou que devem tornar-se de imediato muçulmanos ou morrer, está aberta às mais sérias objecções. Todas as pessoas conscienciosas admitirão prontamente que antes de o homem compreender as suas belezas e os seus maravilhosos ensinamentos é indesejável obrigá-lo, sob pena capital, a adoptar aquela fé, o que, longe de contribuir para o seu desenvolvimento, forneceria aos opositores uma oportunidade de encontrar profundas faltas. O derradeiro resultado de um principio como este é que os corações ficam desprovidos da qualidade da compaixão humana e que a misericórdia e a justiça, que são grandes qualidades morais humanas, abandonam o homem, enquanto que o rancor e a inimizade tendem a crescer; ficam apenas as paixões animais, que apagam as elevadas qualidades morais. Mas pode ver-se que um ensinamento como este não provém de Deus, que só castiga depois de terminada a Sua argumentação.

Mas desembuçemo-nos sobre isto: se um homem não aceita a verdadeira fé porque ainda a ignora, desconhece a verdade, os seus ensinamentos e a sua beleza será razoável matá-lo sem hesitação? Não, esse homem merece piedade, merece ser instruído gentil e cortêsmente na verdade, na beleza e no benefício espiritual daquela fé; a sua recusa não deve ser contestada pela espada ou pelo revólver.

Assim, opõem-se completamente ao nosso senso moral a doutrina da Jihad proposta por esta seita do Islão e a crença de que está próximo o tempo em que chegará um sanguinário Mahdi, cujo nome será Imã Muhammad, que o Messias descerá dos céus para o ajudar e que ambos

matarão todos os não Muçulmanos, caso eles neguem o Islão. Não é esta a crença que elimina todas as boas qualidades, a moralidade humana e favorece as qualidades da vida na selva? Aqueles que as têm, vivem uma vida de hipocrisia em relação aos outros, pois não podem ser verdadeiramente leais às autoridades civis de outra fé; prometem-lhes desonestamente apoio, e aí é que está o erro. É por isso que algumas seitas Ahl-i-Hadiz a que já me referí vivem uma vida dupla sob o Governo Britânico, na Índia Britânica. Em segredo mantêm a esperança do povo sobre a vinda dos dias sangrentos de um sanguinário Mahdi e de um Messias sangrento e ensinam-no de acordo com isto, mas quando estão em contacto com as autoridades elogiam-nas e asseguram-lhes que não aprovam estas ideias. Se se opõem a estas ideias, porque não as divulgam, escrevendo-as e por que razão esperam a vinda desse sangrento Mahdi e do Messias, ficando à espera prontos a juntarem-se-lhes.

Em resumo, estas crenças têm desmoralizado bastante estes Maulvis, que são incapazes de ensinar ao povo a decência e a paz. Aliás, matar outros sem justificação ou motivo é para eles um dever religioso. Eu ficaria satisfeito se qualquer seita dos Ahl-i-Hadiz se opusesse a estas crenças. Observo, porém, com tristeza que entre estas seitas dos Ahl-i-Hadiz (1) existem aqueles que acreditam secretamente num sanguinário Mahdi e nas populares noções da Jihad. Opõem-se às correctas noções e pensam ser um acto meritório matar, quando tiverem oportunidade para tal, todos aqueles que professem outras doutrinas, quando a crença no assassinato em nome do Islão, ou nas profecias de um sanguinário Messias e o desejo de fazer progredir a causa do Islão através chacina ou ameaças, são totalmente contrárias ao Sagrado Corão à Hadith aceite.

O nosso Santo Profeta, a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele, foi bastante perseguido pelos Kafirs de Meca, o mesmo acontecendo posteriormente. Os treze anos que passou em Meca foram anos de grande aflição e sofrimento que pensar neles basta para nos encher os olhos de lágrimas. Porém, o Santo Profeta não levantou a espada contra os seus inimigos nem respondeu aos seus insultos, só o fez quando muitos dos seus Companheiros foram atrozmente assassinados e quando ele próprio foi

submetido a vários sofrimentos como, por exemplo, ter sido envenenado muitas vezes ou submetido a inúmeras tramas mal sucedidas para o matar. Não obstante, quando a vingança de Deus chegou, os mais velhos de Meca e os chefes das tribos decidiram por unanimidade matar este homem. Naquele tempo, Deus, o Protector daqueles que ama, dos verdadeiros e dos rectos, informou-o de que na cidade só imperava o mal, que os seus habitantes ansiavam matá-lo, pelo que devia deixá-la imediatamente. Foi então que, de acordo com a ordem divina, o Santo Profeta emigrou para Medina. Contudo, nem assim os seus inimigos o deixaram em paz, pois perseguiram-no e tentaram destruir o Islão de todas as formas possíveis.

Quando os excessos dos infieis atingiram o limite, e eles se tornaram merecedores do castigo pela morte de muitos inocentes, os Muçulmanos receberam permissão para combater em auto-defesa e repelir os ataques dos infieis. Essas pessoas e aqueles que as ajudaram, mereceram este tratamento por terem assassinado tantos inocentes, não em luta ou batalha, mas por pura maldade desenfreada e para lhes roubarem os seus bens. Apesar de tudo isto, quando Meca foi conquistada pelo o nosso Santo Profeta, a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele, este perdoou-lhes. É, portanto, totalmente errado e injusto pensar que o Santo Profeta, a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele, ou os seus Companheiros alguma vez lutaram para dilatar a fé ou que obrigaram outros a aderirem às fileiras do Islão.

Devemos referir também que, como naquele tempo todos se opunham ao Islão, como os seus inimigos planeavam destruí-lo por o considerarem uma nova religião, como os seus seguidores mais não eram do que uma pequena comunidade, como todos ansiavam ver os Muçulmanos rapidamente destruídos ou aniquilados, sem qualquer probabilidade de sobrevivência ou desenvolvimento, aos Muçulmanos dessa altura foram proibidas as coisas mais ínfimas e os membros de uma tribo que aceitassem o Islão e se tornassem muçulmanos eram de imediato mortos pela tribo ou viviam perpetuamente em perigo.

Numa época como esta, condoendo-se dos Muçulmanos

convertidos, Deus Todo Poderoso impôs aos governantes fanáticos o castigo de se submeterem ao Islão e abrirem, assim, as portas da sua libertação. O objectivo era remover os obstáculos do caminho daqueles que desejavam aceitar a Fé; foi a compaixão de Deus para com o mundo e não prejudicou ninguém.

Porém, é evidente que os governantes não muçulmanos de hoje não interferem com o Islão, cujas práticas essenciais não proíbem. Não matam, prendem ou torturam os novos Muçulmanos. Então, porque é que o Islão tem de levantar a sua espada contra eles? É obvio que o Islão nunca defendeu a compulsão; se examinarmos cuidadosamente o Sagrado Corão, os livros de Hadith e os registos históricos, e na medida do possível os estudarmos ou ouvirmos seriamente, compreenderemos que a acusação, de que o Islão utilizou a espada para propagar a fé pela força é totalmente infundada e vergonhosa e que foi feita por pessoas que não leram o Corão, os Hadithes e as verdadeiras histórias do Islão com espírito de imparcialidade, e apenas usaram livremente a falsidade e as falsas acusações contra ele. Sei, porém, que está próximo o tempo em que aqueles que os famintos e sedentos da Verdade compreenderão claramente a verdade destas acusações. Podemos descrever esta fé como uma fé de compulsão, quando o Sagrado Livro, o Corão, afirma claramente não haver compulsão em religião, não ser permitido o uso da força para conseguir que alguém adira ao Islão? Podemos acusar este grande Profeta de usar a força contra outros, se ele, noite e dia, durante treze anos, exortou todos os seus Companheiros de Meca a não retribuir o mal com o mal, mas a esquecer e perdoar? Contudo, quando a maldade do inimigo atingiu extremos e todos começaram a preparar-se para pôr fim ao Islão, o ciumento Deus pensou ter chegado o momento em que aqueles, que primeiro utilizarem a espada, deveriam ser aniquiladas por ela. Exceptuando isto, o Sagrado Corão não aprova a compulsão. Se esta fosse aprovada pelo Islão, os Companheiros do Santo Profeta, a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele, não se teriam comportado, em momentos de tribulação, como pessoas de sincera e verdadeira fé. Não obstante, acho que não é necessário mencionar aqui a lealdade e fidelidade

dos Companheiros do nosso Mestre, o Santo Profeta, a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele. Não é segredo que entre eles há exemplos de lealdade e fidelidade sem igual nos anais de outras nações. A lealdade e firmeza deste grupo de fiéis não vacilou mesmo sob a sombra da espada. Pelo contrário, na companhia do seu Grande e Santo Profeta, eles deram prova de uma firmeza que nenhum homem é capaz de dar a não ser que o seu coração e o seu peito estejam iluminados com a luz da verdadeira fé.

Em resumo, não existe compulsão em religião. São três as categorias das guerras do Islão:

- (1) Guerras defensivas, ou seja, a guerra para auto-protecção;
- (2) Guerras punitivas, isto é, sangue por sangue; e
- (3) Guerra para assegurar a liberdade, por exemplo, para pôr fim ao poder daqueles que matam os que aceitam o Islão.

Portanto, no Islão, se não há autorização para obrigar alguém aderir por compulsão ou ameaça de morte, é totalmente absurdo esperar a vinda de um Sanguinário Mahdi ou de um Sangrento Messias. É impossível que contra os ensinamentos do Corão, apareça um homem que use a espada para originar Muçulmanos. Isto não é tão difícil de compreender ou algo acima do nosso entendimento. Só os insensatos, graças ao seu egoísmo, acreditam nesta crença, porque a maioria dos Maulvis trabalham com a ideia preconcebida de que as guerras empreendidas pelo Mahdi lhes trarão quantidade imensa de riquezas, que não serão capazes de as guardar. Como a maioria é actualmente muito pobre, espera dia e noite o aparecimento de um Mahdi que pensa vir satisfazer os seus desejos egoístas. Portanto, estas pessoas tornam-se contrárias àquelas que não acreditam na aparição do tal Mahdi, declarando-o Kafir (infiel) e expulsando-o do Islão. Assim, eu próprio sou um Kafir aos olhos destas pessoas, porque não acredito na aparição do suposto Mahdi nem de um Messias Sanguinário. Não, odeio estas ideias absurdas e desprezo-as. Fui declarado kafir não só por causa da minha negação à aparição do suposto Mahdi e do Messias em que eles acreditam, mas também porque o declarei publicamente. Deus informou-me em

revelação de que eu próprio sou o verdadeiro e autêntico Messias Prometido, que é também o verdadeiro Mahdi, e de que as notícias da sua aparição poderão ser encontradas na Bíblia e no Corão e cuja vinda é também prometida nos Hadithes, de que não sou, no entanto, possuidor de nenhuma espada e de nenhum canhão. Deus ordenou-me que convidasse as pessoas com humildade e gentileza para Ele, que é o verdadeiro Deus Eterno e Imutável, que tem perfeita Santidade, perfeito Conhecimento, Misericórdia e Justiça perfeita.

Eu sou a luz desta época de trevas e aquele que me seguir será salvo de cair na fogueira preparada pelo Demónio para os que estão na escuridão. Fui enviado por Deus para levar a humanidade até ao verdadeiro Deus, com paz e humildade, e para estabelecer os valores morais do Islão. Deus forneceu-me os sinais celestiais para satisfazer os pesquisadores da verdade e em meu apoio tem feito coisas maravilhosas. Revelou-me os segredos do não visto e do futuro, que, de acordo com os Livros Sagrados, é sinal do verdadeiro pretendente a uma missão divina, e concedeu-me o Conhecimento puro e sagrado. Portanto, as almas que odeiam a verdade e se alegram com a escuridão, voltaram-se contra mim, mas decidi ser o mais compassivo possível para com a humanidade. Assim, nesta era, a maior compaixão pelos Cristãos é que a sua atenção seja atraída para o verdadeiro Deus, que está isento de defeitos como nascer e ter de morrer. Deus que fez os corpos celestes de forma esférica, e que na Sua lei da natureza estabeleceu este ponto de guia espiritual segundo o qual há n 'Ele, como numa esfera, Unidade e ausência de direcção. Por esta razão, aquilo que ocupa espaço não foi feito triangular. Isto é, as coisas que Deus criou primeiro (a terra, o céu, o sol, a lua e todas as estrelas e elementos), são esféricas e a sua natureza esférica aponta para a Unidade. Portanto, não pode existir maior compaixão para os Cristãos do que serem guiados até Deus, cujas criações O declaram livre da ideia de trindade.

A maior compaixão para com os Muçulmanos é que eles deverão ser reformados moralmente e que deverá ser feito um esforço para dissipar as suas falsas esperanças sobre a aparição de um Sanguinário

Mahdi e Messias, que é totalmente contrário aos ensinamentos islâmicos. Tenho afirmado que a ideia de alguns Ulemas sobre o dia em que aparecerá um Sangrento Mahdi que difundirá o Islão com a ponta da espada se opõe totalmente ao ensinamento corânico e que é o resultado da avareza e egoísmo. Para um Muçulmano recto e amante da verdade abandonar estas crenças e ideias deverá bastar o estudo cuidadoso do Corão e considerar que a sagrada palavra de Deus é completamente contra a ameaça de morte para forçar alguém a aderir ao Islão. Este argumento apenas é, em poucas palavras, suficiente para refutar as ideias acima descritas com provas positivas e claras da história.

Neste livro, tentarei provar que Jesus, a paz esteja com ele, não morreu na cruz e não subiu ao céu, nem se poderá esperar que venha novamente à terra, mas, que pelo contrário, morreu com 120 anos de idade em Sirinagar, Caxemira, e que o seu túmulo poderá ser visto nesta cidade na rua Khan Yar.

Dividi esta pesquisa em dez capítulos e um epílogo, que incluem os testemunhos da Bíblia, do Sagrado Corão e do Hadith, dos livros de medicina, de registos históricos, das tradições orais transmitidas de geração em geração, provas de evidências circunstanciais, o argumento racional e da recente revelação que Deus me fez. Estas provas constituem no total oito capítulos. No capítulo nove, farei uma breve comparação entre o Cristianismo e o Islão e apresentarei argumentos a favor da verdade do Islão. No capítulo dez, os leitores encontrarão um relatório detalhado do objectivo para cuja realização fui divinamente nomeado; apresentarei provas de que sou o Messias Prometido e de que fui enviado por Deus. Para terminar, no epílogo, serão dadas algumas instruções.

Espero que os leitores deste livro o leiam com atenção e que por preconceitos não rejeitem a verdade nele contida. Desejo lembrar que esta obra não é apenas uma investigação superficial, porque as provas nela contidas foram encontradas após profunda e intensa investigação. Peço a Deus que me ajude nesta tarefa e me guie pela sua revelação e inspiração especial para a perfeita luz da Verdade, porque todo o verdadeiro Conhecimento e clara compreensão provém d'Ele e só com a Sua

Permissão posso guiar os corações humanos para a verdade. Amen!
Amen!

Mirza Ghulam Ahmad
Qadian, 25 de Abril de 1899

(*) Guerra Santa

(1) Alguns dos Ahl-i-Hadiz afirmam impertinente e injustamente nos seus livros que a vinda do Mahdi está eminente: que ele será preso pelos governantes britânicos na Índia e que o rei cristão será preso e levado à sua presença. Estes livros podem ainda ser encontrados nas casas destes Ahl-i-Hadiz, sendo um deles Iqtarab-us-Saat, de autoridade bem conhecido Ahl-i-Hadith, e na Pág. 64 encontrarão o referido tema.

ahmadia.org.br

Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso

Capítulo I

Embora saibamos que os Cristãos acreditam que Jesus, a paz esteja com ele, subiu ao céu, depois da sua detenção graças à traição de Judas Iscariote; e da sua crucificação - e ressurreição - na Bíblia Sagrada comprova-se, no entanto, que esta crença é totalmente errada. Mateus (XII, 40) diz que, tal como Jonas esteve três dias e três noites na barriga de um peixe, também o Filho do Homem estará três dias e três noites nas entranhas da terra. É evidente que Jonas não morreu dentro da barriga da baleia; o que provavelmente aconteceu foi ele ter desmaiado ou perdido os sentidos. O Livros Sagrados de Deus testemunham que Jonas, pela graça de Deus, permaneceu vivo na barriga da baleia e saiu vivo, e que, o seu povo acabou por o aceitar. Se Jesus, a paz esteja com ele, tivesse morrido na barriga da baleia, que semelhança poderia existir entre um homem morto e outro que estava vivo e como seria possível comparar um vivo com um morto?

Como foi um verdadeiro profeta e sabia que Deus, por quem era amado profundamente, o salvaria de uma morte maldita, Jesus fez uma profecia em forma de parábola que narra que Deus lhe revelou que não morreria na cruz nem entregaria a alma no maldito lenho, mas que como o Profeta Jonas, passaria apenas por um estado de inconsciência. Na parábola, referiu também que sairia do interior da terra e se juntaria ao seu povo e que, como Jonas, seria honrado por ele.

Esta profecia também se cumpriu. Depois de sair das entranhas da terra, Jesus encaminhou-se para as suas tribos que viviam no Oriente, Caxemira, Tibete, etc, ou seja, as dez tribos de Israelitas que 721 anos (1) antes de Jesus, de Samaria tinham sido feitas prisioneiras e levadas por Salmaneser, rei de Assur. Estas tribos chegaram finalmente à Índia e

estabeleceram-se em várias partes do país. Fosse como fosse, Jesus deve ter feito a viagem, porque o objectivo divino, subjacente à sua aparição, era que ele se reunisse aos Judeus perdidos que se tinham fixado em diferentes partes da Índia e que, na realidade, eram as ovelhas extraviadas de Israel que nestes países tinham abandonado a sua fé ancestral e cuja maioria adaptara o Budismo, assumindo gradualmente a idolatria. Baseando-se na autoridade de muitas pessoas ilustres, o Dr. Bernier afirma nas suas "Viagens" que os habitantes de Caxemira são na realidade judeus que, no momento da diáspora da época do Rei de Assur, emigraram para este país (2).

De qualquer maneira, Jesus, a paz esteja com ele, precisava de encontrar estas ovelhas perdidas, que ao chegarem à Índia se misturaram com os autóctones. Apresentarei agora provas de que Jesus, a paz esteja com ele, chegou de facto à Índia e depois, por etapas, viajou até Caxemira, encontrando as ovelhas perdidas de Israel entre o povo que professava a fé budista. Por fim, estas pessoas aceitaram Jesus, tal como o povo do profeta Jonas o aceitou. Isto era inevitável, porque Jesus disse muitas vezes ter sido enviado às ovelhas perdidas de Israel.

Além disto, era necessário que Jesus escapasse à morte na cruz porque o Livro Sagrado afirmou que todo aquele que morria na cruz era maldito. É uma blasfémia cruel e injusta aplicar uma maldição a uma pessoa tão eminente como Jesus, o Messias, já que na opinião daqueles que conhecem a língua, "la nat", ou maldição, se refere ao estado do coração. Dir-se-á que um homem está amaldiçoado quando o seu coração, tendo sido afastado de Deus, fica totalmente escuro; quando privado da misericórdia e do amor divinos, fica totalmente desprovido do conhecimento de Deus e cego como o mal fica repleto de veneno da descrença; quando nele não há nem um pouco de amor nem conhecimento divino, quando se quebra o vínculo da lealdade entre ele e Deus, surge o ódio, o desprezo, o rancor e a hostilidade, até que Deus e ele se tornam inimigos mútuos; e quando Deus está cansado dele e ele de Deus; em resumo, quando ele herda todos os atributos do Demónio; é por esta razão que o Demónio se chama maldito (3).

É evidente que o significado da palavra "Mal'un", maldito, é tão infame que nunca poderá aplicar-se a uma pessoa justa com o coração cheio de amor de Deus. Infelizmente, os Cristãos não reflectiram no significado de maldição quando inventaram esta crença; aliás teria sido impossível usar uma palavra tão má num homem tão justo como Jesus. Podemos nós dizer que o coração de Jesus esteve alguma vez separado de Deus; que tivesse negado Deus, e que O odiasse, tornando-se seu inimigo? Podemos pensar que no seu coração, Jesus sentiu alguma vez estar afastado de Deus e imerso na escuridão da descrença e da negação? Assim, se Jesus nunca esteve neste estado, se o seu coração esteve sempre cheio de amor e da luz do Divino Conhecimento, para vós, pessoas inteligentes, a tarefa é ponderar se alguma vez podemos afirmar que não uma, mas milhares de maldições tenham descido de Deus sobre o coração de Jesus com todo o seu mau significado. Nunca! Então, como podemos dizer que Jesus (que Deus nos perdoe) foi maldito? É uma pena que depois de ter acreditado em alguma coisa, uma pessoa ao decidir sobre uma determinada crença, por muito claro que exponha o seu absurdo, não sinta necessidade de a rejeitar. Se o desejo de alcançar a salvação se basear num fundamento autêntico, é louvável, mas qual é o sentido de manter o desejo de salvação em relação a um santo profeta e a um homem perfeito, quando destrói a verdade e sustenta a crença de que passou por um estado em que se afastou de Deus e, ao contrário da unidade de coração e da unidade de inclinação, se produziu um desconhecimento e afastamento, inimizade e ódio, e que em vez de luz, a obscuridão cobriu o seu coração?

Da mesma maneira devemos ter em conta que isto não só diminui o mérito da profetização e do apostolado de Jesus, a paz esteja com ele, mas ataca também a sua afirmação de eminência espiritual, santidade, amor e conhecimento de Deus, expresso repetidas vezes nos Evangelhos. Se olharmos para a Bíblia, nela Jesus afirma claramente que é a Luz do mundo; que é o Guia, que está em estado de grande amor com Deus, que foi honrado com um nascimento puro e é o amado Filho de Deus. Então, como é que apesar destas relações puras e sagradas pode atribuir-se a

Jesus uma maldição, com todas as suas implicações? Não é possível.

Portanto, não há dúvida de que Jesus não foi crucificado, isto é, de que não morreu na cruz, porque a sua personalidade não merecia a consequência subjacente que a morte na cruz acarretava. Ao não ter sido crucificado, ficou livre das impuras implicações de uma maldição e não há qualquer dúvida de que isto demonstra também que não subiu ao céu, já que a ascensão fazia parte de todo o plano e era consequência da crucificação. Portanto, quando ao provar-se que Jesus nunca foi maldito, não esteve no inferno três dias nem sofreu a morte, prova-se que é falsa a outra parte do plano, ou seja, que subiu ao céu.

Neste ponto, a Bíblia dá-nos mais provas, que apresento a seguir. Jesus afirmou: "Depois de ter ressuscitado, encontrar-vos-ei na Galilea" (Mateus, 26:32). Este versículo mostra claramente que Jesus, depois de sair do túmulo, foi para Galileia e não para o céu. As palavras de Jesus "depois de ter ressuscitado" não significam a vida depois da morte; porém como aos olhos dos Judeus e das pessoas simples ele tinha morrido na cruz, Jesus utilizou palavras previamente coerentes com o que no futuro pensariam dele. De facto, o homem que puseram na cruz, em cujas mãos e pés foram pregados cravos com uma violência tal que desmaiou de dor, ficou quase morto. Se esse homem foi salvo dessa calamidade e recuperou os sentidos, não seria um exagero dizer que ressuscitou? Não há dúvida de que, depois de ter sofrido tanto, foi um milagre Jesus ter escapado da morte; não foi um acontecimento comum, mas pensar que morreu, é errado. É verdade que nos livros do Novo Testamento existem palavras desse tipo, mas é um erro dos seus autores, semelhantes aos erros cometidos nos registos de outros acontecimentos históricos. Os comentadores que investigaram estes livros admitem que os livros do Novo Testamento têm duas partes:

(1) A instrução espiritual recebida pelos discípulos de Jesus, a paz esteja com ele, que é a essência dos ensinamentos do Evangelho.

(2) Os acontecimentos históricos, como a genealogia de Jesus, a sua prisão e o seu espancamento, a existência na sua época de

uma barca milagrosa, etc.

Estes aspectos foram registrados pelos próprios autores. Não foram revelados, mas transmitidos de acordo com as próprias opiniões do autor. Em algumas partes encontramos exageros impróprios, como a afirmação de que se todos os milagres e obras de Jesus fossem registrados em livros, estes não caberiam na terra. Que exagero há nesta afirmação!

Além disso, quando se fala é frequente descrever como morte a grande calamidade que desabou sobre Jesus. Quando um homem passa por uma experiência de vida e morte e acaba por ser salvo, o comentário geral expressa a ideia de forma idiomática: "foi ressuscitado" e nenhum povo, seja qual for o país a que pertence, terá dúvidas de expressar a ideia assim.

Depois de tudo o que foi dito, devemos ter presente que o Evangelho de Barnabé, que pode ver-se no Museu Britânico, afirma que Jesus não foi crucificado, nem morreu na cruz. Podemos perfeitamente dizer que, embora este livro não faça parte dos Evangelhos e seja simplesmente rejeitado, não há qualquer dúvida que é um livro antigo e pertence ao período em que os outros Evangelhos foram escritos. Não poderíamos considerá-lo como um livro de história dos tempos antigos e utilizá-lo como tal? Não se deduz deste livro que, pelo menos na época em que os acontecimentos da cruz tiveram lugar, algumas pessoas não aceitavam a ideia de que Jesus morresse na cruz?

Mais ainda. Quando nos próprios quatro Evangelhos há metáforas, como a que fala de uma pessoa morta, que não está morta, mas dorme, não é ilógico supor que um estado de inconsciência possa ser descrito como um estado de morte. Já disse que um profeta não pode mentir. Jesus comparou os seus três dias no túmulo com os três dias que Jonas passou na barriga da baleia. Isto demonstra apenas que, tal como Jonas permaneceu vivo na barriga da baleia, também Jesus permaneceu vivo durante três dias no túmulo. Os túmulos judaicos daquele tempo não eram como os actuais. Eram espaçosos e tinham uma abertura lateral, que era coberta com uma enorme pedra. Provarei a seguir que o túmulo de Jesus, recentemente descoberto em Sirinagar, Caxemira, é do mesmo tipo

daquele em que foi colocado quando estava desmaiado.

Em resumo, o versículo que acabei de citar mostra que Jesus, depois de sair do túmulo, foi para a Galileia. O Evangelho de Marcos diz que, depois de sair do túmulo, Jesus foi visto a percorrer o caminho que levava à Galileia e que depois se reuniu com os onze discípulos que estavam a comer; mostrou-lhes as mãos e os pés feridos, fazendo-os pensar que era um espírito. Então, disse-lhes:

"Vêde as minhas mãos e os meus pés: sou eu próprio. Tocai-me e vêde, porque um espírito não tem carne nem ossos, como vós vedes que eu tenho" (4).

"Deram-lhe uma posta de peixe cozido e um pedaço de favo de mel. Tomou-os e comeu-os perante eles" (5).

Estes versículos mostram com toda a certeza que Jesus nunca subiu ao céu; pelo contrário, ao sair do túmulo, dirigiu-se para a Galileia, como um homem comum, com roupas normais e com o seu corpo humano. Se tivesse ressuscitado depois da morte, como é que esse corpo espiritual podia ostentar as feridas infligidas na cruz? Que necessidade teria de comer? E se nessa altura precisou de comida, agora também continuaria a precisar.

Os leitores não devem ter ideias preconcebidas: a cruz dos Judeus não era como o patíbulo dos enforcados actuais, de onde sair com vida é praticamente impossível. A cruz daquela época não tinha corda em volta do pescoço da vítima; nem o condenado caía de uma prancha de madeira ficando dependurado. Pelo contrário, o condenado era simplesmente colocado na cruz, à qual as suas mãos e os seus pés eram cravados. Se após uma pessoa ter sido crucificada e pregada, se decidisse, um dia ou dois mais tarde perdoar-lhe a vida porque era suficiente o castigo já sofrido, era muito provável que fosse descida ainda com vida antes de os seus ossos se terem partido. Se a decisão fosse a morte, a pessoa era deixada na cruz pelo menos três dias. Não era permitido alimentá-la e ela ficava abandonada nestas condições, ao sol, durante três ou mais dias, quebrando-se-lhe os ossos e acabando por morrer em resultado desta tortura.

Porém, a graça de Deus, Todo Poderoso, livrou Jesus desta tortura que teria posto fim à sua vida. Lendo o Evangelho cuidadosamente, vemos que Jesus, a paz esteja com ele, não ficou na cruz três dias, nem sofreu sede, nem fome durante esse período, nem os ossos lhe foram partidos. Pelo contrário, Jesus só ficou duas horas na cruz, e a graça e a misericórdia de Deus fizeram com que a crucificação tivesse lugar ao fim do dia, uma sexta-feira, poucas horas antes do pôr do sol, sendo o dia seguinte sábado, a festa dos Judeus. Segundo o seu costume, era ilegal e um crime deixar uma pessoa na cruz no sábado, ou durante a noite anterior. Como os Muçulmanos, os Judeus observavam o calendário lunar, considerando o pôr do sol como o início do dia. Assim, por um lado, havia esta circunstância, desencadeada por causas terrenas e, por outro, Deus Todo Poderoso criou circunstâncias extraordinárias. Na hora sexta, levantou-se de repente uma grande tempestade de pó, que escureceu a terra durante três horas (6). Esta sexta hora ocorreu depois das doze, isto é, perto do entardecer. Assim, os Judeus ficaram amedrontados com a horrível escuridão, não fosse a noite de Sábado surpreendê-los e não fossem eles ser castigados por terem violado a santidade do Sábado. Portanto, tiraram apressadamente Jesus e os dois ladrões da cruz. A acrescentar a tudo isto, houve outra causa celeste. Quando Pilatos presidia ao tribunal, a mulher enviou-lhe uma mensagem, dizendo para não fazer nada àquele homem justo (isto é, que não tentasse puni-lo com a morte) porque nessa noite tivera um sonho que a perturbara muito (7). Assim, o anjo que a mulher de Pilatos viu em sonho, assegura-nos e a todos os de mente recta que Deus nunca tencionou que Jesus morresse na cruz. Desde a criação do mundo, Deus nunca sugeriu em sonhos que uma determinada coisa aconteceria de determinada forma, e no entanto nada viesse a acontecer. Por exemplo, o Evangelho de Mateus diz que um anjo do Senhor apareceu a José num sonho e disse: "Levanta-te e leva a criança e a sua mãe para o Egipto e fica lá até eu dizer; porque Herodes vai procurar a criança para a matar" (8). Alguém pode dizer que Jesus seria morto no Egipto? De modo semelhante, o sonho da mulher de Pilatos foi uma informação dos designios de Deus e o seu objectivo não

poderia nunca falhar. E tal como a possibilidade de Jesus morrer durante a viagem para o Egipto ia contra uma determinada promessa de Deus, também é impensável que o anjo de Deus Todo Poderosos aparecesse à mulher de Pilatos e a mandasse dizer que não seria bom para ela que Jesus morresse na cruz. Neste caso, a aparição do anjo teria sido em vão e seria permitido que Jesus morresse na cruz. Existe algum exemplo disto no mundo? Nenhum. A pura consciência de todos os homens bons, ao terem conhecimento do sonho da mulher de Pilatos, testemunhará que o objectivo desse sonho era na realidade estabelecer a base para a salvação de Jesus.

Como é evidente, qualquer pessoa tem sempre a possibilidade de rejeitar a verdade mais certa, por preconceitos oriundos da sua religião, mas a justiça obriga-nos a acreditar que o sonho da mulher de Pilatos é uma grande prova que apoia a fuga de Jesus da cruz. Mateus, que ocupa o primeiro lugar entre os Evangelhos, registou esta evidência. Portanto, embora as evidentes provas que apresentarei neste livro invalidem a divindade de Jesus e a doutrina da Expição, a honestidade e o amor à justiça exigem-nos que não sejamos parciais com uma crença comum ou habitual sobre uma questão de facto. Desde o dia da criação até à actualidade, o intelecto limitado do homem tem considerado como sendo divindades milhares de coisas, incluindo gatos e cobras. Contudo, com a ajuda do céu, as pessoas inteligentes permanecem a salvo da maldade dessas crenças politeístas.

Entre os testemunhos da Bíblia que apoiam a fuga de Jesus da morte na cruz está a sua viagem a um lugar distante, ao qual se dirigiu depois de sair do túmulo. Na manhã de domingo, Jesus encontrou primeiro Maria Madalena, que imediatamente informou os discípulos de que Jesus estava vivo, mas eles não acreditaram. Depois, foi visto por dois discípulos que saíam para o campo; e finalmente apareceu aos onze discípulos quando estavam a cear e censurou a sua insensibilidade e falta de fé (9). Quando dois discípulos se dirigiam para a aldeia de Emaús, a 3'75 milhas Jerusalem, Jesus juntou-se a eles, e quando se aproximaram da aldeia, adiantou-se para se afastar deles, mas os discípulos não o

deixaram, dizendo que nessa noite estariam juntos. Então Jesus jantou com eles e todos passaram a noite no lugar chamado Emaús (10).

Dizer que Jesus fez isto tudo com o seu corpo espiritual, cuja natureza se supõe ser a do corpo depois da morte, tudo o que só poderia fazer com um corpo físico (como, por exemplo, comer e beber, dormir e fazer uma grande viagem à Galileia, a 70 milhas de Jerusalem), é dizer algo impossível e contrário à razão. Apesar de as narrativas dos Evangelhos diferirem devido às tendências individuais, os textos tal como estão, mostram claramente que Jesus encontrou os seus discípulos com o seu corpo humano mortal, empreendeu uma longa viagem a pé para Galileia, mostrou as feridas aos discípulos, jantou com eles ao entardecer e dormiu na sua companhia.

Dever-se-á ponderar agora se, depois de adquirir um corpo espiritual eterno, ou seja, depois de ter adquirido esse corpo imortal que lhe dava o direito de, liberto da necessidade de comer e beber, se sentar à mão direita de Deus e de não ter feridas, dores nem doenças, esse corpo continuava a sofrer de um defeito -apesar de ter a glória do Deus Eterno e Imortal: o de o seu corpo apresentar as feridas recentes da cruz e dos cravos, sangrentas e muito dolorosas (para as quais foi preparado um unguento), e que, depois de receber este corpo glorioso e imortal, eternamente são, sem falhas, perfeito e imutável, esse mesmo corpo continuaria a sofrer de outros defeitos de muitos tipos; o próprio Jesus mostrou aos seus discípulos a carne e os ossos do seu corpo e sofreu também a agonia da fome e da sede, que são necessidades do corpo mortal. Por outro lado, Jesus precisava mesmo de fazer coisas inúteis como comer e beber água, descansar e dormir durante a viagem para Galileia? Não há dúvida de que a fome e a sede neste mundo são dolorosos para o corpo mortal, e que, em caso de excessos, podem revelar-se fatais.

Portanto, não há dúvida de que Jesus não morreu na cruz nem adquiriu um corpo espiritual, mas que ficou num estado de incoscência semelhante à morte. Pela graça de Deus, o túmulo em que Jesus foi posto não era como os deste país, pois eram compartimentos amplos e arejados.

Naquela época, os Judeus faziam os túmulos espaçosos como um quarto amplo, com uma abertura, e esses túmulos estavam sempre prontos para os corpos serem colocados neles, quando chegasse a ocasião. Os Evangelhos dão testemunhos claros disto. Lucas diz: "Mas no primeiro dia da semana, muito cedo, (quando ainda estava escuro), elas, (as mulheres) voltaram ao sepulcro levando consigo os aromas que elas próprias prepararam, e alguns outros. Encontraram a pedra afastada do sepulcro, reparai bem! entraram e não viram o corpo do Senhor Jesus" (11). Pensemos por um momento na palavra "entraram". É evidente que um homem só pode entrar num túmulo que seja como um quarto e tenha uma abertura. No devido tempo exporei neste livro que o túmulo de Jesus, a paz esteja com ele, recentemente descoberto em Sirinagar, Caxemira, tem uma abertura como esta. Este é um ponto interessante que, quando for ponderado, levará os investigadores a uma grande e importante conclusão.

Entre os testemunhos dos Evangelhos contam-se as palavras de Pilatos, registadas por Marcos: "E quando caiu a noite, porque era a Preparação, ou seja, a véspera do Sábado, veio José de Arimateia, um honroso conselheiro, que também esperou o Reino de Deus, que corajosamente foi ter com Pilatos, a quem pediu o corpo de Jesus. Pilatos ficou surpreendido por Jesus já estar morto (12). Isto mostra que, no tempo da crucificação, se pôs a dúvida de Jesus estar realmente morto, dúvida essa levantada por uma pessoa que sabia por experiência quanto tempo uma pessoa demorava a morrer na cruz.

Outro testemunho dos Evangelhos é o versículo: "Então os Judeus, visto ser o dia da Preparação, para os corpos não ficarem na cruz no sábado -pois esse era um grande dia - pediram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas e fossem retirados. Vieram então os soldados e quebraram as pernas ao primeiro, depois ao segundo dos que tinham sido crucificados com ele. Ao chegarem a Jesus, vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados perfurou-lhe o lado com uma lança e logo saiu sangue e água" (13).

Estes versículos mostram claramente que, para pôr fim à vida de

um crucificado, era hábito nessa altura mantê-lo na cruz vários dias e depois partir-lhe as pernas. Contudo, as pernas de Jesus não foram propositadamente partidas e ele foi tirado vivo da cruz, como aconteceu com os dois ladrões. Foi por este motivo que do seu lado saiu sangue, quando foi traspassado pela lança. No entanto, o sangue congela depois da morte e também aqui parece que tudo isto foi o resultado de uma conspiração. Pilatos era um homem temente a Deus e de bom coração, que não podia mostrar-se abertamente a favor de Jesus com receio de César, pois os Judeus tinham declarado que Jesus era um rebelde. Apesar disso, Pilatos teve a sorte de ver Jesus, mas César não viu Jesus; o primeiro não só viu Jesus, mas mostrou-lhe também uma grande graça - não queria que Jesus fosse crucificado. Os Evangelhos referem claramente que Pilatos decidira várias vezes deixar Jesus partir em liberdade, mas os Judeus disseram-lhe que se o fizesse seria desleal para com César e também que Jesus era um rebelde que queria ser rei (14).

E o sonho da mulher de Pilatos incitou ainda mais a libertação de Jesus. Mas se tivessem agido em contrário, Pilatos e a mulher ter-se-iam exposto à desgraça. Porém, como os Judeus eram um povo maldoso, prontos até a informarem secretamente César da acção de Pilatos, este utilizou um estratagema para salvar Jesus. Primeiro, decidiu que a crucificação teria lugar a uma sexta-feira, apenas algumas horas antes do pôr-do-sol e prestes do cair da noite do Grande Sábado. Pilatos sabia perfeitamente que os Judeus, de acordo com os mandamentos da sua lei, só podiam manter Jesus na cruz até ao anoitecer, já que depois dessa hora era ilegal manter alguém na cruz. Tudo aconteceu de acordo com o plano e Jesus foi retirado da cruz antes do anoitecer. É improvável que os ladrões que foram crucificados na mesma altura que Jesus tivessem ficado vivos e que Jesus tivesse morrido duas horas mais tarde. Foi uma desculpa inventada para poupar Jesus de lhe quebrarem as pernas. O facto de ambos os ladrões terem sido retirados da cruz com vida é prova suficiente para uma pessoa inteligente; e tirar as vítimas da cruz com vida era a prática habitual. Os crucificados só morriam se os ossos lhes fossem partidos ou se ficassem na cruz sem alimento ou bebida durante alguns

dias. Mas Jesus não passou por nenhuma destas experiências - não ficou nenhum número de dias na cruz, nem os ossos lhe foram partidos e fazendo parecer que Jesus morrera na cruz os Judeus foram obrigados a esquecer tudo. No entanto, os ladrões foram mortos de imediato, ao serem-lhes partidos os ossos. Teria sido diferente se, a respeito de um dos ladrões, também tivesse sido dito que estava morto e não era necessário partir-lhe os ossos.

Então, um homem de nome José - um amigo honrado de Pilatos, uma pessoa notável da região e um discípulo secreto de Jesus - surgiu na altura certa. Suponho mesmo que também ele foi chamado por sugestão de Pilatos. E como Jesus foi dado como morto, o seu corpo foi entregue a José, que era um homem possante com quem os Judeus não queriam discutir. Chegado ao local, José carregou Jesus como se fosse um corpo morto, embora, na realidade, estivesse inconsciente. Perto, havia uma casa espaçosa construída, segundo o costume da altura, como se fosse um túmulo, com uma abertura e situada num local, onde os Judeus não costumavam ir. Jesus foi colocado nesta casa, por sugestão de Pilatos.

Estes acontecimentos tiveram lugar catorze séculos depois da morte de Moisés e Jesus era o Restaurador da lei israelita no século XIV. Embora neste século XIV os Judeus estivessem à espera do Messias Prometido e as profecias dos profetas anteriores também o referissem como o do seu aparecimento, infelizmente, os indignos sacerdotes dos Judeus não reconheceram a ocasião e rejeitaram o Messias prometido, considerando-o um impostor. Mas isto não foi tudo. Declaram-no Kafir, chamaram-lhe apóstata, pronunciaram o decreto de morte contra ele e arrastaram-no para o tribunal. Isto mostrou que Jesus reunira no século XIV as influências que endureceram os corações dos homens e os seus sacerdotes mundanos, cegos e inimigos da verdade. No entanto, se compararmos o século XIV depois de Moises com o século XIV depois "daquele que é como" Moisés - o nosso Santo Profeta (a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele)- demonstrará, primeiro, que em cada um destes séculos houve um homem que afirmou ser o Messias Prometido, uma pretensão verdadeira com a autoridade de Deus. Em segundo lugar,

veremos também que os sacerdotes do povo declararam que ambos eram Kafirs, chamaram-lhes incrédulos e Dajjals, emitiram fatwas (sentencias) de morte contra eles e levaram-nos a tribunal - num caso, um tribunal romano, noutro um tribunal inglês. Ambos acabaram por ser salvos e os sacerdotes -judeus e muçulmanos - viram os seus intentos falhados. Deus tencionara criar grandes comunidades para ambos os Messias e derrotar os desígnios dos seus inimigos. Em resumo, o século XIV depois de Moisés e o século XIV depois do nosso Santo Profeta (a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele) foram para os seus respectivos Messias uma prova e - com o decorrer do tempo- uma benção.

Entre os testemunhos que mostram que Jesus, a paz esteja com ele, foi salvo da cruz, conta-se Mateus, XXVI:36-46, versículos que narram que, depois de receber, através da revelação, informação da sua prisão eminente, Jesus rezou a Deus durante toda a noite, prostrado e em lágrimas. Essa oração, oferecida com tanta humildade e para a qual Jesus tinha bastante tempo, não podia deixar de ser aceite, pois o grito de um eleito de Deus, proferido numa altura de provação, nunca é rejeitado. Então, como é que se explica que tenha sido rejeitada a oração de Jesus dirigida a Deus durante toda a noite com o coração dorido e num estado de dor? Jesus dissera: "Pai, que estás no céu, ouve-me". Portanto, se a sua oração, rezada num tal estado de dor, não foi ouvida, como é que pode dizer-se que Deus ouvia as suas orações? Os Evangelhos mostram também que Jesus, a paz esteja com ele, tinha a certeza de que a sua oração fora aceite, pois a sua confiança nela era grande. Foi por este motivo que, quando foi preso e crucificado e viu que as circunstâncias não estavam de acordo com as suas perspectivas, gritou involuntariamente "Eli, Eli, lamma sabachtani", que significa, "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?", pois não esperava que viesse a morrer na cruz, já que acreditava que a sua oração seria ouvida.

Por conseguinte, as duas referências ao Evangelho mostram que Jesus acreditava firmemente que a sua oração seria ouvida e aceite e que as suas lacrimosas súplicas, feitas durante toda a noite, não seriam vãs, visto que ele próprio tinha ensinado aos seus discípulos, com divina

autoridade: "Sempre que orarem, as vossas orações serão ouvidas". Aliás, Jesus também narrou a parábola do juiz que não temia os homens nem Deus e o objectivo desta parábola era mostrar aos discípulos que não havia qualquer dúvida de que Deus ouvia sempre as orações. Embora Jesus soubesse por Deus que lhe estava reservada uma dura experiência, como todas as pessoas rectas, ele orou crente de que a Ele nada era impossível e que era Deus quem determinava se um acontecimento ia ter lugar ou não. Portanto, a rejeição da oração de Jesus ia diminuir a fé dos seus discípulos. Como era possível pôr ante os seus discípulos um exemplo destrutivo da sua fé? Se eles tivessem visto, com os seus próprios olhos, que as orações de um grande profeta como Jesus, feitas durante toda a noite com grande paixão, não eram aceites, esse infeliz exemplo teria sido uma prova penosa para a sua fé. Mesmo assim, o Misericordioso Deus não podia ter deixado de aceitar as suas orações. O certo é que as orações feitas em Getsemaní foram aceites.

Sobre esta questão devemos referir ainda outro ponto. Como havia uma conspiração para matar Jesus, e os sacerdotes e os escribas se reuniram no palácio do sumo sacerdote Caifás para discutir um plano para matar Jesus, também houve conspiração para assassinar Moisés, tal como houve uma reunião secreta em Meca, no lugar chamado Dar-ul-Nadwa, para matar o nosso Santo Profeta, a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele. Mas o poderoso Deus salvou estes dois grandes profetas dos desígnios maldosos. A conspiração contra Jesus teve lugar, cronologicamente, entre as outras duas. Então, porque é que Jesus não seria salvo, se tinha orado com mais veemência do que os outros? Porque razão as orações de Jesus não seriam ouvidas, se Deus ouve as orações dos seus amados servos, frustrando os planos dos malvados?

Todos os rectos sabem que as orações dos aflitos e angustiados são aceites. De facto, a hora da aflição para uma pessoa recta é a hora do sinal. Eu próprio tive essa experiência pessoal. Há dois anos um tal Dr Martin Clark, um cristão residente em Amristrar, no Punjab, apresentou contra mim uma falsa acusação de tentativa de assassinato perante o tribunal do Distrito de Gurdaspur, alegando que eu mandei um homem de

nome Abdul Hamid matar o referido médico. Aconteceu que várias pessoas pertencentes às três comunidades, isto é, Cristãos, Hindus e Muçulmanos, testemunharam contra mim e fizeram todo o possível para me incriminar. Os Cristãos tinham contra mim a razão de queixa de que estava a tentar - como continuo a tentar actualmente - livrar a humanidade da falsa noção cristã sobre Jesus, e esta foi a primeira prova do tratamento que recebi deles. Os Hindus estavam contra mim, porque eu fiz uma profecia sobre a morte de um deles, Lekt Ram, um pandit, com o seu consentimento, e a profecia cumpriu-se no tempo designado, um sinal terrível vindo de Deus. Do mesmo modo, os Maulvis muçulmanos estavam encolarizados, porque me opus à ideia de um sanguinário Messias e à doutrina da Jihad como eles a entendem. Assim, algumas importantes personalidades destas três comunidades, reuniaram-se em segredo, com o objectivo de provar a acusação de assassinato contra mim, para eu ser enforcado ou preso. Foram, pois, pessoas injustas aos olhos de Deus, que me informou disto antes da sua reunião secreta, e da absolvição final. Estas revelações puras vindas de Deus tinham sido anunciadas anteriormente a centenas de pessoas e quando depois da revelação eu orei, "Senhor! salva-me desta aflição", foi-me revelado que Deus me salvaria e me livraria das acusações. Esta revelação foi verbalmente comunicada a mais de trezentas pessoas, muitas das quais ainda estão vivas. Os meus inimigos apresentaram em tribunal falsas testemunhas, que quase "provaram" a acusação. Deus revelou os factos de vários modos ao magistrado encarregado do caso, o Capitão W. Douglas, Comissário Adjunto de Gurdaspur, que ficou muito satisfeito ao comprovar a falsidade desta acusação. Assim, sem dar importância àquilo que o doutor, que também era missionário, pensava, o seu senso de justiça fê-lo absolver-me, de modo que tudo o que proclamei por autoridade da revelação divina sobre a minha absolvição a centenas de pessoas e em reuniões públicas, transformou-se em verdade, apesar da perigosa tendência das circunstâncias do caso. Mas isto não foi tudo, pois mais acusações destas e denúncias de carácter penal foram proferidas contra mim pelo motivo acima mencionado, e todos os casos foram levados a Tribunal. Porém,

antes Deus informava-me da origem e da conclusão de todo o plano, e em todos eles foi-me dada a satisfatória notícia da minha absolvição.

A questão é que Deus Todo Poderoso aceita, sem dúvida, as orações, sobretudo quando os seus servos mais fiéis O procuram, oprimidos. Deus ouve as suas aflições e ajuda-os de diferentes formas e disto eu próprio sou testemunha. Porque motivo, então, e que a oração de Jesus feita em tamanha agonia não seria aceite? Não há dúvida, de que foi aceite. Deus salvou-o criando na terra e no céu circunstâncias adequadas. O profeta Jahja, João, não teve tempo para rezar, porque o seu fim tinha chegado, mas Jesus teve toda a noite para orar, o que fez de pé e prostrado perante Deus, porque Deus quis que expressasse a sua aflição e que lhe pedisse para o salvar, porque para Ele nada é impossível. Assim, o Senhor, de acordo com a sua eterna prática, ouviu as suas orações. Os Judeus proferiram uma falsidade quando, ao crucificarem Jesus, escarneceram dele por confiar em Deus. Porque é que não o salvou? Porque anulou os desígnios dos Judeus e salvou o seu amado Messias da cruz e da maldição a ela ligada. Os Judeus falharam.

Entre os testemunhas do Evangelho que chegaram até nós podemos ler o versículo de Mateus: "Que caia sobre vós o sangue dos rectos derramado sobre a terra, desde o sangue do recto Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem mataram entre o templo e o altar. Em verdade, vos digo, todas estas coisas acontecerão nesta geração". (15) Ora se pensardes nestes versículos, comprovareis que Jesus, a paz esteja com ele, afirma claramente que a morte dos profetas às mãos dos Judeus cessou com o profeta Zacarias e que, depois dele, os Judeus já não teriam poder para matar mais nenhum profeta. Esta é uma grande profecia que mostra sem qualquer dúvida que Jesus, a paz esteja com ele, não morreu em resultado da crucificação, mas foi salvo da cruz, morrendo muito depois de morte natural. Pois se Jesus, a paz esteja com ele, tivesse de sofrer também a morte por assassinato, como Zacarias, às mãos dos Judeus, ele teria indicado nestes versículos a sua própria morte. Se se afirmasse que Jesus, a paz esteja com ele, também foi morto pelos Judeus, não teriam sido estes a cometer o pecado, pois a morte de

Jesus teve a natureza de uma expiação. Esta afirmação é pouco crível, porque em João, XIX:11, Jesus afirma claramente que os Judeus foram culpados de um grande pecado por terem decidido matá-lo; e, de igual modo, em muitos outros pontos há a alusão clara de que pelo crime de que eram culpados contra Jesus, os Judeus tinham-se tornado merecedores de castigo aos olhos de Deus (16).

Entre os testemunhos do Evangelho de que dispomos, conta-se o versículo de Mateus, que diz: "Em verdade, vos digo, alguns dos que estão aqui, não experimentarão a morte até que vejam o Filho do Homem regressar ao seu reino" (17). Igualmente, no versículo de João: "Jesus respondeu-lhe: "Se eu desejar que ele (o discípulo) fique (isto é, em Jerusalém) até ao meu regresso" (18). Isto significa: "Se eu desejar, João não morrerá até eu regressar". Estes versículos mostram claramente que Jesus, a paz esteja com ele, prometeu que algumas pessoas, entre as quais João, continuariam vivas até ele voltar. O cumprimento desta promessa era, portanto, inevitável. Por conseguinte, mesmo os Cristãos admitiram que, para uma profecia poder ser considerada como cumprida, era inevitável a vinda de Jesus num momento em que algumas das pessoas daquela época ainda estavam vivas, para ver o seu cumprimento, de acordo com a sua promessa. Esta é a base da declaração do sacerdote, que diz que Jesus, de acordo com a sua promessa, foi a Jerusalém aquando da sua destruição e de que João o viu, pois estava vivo naquele tempo. Mas deve notar-se que os Cristãos não dizem que Jesus desceu dos céus com os seus sinais. Em vez disso, eles dizem que ele apareceu a João numa visão, para cumprir a sua profecia contida no versículo 28 do capítulo 16 de Mateus. Trata-se de uma fraca interpretação, que só com dificuldade evita as críticas apresentadas contra esta posição. Esta interpretação é totalmente errada e insustentável, pelo que não é necessário refutá-la, já que se Jesus tivesse de aparecer a alguém num sonho ou visão, uma profecia deste tipo seria ridícula (19).

Deste modo, Jesus apareceu também a Paulo. Parece que a profecia de XXVIII: 16 de Mateus causou pânico entre os sacerdotes, que não tinham conseguido dar uma explicação racional de acordo com as suas

próprias crenças, porque lhes era difícil dizer que, na altura em que Jerusalém foi saqueada, Jesus desceu dos céus em toda a sua glória e como um relâmpago que do céu ilumina a terra, todos o viram. Também não lhes era fácil ignorar a afirmação: "Alguns daqueles que aqui permanecerão, não experimentarão a morte até que vejam o Filho do Homem vindo do seu Reino". Portanto, devido a uma elaborada interpretação, acreditavam que a profecia se cumpriria em forma de visão. Isto porém, não é verdade, porque os bons servos de Deus aparecem sempre em visão aos eleitos; e para uma visão nem sequer é necessário que apareçam só em sonhos. Não, eles podem mesmo ser vistos em estado de vigília. Eu próprio experimentei estes fenómenos.

Eu vi Jesus, a paz de Deus esteja com ele, muitas vezes num Kashf (uma visão em estado de vigília) e conheci alguns profetas quando estava totalmente acordado. Muitas vezes, acordado vi também o nosso Chefe, Mestre e Líder, o Profeta Muhammad, a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele, com quem falei, num estado de vigília com o qual o sonho ou a sonolência nada têm a ver. Estando acordado, também conheci alguns mortos nas suas sepulturas ou noutros lugares e falei com eles. Sei muito bem que falar com os mortos em estado de vigília é possível, pois podemos não só encontrarmo-nos, mas também falar e até apertar as mãos. Nesta experiência, entre este estado e o comum estado de vigília, não há diferença. Concluimos que estão neste mesmo mundo; têm as mesmas orelhas, os mesmos olhos e a mesma língua, mas uma profunda reflexão revela um universo diferente. O mundo não conhece este tipo de experiência, porque vive uma vida de indiferença. Esta experiência é um presente dos céus e destina-se àqueles que são dotados de novos sentidos. Isto é um facto real e verdadeiro.

Portanto, quando Jesus apareceu a João depois da destruição de Jerusalém, embora tenha sido visto por ele em estado de vigília e embora tenham conversado e apertado as mãos, este incidente nada tem a ver com a profecia. Estes fenómenos acontecem frequentemente no mundo; mesmo agora, se pensar um pouco, posso, com a graça de Deus, em estado de vigília, ver Jesus ou qualquer outro profeta. Estes encontros não cumprem

a profecia (contida em Mateus, XVI: 28).

Portanto, o que aconteceu realmente foi que Jesus sabia que seria salvo da cruz e emigraria para outra terra, que Deus nunca o deixaria morrer, nem o levaria deste mundo, enquanto não assistisse à destruição dos Judeus, e que não morreria antes de colher os frutos do reino, dados pelos céus aos que são espiritualmente eminentes. Jesus fez esta profecia para dar aos seus discípulos a segurança de que veriam os sinais de que aqueles que ergueram a espada contra ele seriam mortos pela espada durante a sua própria vida e na sua presença. Se, portanto, esta prova tem algum valor este é o de que não existe para os Cristãos prova maior do que esta: Jesus nas suas próprias palavras profetizou voltaria ainda em vida alguns deles.

Deveremos notar também que os Evangelhos contêm dois tipos de profecias sobre a vinda de Jesus. (1) A promessa de que nos últimos dias, a sua vinda será de carácter espiritual e assemelhar-se-á à segunda vinda do profeta Elias, na época de Jesus. Assim, como Elias, já apareceu nesta época; e eu sou o autor deste livro, um servo da humanidade, que vim como Messias Prometido em nome de Jesus, a paz esteja com ele. Jesus anunciou a minha vinda nos Evangelhos. Abençoado é aquele que, por respeito a Jesus, pondera honesta e verdadeiramente na minha vinda, e salva-se do erro (2). O outro tipo de profecias mencionadas nos Evangelhos sobre a segunda vinda de Jesus tem sido assinalado, na realidade, como prova da vida que, pela graça de Deus; permaneceu intacta durante a experiência da cruz. Deus salvou da morte na cruz o seu eminente servo, como implica a profecia agora mencionada. Os Cristãos laboram num erro ao confundir estes dois contextos e por isso eles estão confusos e têm de enfrentar muitas dificuldades. Em resumo, o versículo de XVI de Mateus é uma prova muito importante que apoia a fuga de Jesus da cruz.

Entre os testemunhas dos Evangelhos que chegaram até nós, conta-se o seguinte versículo de Mateus: "Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem, e então todas as tribos da terra chorarão, e eles verão o Filho do homem vir nas nuvens do céu com poder e grande

glória". (Mateus, XXIV: 30). O significado deste versículo é: Jesus, a paz esteja com ele, diz que virá num tempo em que dos céus (isto é, como resultado do poder da divina intervenção) apareceriam o conhecimento, argumentos e provas que invalidariam a crença na sua divindade, na sua morte na cruz e na sua subida aos céus e vinda posterior; que o Céu seria testemunha das mentiras daqueles que, como os Judeus, negaram ser ele um verdadeiro profeta, e que devido à crucificação o consideraram um homem maldito, pois está claramente provado que não morreu na cruz e, portanto não é maldito; que todas as nações da terra que exageraram ou se afastaram do verdadeiro caminho, sentiriam vergonha do seu erro; que, nesta mesma época, quando este facto for demonstrado, as pessoas veriam a descida metafórica Jesus à terra, isto é, nesses mesmos dias o Messias Prometido, que viria com o poder e o espírito de Jesus, apareceria com todos os sinais brilhantes, apoio do céu, poder e glória que seriam reconhecidos. Este versículo, explicado com mais detalhe, significa que o desígnio de Deus criou a personalidade de Jesus e fez com que uns acontecimentos da sua vida de maneira que uns exagerrassem e outros minimizassem a sua condição. Isto é, algumas pessoas exaltam-no acima da sua categoria de ser humano, ao ponto de dizerem que ainda não morreu e que continua vivo nos céus. Outros, superando isto, dizem que, tendo morrido e ressuscitado na cruz, subiu ao céu e está investido de todos os poderes da divindade e dizem também que ele é o próprio Deus. Outras pessoas, os Judeus, afirmam que Jesus morreu na cruz, e que por isso (que Deus me perdoe por dizer isto) será sempre maldito e está destinado a ser objecto da perpétua ira divina; Deus está descontente com ele e olha-o como um inimigo odiado; Jesus é um mentiroso, um impostor e (que Deus me perdoe) um Kafir, um grande descrente, que não proveio de Deus. Estes exagero e detração foram tão injustos que era impossível que Deus não livrasse o Seu verdadeiro profeta destas acusações.

O versículo do Evangelho agora mencionado mostra este facto. A afirmação de que todas as tribos da terra chorariam sugere que todas as tribos, às quais se aplica a descrição subjacente à palavra "nação", chorariam naquele dia, bateriam no peito, lamentar-se-iam e a sua aflição

seria grande. Neste ponto, os Cristãos deverão considerar que se o versículo diz que todas as nações bateriam no peito, como é que eles nada têm a ver com essa lamentação? Não são eles uma nação? Se, segundo este versículo, os Cristãos estão incluídos entre aqueles que batem no peito, porque é que não prestam atenção à sua salvação? O versículo afirma claramente que; quando aparecer nos céus o sinal de Jesus, todas as nações da terra lamentar-se-iam. Assim, aquele que disser que a sua tribo não chorará está a negar Jesus. Porém, um povo de número reduzido não pode ser aquele descrito na profecia, pois não é correcto descrevê-lo como "nação"; nós somos esse povo ou tribo, pois somos a única comunidade fora do significado e âmbito desta profecia, uma vez que por ter poucos membros a ela não pode aplicar-se a palavra "nação" ou "tribo". Jesus, por inspiração divina, afirma que, quando aparecer um sinal nos céus; todos os povos do mundo, que pelo seu elevado número sejam descritos como "tribo" ou "nação", baterão no peito arrependidos, e não haverá excepção, a não ser um povo pequeno, ao qual a palavra "nação" não se aplicará. Nem os Cristãos, nem os Muçulmanos, nem os Judeus, nem nenhum outro povo incrédulo poderão salvar-se desta profecia. Só a nossa Comunidade não é abarcada por esta designação, porque ela foi semeada pela mão de Deus. A palavra de um profeta nunca pode falhar. Quando as palavras contêm a indicação de que todas as nações do mundo chorarão, qual destes povos pode ficar fora deste âmbito? Neste versículo, Jesus não admite qualquer excepção e o grupo que, entretanto, não tenha alcançado a dimensão de "tribo" ou "nação", é, de qualquer modo, uma excepção: a nossa Comunidade.

Esta profecia cumpriu-se com toda a clareza nos dias de hoje, porque a verdade agora descoberta sobre Jesus é indubitavelmente a causa da tristeza de todas estas tribos, pois expôs os erros de todas elas. O clamor e os gritos dos Cristãos a favor da divindade de Jesus serão choros de tristeza; a insistência dos Muçulmanos, dia e noite, na ascensão de Jesus, transforma-se em choro e lamentos; e os Judeus perderão tudo. É necessário referir aqui que a afirmação contida no citado versículo, ou seja, que naquela época todas as nações da terra demonstrariam o seu

arrependimento batendo no peito, o termo "terra" significa Badal-i-Shma (Palestina e Síria), países com os quais estes três povos estavam relacionados: os Judeus, por ser o seu lugar de origem e de culto; os Cristãos, porque Jesus aí apareceu e porque foi aí que nasceu a primeira comunidade cristã; e os Muçulmanos, porque serão os herdeiros daquela terra no Dia do Juízo Final. Se a palavra "terra" abranger todos os países, mesmo nesse caso não haverá qualquer dificuldade, pois quando a verdade se afirmar por si própria, a vergonha cairá sobre todos os incrédulos.

Entre os testemunhos que nos chegaram através dos Evangelhos, conta-se a afirmação seguinte, no Evangelho de Mateus: "E foram abertas as sepulturas, e os corpos de muitos santos mortos ressuscitaram e, saindo do sepulcro depois da ressurreição dele (de Jesus), entraram na Cidade Santa, e apareceram vivos" e apareceram a muitos (20). Não existe a menor dúvida de que o que está mencionada no Evangelho, ou seja que, depois da ressurreição de Jesus, os santos saíram dos túmulos e apareceram vivos a muitos, não se baseia num facto histórico. De facto, se assim fosse, o Dia do Juízo Final teria sido determinado neste mesmo mundo e aquilo que tivesse sido mantido em segredo, como prova de fé e sinceridade, seria manifestado a todos. A fé não seria fé, e para os crentes e incrédulos ficaria clara a natureza do mundo futuro, tal como é evidente a existência da lua, do sol e da alternância do dia e da noite. Deste modo, a fé não seria algo valioso e querido ao ponto de merecer recompensa.

Se o povo e os antigos profetas de Israel, cujo número ascende aos milhares, realmente tivessem ressuscitado no momento da crucificação e tivessem aparecido na cidade, vivos, se esse milagre o da Ressuscitação simultânea de grande número de profetas e santos realmente fosse uma prova da verdade e divindade de Jesus, os Judeus teriam uma excelente oportunidade de confirmar com os profetas ressuscitados e os outros santos, assim como com os seus próprios antepassados mortos, se era ou não realmente verdade que Jesus era Deus como afirmava. Provavelmente os Judeus não iriam perder esta oportunidade. Indagariam sobre Jesus, porque queriam consultar os mortos para saber se podiam ser ressuscitados. Por conseguinte, quando centenas de milhar de mortos

ressuscitassem e chegassem à cidade, a cada bairro e a cada canto, como poderiam os Judeus perder uma oportunidade como essa? Perguntariam não a um ou a dois, mas a milhares; e quando os mortos entrassem nas suas respectivas casas, nelas seria grande o alvoroço, porque milhares deles tinham sido devolvidos ao mundo. Falar-se-ia muito em cada casa e todos perguntariam aos mortos se eles sabiam se o homem que se auto-denominava Jesus, o Messias, era realmente Deus. Mas como era de esperar, os Judeus não acreditavam em Jesus, nem os seus corações abrandaram. Antes pelo contrário, a sua dureza aumentou, pois parece provável que os mortos não tenham proferido uma palavra favorável a seu respeito. Eles devem ter respondido sem hesitação que este homem reclamava falsamente a divindade, e estava a mentir contra Deus.

Foi por esse motivo que os Judeus não desistiram do seu erro, apesar de centenas de milhares de profetas e apóstolos terem ressuscitados. Tendo "morto" Jesus, eles tentaram matar os outros. Como é possível acreditar que seriam devolvidos à vida centenas de milhares de santos, que de Adão a S. João Batista jaziam nas suas sepulturas nessa terra abençoada, que viriam todos pregar à cidade e que todos eles se levantariam e testemunhariam a milhares de pessoas que Jesus, o Messias, era realmente o Filho de Deus, melhor dizendo o próprio Deus? Que só ele devia ser adorado; que deviam renunciar as suas antigas crenças, pois, caso contrário, iriam para o inferno, que estes santos tinham eles próprios testemunhado; e que apesar de toda esta irrefutável prova dada por testemunhas oculares, procedente de bocas de centenas de milhares de santos mortos, os Judeus não tenham desistido da sua negação? Pessoalmente, não estou preparado para acreditar nisso. Portando, se centenas de milhar de santos, profetas e apóstolos, que estavam mortos, tivessem ressuscitado e chegado à cidade para dar o seu testemunho, este foi sem dúvida desfavorável, pois eles não podiam nunca ter dado testemunho da divindade de Jesus. Esta deve ser a razão pela qual os Judeus, tendo ouvido a prova dada pelos mortos, se mantiverem fiéis à sua descrença. Jesus desejava que eles acreditassem na sua divindade, mas eles, em resultado desta prova, negaram que ele fosse sequer um

profeta.

Em resumo, estas crenças - de que estas centenas de milhar de mortos ou qualquer pessoa morta antes dessa altura tenha sido ressuscitada por Jesus - tem um efeito altamente pernicioso, pois a ressurreição dos mortos não tinha qualquer objectivo. Uma pessoa que tenha visitado um país distante e regresse à sua cidade natal após muitos anos de ausência, tem a tendência natural de contar aos outros as suas experiências curiosas e relatar-lhes histórias maravilhosas sobre o país que visitou, não ficando muda nem silenciosa quando se reúne com os seus amigos e familiares depois de um longo período de separação, pois nestas ocasiões, os outros estão ansiosos por saber sobre aquela terra. Se por acaso, aparecesse ali uma pessoa pobre e de aparência humilde, mas que, no entanto afirma ser o rei do país, cuja principal capital foi visitada por outra pessoa, e que afirma ter um estatuto superior mesmo a todos os outros reis, essas pessoas perguntariam, sem dúvida, ao viajante se aquele homem, que naquele momento está de visita no seu país é realmente o rei daquele distante país. Então os viajantes, de acordo com o que viram, responderiam a estas perguntas. Sendo assim, a ressurreição dos mortos por Jesus, era algo digno de ser acreditado, no caso de que as prova sobre a que os mortos deviam ter sido interrogados - interrogação essa que era natural -levou a um resultado útil. Porém, não é isso que acontece aqui. Além da suposição de que os mortos foram ressuscitados, somos também obrigados a supor que os mortos não deram qualquer prova favorável a Jesus, que nos levasse a acreditar na sua verdade: pelo contrário, eles preferiram apresentar provas que aumentassem a confusão. Terá, talvez, sido dito que foram alguns animais que foram ressuscitados, e não seres verdadeiramente humanos? Isso teria resolvido muitos problemas. Por exemplo, teria sido bastante razoável se o que tivesse sido dito foi que Jesus devolvera à vida milhares de bois, e se neste caso tivesse sido levantada a objecção sobre qual prova dada por estes animais mortos, alguém teria respondido imediatamente que eles apenas eram bois, que não tinham língua para dar um testemunho favorável ou desfavorável! Contudo, os mortos que Jesus ressuscitou eram seres humanos.

Suponhamos que hoje era perguntado a alguns Hindus se ainda tinham alguma dúvida sobre a verdade de uma determinada religião, no caso de dez ou vinte dos seus antepassados já mortos serem ressuscitados e de eles terem de confirmar que esta ou aquela religião era a verdadeira? Eles nunca diriam que não. Portanto, devemos ter a certeza de que não existe nenhum homem em todo o mundo que persista ainda na sua descrença e negação depois de uma revelação desta natureza.

É pena que, na invenção destas histórias, os Sikhs do nosso país tenham sido mais bem sucedidos que os Cristãos. Os Sikhs deram prova da sua astúcia na arte de inventar histórias, pois dizem que o seu Guru, Baba Nanak, ressuscitou certa vez um elefante morto. Isto é um milagre que não admite a objeção acima mencionada, pois os Sikhs podem dizer que o elefante não tem língua para explicar se testemunha a favor ou contra Baba Nanak. Em resumo, as pessoas comuns, dotadas de pouca inteligência contentam-se com estes "milagres", mas as pessoas inteligentes tornam-se objecto da crítica de outras pessoas e ficam preocupadas, pois são envergonhadas perante aqueles a quem estas histórias ridículas são contadas.

Como eu sinto o mesmo carinho, amor, e sinceridade por Jesus que os Cristãos - não, tenho por ele um afecto ainda mais profundo, porque os Cristãos não conhecem o homem que louvam, mas eu conheço aquele que louvo, porque o vi muitas vezes -, vou prosseguir revelando agora a verdadeira natureza das narrativas dos Evangelhos, como a de que na altura da crucificação, os santos foram ressuscitados e desceram à cidade.

Portanto, que não haja qualquer dúvida de que narrativas como estas têm a natureza de um Kashf, ou visão, tido depois da crucificação por algumas pessoas santas - que os santos mortos foram ressuscitados e visitaram os habitantes da cidade. Assim como os sonhos têm a sua interpretação, mencionada mesmo no Livro Santo de Deus - por exemplo, o sonho de José foi interpretado - esta visão também devia ter uma interpretação própria, que dizia que Jesus não morreu na cruz, mas que Deus o resgatou dessa morte. Se me for perguntado como tive

conhecimento desta interpretação, responderei que as principais autoridades em interpretação afirmam isto e que todos os intérpretes deram testemunho da sua própria experiência. Cito aqui as palavras de uma importante e antiga autoridade na arte da interpretação, o autor de T'atirul-Anam.

Vide Kitab T'atirul Anma fi T'abirul-Manam de Qubutz-Zaman Shaij Abdul Ghani Al-Nablis, Pág. 289, cuja tradução diz que se alguém tem um sonho ou visão da natureza de um Kashf, em que os mortos saem das suas sepulturas e regressam as suas casas, a sua interpretação é de que um prisioneiro é libertado das suas cadeias e das mãos dos seus inimigos. O contexto mostra que este prisioneiro seria um grande e alto personagem. Reparemos agora como esta interpretação se aplica com razão a Jesus e podemos compreender facilmente que os santos mortos ressuscitados se dirigiram à cidade para assinalar esse facto, para que os dotados de inteligência soubessem que Jesus foi salvo da morte na cruz.

Assim, também muitas outras referências nos Evangelhos mostram claramente que Jesus não morreu na cruz, mas que foi salvo e emigrou para outras terras. Porém, creio que o que afirmei é suficiente para os que não têm preconceitos.

É possível que algumas pessoas alberguem nos seus corações a objecção de que os Evangelhos afirmam repetidamente que Jesus morreu na cruz e depois foi devolvido à vida e subiu aos céus. Já respondi sucintamente a esta objecção, mas volto a dizer que Jesus, a paz esteja com ele, se reuniu aos seus discípulos depois da crucificação, foi para Galileia, comeu pão e carne, mostrou as suas feridas, passou uma noite com os discípulos de Emaús, fugiu em segredo da jurisdição de Pilatos, emigrou, como era habitual os profetas fazerem, e viajou sob a sombra do temor. Todos estes acontecimentos são conclusivos de que ele não morreu na cruz, que o seu corpo conservou as suas características mortais e não sofreu qualquer alteração.

Nos Evangelhos não há qualquer prova de que alguém tivesse visto Jesus subir aos céu. Mesmo que essa prova existisse, ela não seria fidedigna, porque converter pequenas colinas em montanhas e tornar

grandes as coisas pequenas parece ter sido um hábito dos escritores dos Evangelhos. Por exemplo, se um disser que Jesus é o Filho de Deus, outro torna-o um verdadeiro Deus, um terceiro investe-o do poder de todo o Universo e um quarto afirma cegamente que ele é tudo e que além dele não existe outro Deus. Em resumo, os exageros levam estas pessoas cada vez mais longe. Se considerarmos a visão, segundo a qual os mortos foram vistos a sair da sepultura e dirigir-se para a cidade, verificamos que a ela é dada uma interpretação simples e aparente, indo mesmo ao ponto de dizer que os mortos se ergueram literalmente das sepulturas e foram para a cidade de Jerusalém, onde visitaram o seu povo. Reparai agora como a "pena" foi transformada em "multidão" e como depois a multidão já se transformara em muitos milhares. Quando as coisas são tão exageradas, não temos meios para descobrir a verdade. Aliás, é preciso ter em conta que estes Evangelhos, chamados Livros de Deus, contêm afirmações arriscadas. Como exemplo, podemos referir a que diz que se todas as obras de Jesus fossem reduzidas a escrito em todo o mundo não haveria espaço para elas! É este exagero o caminho da honestidade e a verdade? Se as obras de Jesus fossem tão ilimitadas, e não pudessem ser circunscritas a um determinado número de livros, como é que elas se limitaram a um período de três anos?

Outra dificuldade posta pelos Evangelhos é o facto de nos darem referências erradas sobre alguns dos livros anteriores e nem sequer apresentarem a genealogia correcta de Jesus. Pelos Evangelhos somos levados a crer que as pessoas não eram inteligentes, pois algumas delas tomaram Jesus por um fantasma. Desde os primeiros tempos que os Evangelhos foram acusados de não preservarem a pureza dos seus textos, e como houve muitos outros livros chamados Evangelhos, não há uma razão plausível para pensar que todas as afirmações destes outros livros devam ser rejeitadas e admitir como certas apenas aquelas que se encontram nos Evangelhos assim habitualmente designados. Ninguém pode dizer que os outros Evangelhos contenham infundados exageros como os que se encontram nos quatro Evangelhos. É surpreendente que, enquanto, por um lado, dizem que Jesus era uma pessoa justa de conduta imaculada,

por outro são apresentadas contra ele acusações inconcebíveis para uma pessoa justa. Por exemplo, os profetas israelitas, segundo os ensinamentos da Torah, tiveram sem dúvida centenas de esposas num determinado momento para multiplicar a geração de pessoas justas, mas nunca se ouviu dizer que uma mulher impura e adúltera, uma conhecida pecadora da cidade, lhe tocasse o corpo com as mãos, lhes esfregasse a cabeça com óleo - a arte do seu modo de vida imoral - lhe secasse os pés com o seu cabelo, que permitisse que tudo isto fosse feito por uma jovem impura sem dizer "não o faça". Só pensando na bondade de Jesus podemos evitar a suspeita, que surge naturalmente quando vemos coisas assim. Todavia, o exemplo não é bom para outros.

Em resumo, estes Evangelhos contêm muitas coisas que mostram que não preservaram a sua forma original, ou que foram escritos por outras pessoas, que não os discípulos. Por exemplo, a afirmação do Evangelho segundo Mateus: "E isto é bem conhecido entre os Judeus até hoje" pode ser atribuída a Mateus? Isto não mostra que quem escreveu o Evangelho de Mateus foi outra pessoa que viveu quando Mateus já tinha morrido? O mesmo Evangelho de Mateus (21) diz: "Estes, reunidos com os velhos, discutiram e tomaram a decisão de dar muito dinheiro aos soldados, dizendo-lhes: "Digam": 'Os seus discípulos vieram à noite enquanto dormíamos e levaram-nos'. É fácil comprovar como estas afirmações são pouco convincentes e irracionais. Se o significado desta declaração é que os Judeus quiseram ocultar a ressurreição de Jesus, subornaram os soldados para este grande milagre não ser publicamente conhecido, por que razão Jesus, cujo dever era proclamar este grande milagre entre os Judeus, guardou este segredo e até proibiu os outros de o contar? Se se disser que Jesus temia ser apanhado, direi que quando o desígnio de Deus desceu sobre Jesus, que, depois de sofrer a morte, ressuscitou, assumindo um corpo espiritual e glorioso, que medo poderia ele ter tido dos Judeus se estes não tinham qualquer poder sobre ele, pois estava agora, além e acima da existência mortal?

Observamos com tristeza que, enquanto, por um lado, se diz que Jesus ressuscitou assumindo um corpo espiritual, se reuniu aos discípulos

e foi para a Galileia e depois subiu aos céus, apesar disso temia os Judeus em coisas banais e, que embora tivesse um corpo glorioso, fugiu em segredo do país, para não ser descoberto pelos Judeus; fez uma viagem de 70 milhas para a Galileia para salvar a vida e voltou a pedir que isto não fosse divulgado. São estes os sinais e os modos de comportamento de um corpo glorioso? Não, a verdade é que o corpo não era glorioso, mas era exactamente o mesmo corpo, com as feridas, que foi salvo da morte porque continuava a recear os Judeus. Jesus, tomando todas as precauções, deixou aquela terra. Todas as afirmações contrárias a esta explicação são absurdas. Como exemplo, citamos aquela sobre os Judeus terem subornado os soldados para afirmarem que os discípulos roubaram o seu corpo enquanto (os soldados) dormiam. Se estavam a dormir, poderia perfeitamente ter-lhes sido perguntado como vieram a saber que o corpo de Jesus fora roubado. Apenas porque Jesus não estava no túmulo poderia alguém acreditar que ele tivesse subido aos céus? Não haveria outra explicação para os túmulos estarem vazios? Quando subiu aos céus, Jesus devia reunir-se com centenas de Judeus e também Pilatos. Quem temia no seu corpo glorioso? Jesus não se preocupou em dar aos seus inimigos a mais leve prova. Pelo contrário, fugiu rapidamente para a Galileia.

São estas as razões pelas quais acreditamos sem qualquer dúvida que, embora seja verdade que Jesus saiu do túmulo - uma câmara com uma abertura - e se reuniu em segredo com os discípulos, não é, no entanto, verdade que tivesse recebido um corpo novo e glorioso; o seu corpo era o mesmo, com as mesmas feridas, tendo no coração o mesmo medo que os malditos Judeus o voltassem a prender. Leiamos com muita atenção Mateus, XXVIII: 7-10 que afirmam claramente que as mulheres a quem foi dito que Jesus estava vivo e se dirigia para a Galileia e que em segredo o comunicaram aos discípulos, ficaram muito felizes ao ouvir esta notícia, mas acudiram com o coração aterrorizado porque receavam ainda que Jesus pudesse ser preso por algum Judeu maldoso. O nono versículo diz que, quando estas mulheres iam informar os discípulos, Jesus aproximou-se delas e cumprimentou-as. O décimo versículo afirma que

Jesus lhes disse que não tivessem medo (de ele ser preso), pediu-lhes que informassem os seus irmãos para irem todos para a Galileia (22); onde o veriam, pois não podia ficar em Jerusalém com medo dos seus inimigos.

Em resumo, se Jesus tivesse realmente ressuscitado depois da morte e tivesse assumido um corpo glorioso, o seu dever era fornecer aos Judeus provas dessa vida. Mas nós sabemos que ele não fez isso. Portanto, é absurdo acusar os Judeus de tentarem refutar a prova da sua ressurreição. Pelo contrário, com a sua fuga secreta e porque comeu, dormiu e mostrou as suas feridas, o próprio Jesus mostrou que não morreu na cruz.

NOTAS:

- (1) Além destes, outros Judeus foram exilados para países orientais devido a perseguição babilónica.
- (2) Dr. Bernier, "Viagens", Vol II
- (3) Vide os dicionários: Lisan-ul-Arab, Sihah Jauhar, Qamus, Muhit, Taj-ul-Arus, etc.
- (4) Lucas 24:39.
- (5) Lucas 24:42-43.
- (6) Marcos 15:33.
- (7) Mateus 27-19.
- (8) Mateus 2:13.
- (9) Mateus 16:9-14.
- (10) Lucas 24:13-31.
- (11) Lucas 24:1-3.
- (12) Marcos 15:42-44.
- (13) João 19:31-34.
- (14) João 19-12.
- (15) Mateus 23:35-36.
- (16) Mateus 26:24.
- (17) Mateus 16:28.
- (18) João 21-22.
- (19) Em alguns livros tenho lido interpretações de Mateus

XVI:28 feitas por Maulvis, mais elaboradas do que as dos Cristãos. Os Maulvis dizem que, quando Jesus declarou que um sinal da sua vinda era o facto de algumas pessoas daquela geração ainda estariam vivas e de um discípulo ainda viverem aquando do aparecimento do Messias, seria necessário que o discípulo vivesse até agora, porque o Messias ainda não veio. Estes Maulvis pensam que o discípulo está escondido algures numa montanha, à espera do Messias.

(20) Mateus 27:52.

(21) Mateus 28:12-13.

(22) Aqui, Jesus não consolou as mulheres dizendo que tinha ressuscitado com um corpo novo e glorioso, e que ninguém o poderia prender agora. Em resumo, Jesus não deu nenhuma prova do seu corpo glorioso, mas pelo contrário, mostrou a carne e os ossos, provando assim ser que o seu corpo era comum e mortal.

ahmadia.org.br

Capítulo II

DAS PROVAS DO SAGRADO CORÃO E DAS TRADIÇÕES AUTÊNTICAS PROVANDO A SOBREVIVÊNCIA DE JESUS

Os argumentos que apresentarei em seguida talvez pareçam sem valor, porque não se dirigem aos Cristãos, dado que estes não estão ligados às afirmações do Sagrado Corão ou do Hadith sobre esta questão. Contudo mostrar-vos-ei, porque desejo que os Cristãos conheçam um milagre do nosso Sagrado Corão e do Santo Profeta e saibam que a verdade descoberta depois de centenas de anos já foi proclamada pelo nosso Santo Profeta e pelo Sagrado Corão. É este o motivo pelo qual apresento a seguir algumas destas verdades.

Deus Todo Poderoso diz no Sagrado Corão: "Os Judeus não assassinaram Jesus nem o mataram na cruz; não, eles suspeitaram apenas que Jesus tinha sido morto na cruz; não tiveram provas que os convencessem nem os satisfizessem de que Jesus, a paz esteja com ele, tivesse realmente sido morto na cruz".

Nestes versículos, Deus Todo Poderoso afirma que, embora seja verdade que Jesus tivesse sido posto na cruz, e que os Judeus estivessem decididos a matá-lo, é porém, errado, que os Judeus e os Cristãos suponham que Jesus morreu realmente na cruz. Não, Deus criou circunstâncias que salvaram Jesus da morte na cruz. Mas, com justiça só é possível dizer que o que o Sagrado Corão disse contra os Judeus e Cristãos acabou por ser verdade. As investigações actuais mais desenvolvidas provaram que Jesus foi realmente salvo da morte na cruz. Um estudo dos documentos mostra que os Judeus nunca foram capazes de responder porque é que Jesus morreu em menos de duas ou três horas, se os seus ossos não foram partidos?

Isto levou os Judeus a fazerem outra afirmação: que mataram Jesus

com a espada, enquanto que a sua história antiga não diz que Jesus foi morto pela espada. A majestade e o poder do Divino Ser fez escurecer a terra para que Jesus pudesse ser salvo. Houve um tremor de terra e a mulher de Pilatos teve uma visão. A noite do Sábado estava a aproximar-se e era ilegal deixar um corpo crucificado na cruz e devido a este terrível sonho o magistrado romano dispôs-se a salvar Jesus.

Tudo isto foi feito em simultâneo por Deus para salvar Jesus. Jesus teve muito medo de que fosse tomado como morto. Através de sinais terríveis como o tremor de terra e outros, os Judeus foram levados a sentir cobardia e temor, bem como medo do castigo divino, aliado também ao medo de deixar os corpos na cruz durante a noite de Sábado. Por outro lado, ao verem-no desmaiado, os Judeus, pensaram que Jesus tinha morrido. Na escuridão, com o tremor de terra e com tanta agitação, os Judeus estavam preocupados com as suas próprias casas, pensando como é que os seus filhos se estariam a sentir naquelas circunstâncias. No seu coração, sentiam também o medo porque, se este homem era falso e um Kafir, como pensavam que era, por que razão foram manifestados sinais tão poderosos, jamais apresentadas antes, no momento do seu sofrimento? Estavam tão preocupados, que já não estavam em condições de tentar saber se Jesus na realidade morrera ou qual era exactamente a sua condição. O que aconteceu, todavia, foi um decreto divino para salvar Jesus. Isto é insinuado no versículo, ou seja, os Judeus não mataram Jesus, mas Deus fê-los pensar que o tinham matado. Esta circunstância encoraja os rectos a terem a maior confiança em Deus, pois Deus pode salvar os Seus servos como Lhe agradar.

Nos Sagrado Corão podemos ler o versículo: "O seu nome será Messias, filho de Maria, honrado neste mundo e no futuro, e por todos aqueles que mais se aproximarem de Deus".

Isto significa que, não só aqui, mas também no futuro, Jesus terá honra e eminência e será visto com grandeza pelas pessoas comuns. Fica agora evidente que Jesus não foi honrado na terra de Herodes e Pilatos, mas que, pelo contrário, foi desgraçado e humilhado. A afirmação de que seria honrado durante a sua segunda vinda à terra é infundada, o que é contra os livros sagrados e contra a divina lei da natureza. Não existe, porém, prova disso. Todavia, a verdade é que Jesus, tendo-se libertado desse povo maldito, foi para a terra de Punjab, honrando-a com a sua visita. Deus deu-lhe grande

eminência, pois nessa terra Jesus encontrou as dez tribos perdidas de Israel, cuja maioria tinha adoptado o Budismo, enquanto outras tinham degenerado em idolatria baixa. Porém, com a vinda de Jesus, a maioria das tribos retomou o caminho da rectidão. E como os ensinamentos de Jesus as exortavam a acreditar na vinda de um Profeta, as dez tribos tornaram-se conhecidas nesta terra como afegãos e caxemires e todas acabaram por se tornarem muçulmanas.

Foi assim que, com honra, Jesus chegou a essa terra de Punjab, onde recentemente foi descoberta uma moeda com o nome de Jesus, a paz esteja com ele, gravada em caracteres pali. Esta moeda, contemporânea de Jesus, o que prova a sua partida para essa terra onde recebeu honras reais, deve ter sido cunhada por um soberano que se tornou seguidor de Jesus. Foi encontrada outra moeda com a figura de um israelita, que parece ser também a de Jesus. No Sagrado Corão há também um versículo que diz que Jesus era abençoado por Deus onde quer que fosse. Assim, estas moedas mostram que Jesus recebeu grande honra de Deus e que só morreu depois de ter recebido honras reais. Do mesmo modo, o Sagrado Corão contém o versículo: "Ó Jesus, livrar-te-ei de acusações injustas, provarei a tua inocência e removerei as acusações que os Judeus e Cristãos fizeram contra ti".

É uma grande profecia esta, que diz que os Judeus alegaram que Jesus, por ter sido crucificado, se tornou (que Deus me perdoe) maldito, e que portanto perdeu o amor de Deus e que o seu coração, como a palavra maldito diz, se afastou de Deus, a ponto de o odiar. Foi coberto por um véu fino de escuridão; começou a amar o mal e a odiar o bem, saiu do caminho de Deus para ficar sob o domínio de Satã e criou inimizade entre ele e Deus. A mesma acusação - de que foi amaldiçoado - foi feita pelos Cristãos, que aliás combinam duas posições contrárias e opostas. Dizem que Jesus era Filho de Deus, mas também lhe chamam maldito. Mais ainda, admitem que alguém maldito é Filho da Escuridão e do Demónio ou é o próprio Demónio. Estas foram as sujas acusações dirigidas contra Jesus. A profecia contida no Corão mostra, porém, que chegará uma altura em que Deus isentará Jesus destas calúnias. Este é o tempo.

A inocência de Jesus foi sem dúvida provada para os conscienciosos pela evidência do nosso Santo Profeta, pois tanto ele como o Sagrado Corão testemunharam que todas as acusações contra Jesus (a paz esteja com ele)

eram infundadas. Esta evidência era, porém, algo demasiado sutil e semelhante a um argumento destinado a convencer as pessoas comuns. A justiça divina exigiu, portanto, que, tal como a crucificação de Jesus foi um acontecimento visível e bem conhecido, também a sua pureza deveria ser demonstrada da maneira visível a todos e estabelecida. A inocência de Jesus fundamenta-se não num mero argumento, mas foi demonstrada da maneira mais palpável por centenas de milhar de pessoas, cujos olhos físicos viram que existe em Siriganar, Caxemira, o túmulo de Jesus, a paz de Deus esteja com ele. E como ele foi crucificado em Golgotá, num lugar de "sri", também o seu túmulo foi descoberto num lugar de sri, isto é, Srinagar. A palavra "sri", comum aos nomes de ambos os lugares, é realmente impressionante. O lugar onde Jesus foi crucificado chama-se Gilgit ou "sri", e o lugar onde foi descoberto o seu túmulo nos fins do século XIX, também se chama Gilgit ou "sri". Parece que o lugar chamado Gilgit, em Caxemira, sugere a palavra "sri". Esta cidade foi provavelmente fundada na época de Jesus e em memória do acontecimento da cruz foi chamado Gilgit, isto é, "sri"; assim como Lhasa, que significa "Cidade de alguém merecedor de devoção"; esta palavra é de origem hebraica e sugere que a cidade tenha sido fundada no tempo de Jesus.

Narrativas fidedignas do Hadith mostram que o Santo Profeta disse que Jesus tinha 125 anos de idade. Além disso, todas as seitas do Islão acreditam que Jesus teve duas coisas excepcionais, que não se conhecem em nenhum outro profeta: (1) Viveu até uma idade muito avançada, isto é, até aos 125 anos; (2) viajou por muitas partes do mundo e foi conhecido como "o profeta viajante". É evidente que, se Jesus tivesse subido ao céu quando tinha apenas 33 anos de idade, a informação sobre os seu "125 anos" não seria verdadeira, nem ele poderia ter viajado tanto em apenas 33 anos. Estas informações não só se encontram nos livros fidedignos de Hadith, mas são também conhecidas de todas as seitas muçulmanas, não sendo sequer possível pensar em alguma outra coisa mais conhecida.

Kanz-ul-Ummal (Volume 2), um Livro do Hadith completo, tem na Pág. 34 um Hadith de Abu Huraira que diz: "Deus ordenou a Jesus, a paz esteja com ele: "Ó Jesus, desloca-te de um lugar para o outro", isto é, vai de um país para o outro para não seres reconhecido e perseguido.

No mesmo Livro, na narrativa de Jabar, está o Hadith (1) de que Jesus

costumava viajar, deslocando-se de um país para o outro e ao cair da noite, onde quer que se encontrasse, alimentava-se da vegetação das matas e bebia água pura.

Também, no mesmo Livro existe outra narrativa de Abdullah bin Umar (2). O Santo Profeta declarou que os mais favorecidos aos olhos de Deus são os pobres. Ao ser-lhe perguntado o que para ele significava pobres, o Santo Profeta respondeu serem aqueles que, como Jesus o Messias, fugiram do seu país por causa da sua fé.

NOTAS:

- (* Capítulo 3, V. 56
- (1) Volume 2, Pág. 71
- (2) Volume 6, Pág. 51

ahmadia.org.br

Capítulo III

AS PROVAS ENCONTRADAS NOS LIVROS DE MEDICINA

Uma prova de grande valor sobre a fuga de Jesus da cruz, e que ninguém pode rejeitar, é o medicamento conhecido como "Marham-i-Isa", isto é, o "Unguento de Jesus", registado em centenas de livros de medicina, alguns dos quais foram compilados por Cristãos, outros por Magos, ou Judeus, e outros ainda por Muçulmanos. A maioria destes livros é muito antiga. As investigações mostram que, no princípio, o medicamento se tornou conhecido por tradição oral entre centenas de milhar de pessoas, tendo posteriormente sido registado. Primeiro, mesmo no tempo de Jesus e pouco depois do acontecimento da cruz, foi compilada em latim uma obra farmacêutica, na qual se fazia a menção a esse medicamento e se afirmava ter sido preparado para as feridas de Jesus. Posteriormente, esta obra foi traduzida em diferentes línguas, até que na época de Manum-al-Rashid, foi traduzida para árabe. Aliás é um resultado estranho da intervenção divina, o facto de médicos eminentes de todas as religiões - Cristãos, Judeus, Magos ou Muçulmanos - o terem mencionado nos seus livros e terem afirmado que foi preparado pelos discípulos para Jesus.

Um estudo de livros sobre farmacologia mostra que este medicamento é eficaz em lesões provocadas por golpes ou quedas, parando imediatamente a hemorragia, e que devido à presença de "mirra", a ferida fica asséptica. O unguento também é bom para as chagas, as queimaduras e úlceras várias.

Porém, não está claro se o unguento foi preparado, por revelação divina, pelo próprio Jesus depois de ter sofrido os padecimentos da cruz, ou se foi preparado após a consulta de alguns médicos. Alguns dos seus ingredientes são específicos, especialmente a mirra, também mencionada na Torah. Em qualquer caso, após alguns dias de uso deste unguento as feridas curaram e, em menos de três dias, Jesus recuperou o suficiente para poder caminhar 70 milhas de Jerusalém à Galileia. Portanto, sobre a eficácia deste preparado pode dizer-se apenas que, enquanto Jesus curou outros, este preparado curou Jesus.

São mais de mil os livros que registaram este facto e mencioná-los aqui seria demasiado extenso. Aliás, como a receita é célebre entre os médicos Yunani, (os estudiosos da antiga medicina grega), não acho necessário nomear os títulos de todos estes livros. A seguir menciono apenas alguns títulos encontrados aqui.

Relação de livros que contêm uma menção do Marham-i-Isha, e uma declaração de que este medicamento foi preparado por Jesus, para as feridas do seu corpo.

Qanun, de Shaikh-ul-Rais Bu Ali Sina, Vol.III, pag. 133.

Sharah Qanun, de Allama Qutb-ud-Din Shirazi, Vol. III.

Kamil-us-Sanaat, de Ali Bin-al-Abbas Al-Majoosi, Vol. III pag. 602.

Kitab Majmua-i-Baqai, Muhammad Ismail, Mukhatif az Khaqan, de Khitab pidar Mohammad Baqa Khan, Vol.II, p. 497.

Kitab Tazkara-i-ul-Albab, de Shaikh Daud-ul-Zareer-ul Antaki, pag. 303.

Qarabadin-i-Rumi, compilado na época de Jesus y traduzido en árabe no reinado de Mamum al-Rashid, vide Doenças da pele.

Umdat-ul-Muhtaj, de Ahmad Bin Hasan al-Rashidi al-Hakim. Neste livro, Marham-i-Isa, e outros medicamentos, foram assinalados em talvez mais de uma centena de livros, todos eles em língua francesa.

Qarabadin, em persa, por Hakim Muhammad Akbar Arzani, Doenças da Pele.

Shifa-ul-Asqam, Vol.II, pag. 230.

Mirat-ush-Shafa, de Hakim Natho Shah (manuscrito) Doenças da Pele.

Zakhira-i-Khawarazm Shahi, Doenças da Pele.

Sharah Qanun Gilani, Vol. III.

Sharah Qanun Qarshi, Vol.III.

Qarabadin, de Ulwi Khan, Doenças da Pele.

Ilaj-ul-Amraz, de Hakim Muhammad Sharif Khan Sahib, pag. 893.

Qarabadin, Unani, Doenças da Pele.
Tuhfat ul-Momineen, na margem de Makzan-ul-Adwiya, pag. 713.
Muhit Fi-Tibb, pag. 367.
Aksir-i-Azam, Vol. IV, de Hakim Muhammad Azam Khan Sahib, Al Mukhabat ba Nazim-i-Jahan, pag. 331.
Qarabadin, de Masumi-ul Masum bin Karam-ud-Din Al Shustri Shirazi.
Ijala-i-Nafiah, de Muhammad Sharif Dehlavi, pag. 410.
Tibb-i-Shibri, conhecido também por Lawami Shibriyya, Syed Hussain Shibr Kazimi, pag. 471.
Makhzan-i-Sulaimani, tradução de Aksir Arabi, pag. 599, por Muhammad Shams-u-Din Sahib de Bahawalpur.
Shifa-ul-Amraz, traduzido por Maulana Al-Hakim Muhammad Noor Karim, 282.
Kitab Al-Tibb Dara Shakohi, de Nur-ud-Din Muhammad Abdul Hakim, Ain-ul-Mulk Al Shirazi, pag. 360.
Minhaj-ud-Dukan ba Dastoor-ul Aayan fi Aamal wa Tarkib al-Nafiah lil-Abdan, de Aflatoon-i-Zamana wa Rais-i-Awana Abdul-Mina Ibn Abi Nasr-ul-Atta Al Israili Al-Harooni (isto é, judeu), pag. 86.
Zubdat-ul-Tabb, de Syed-ul-Imam Abu Ibrahim Ismail bin Hasan-ul-Husaini Al-Jarjani, pag. 182.
Tibb-i-Akbar, de Muhammad Akbar Arzani, pag. 242.
Mizan-ul-Tibb, de Muhammad Akbar Arzani, pag. 152.
Sadidi, de Rais-ul-Mutakalimin Imamul Mohaqq-i-qin Al-Sadid-ul-Kazrooni, Vol. II, pag. 283.
Hadi Kabir, de Ibn-i-Zakariya, Doenças da Pele.
Qarabadin, de Ibn-i-Talmiz, Doenças da Pele.
Qarabadin, de Ibn-i-Abi Sadiq, Doenças da Pele.

Estes livros foram mencionados como exemplo. As pessoas mais eruditas, especialmente os médicos, sabem que, no passado, a maioria destes livros, era ensinada em lugares importantes sob domínio muçulmano; mesmo os sábios europeus estudaram-no. É um facto, e não é exagero dizer, que em todos os séculos houve milhões de pessoas que conheceram estes livros e que milhares delas os estudaram do princípio ao fim. Posso afirmar que nenhum

dos sábios da Europa e da Ásia ignoram os nomes de pelo menos alguns destes livros.

Quando foram fundadas universidades em Espanha, Qastmonia e Shantrin, a grande "Qanun" (Lei) Bu Ali Sina, um tratado de medicina de grande importância, em que se refere a receita de Marham-i-Isa, e outros livros semelhantes, como o "Shifa", "Isharat" e "Basharat" sobre ciência, astronomia e filosofia, eram estudados e aprendidos pelos europeus com grande interesse. Do mesmo modo, outras obras de Abu Nasr Farabi, Abu Raihan Israil, Thabit bin Qurran, Hunain bin Ishaq, Ishaq, etc. - todas elas luminárias do ensino - e as respectivas traduções em grego, eram também ensinadas. Ainda hoje podem ser encontradas traduções das suas obras na Europa. Como eram acérrimos defensores da medicina, os governantes muçulmanos prepararam traduções das melhores obras gregas. A autoridade suprema do califado pertenceu, durante muito tempo, a reis que desejavam ampliar mais os conhecimentos do que os seus domínios. Esta foi a razão pela qual não só encomendaram a tradução para árabe de livros gregos, mas convidaram também os sábios pandits da Índia a traduzir livros de medicina e outros, pagando-lhes uma elevada remuneração. O facto de prepararem traduções para latim e grego dos livros de medicina que como inscrição continham uma referência ao Unguento de Jesus e que registavam o facto de que o medicamento ter sido preparado para as feridas de Jesus, é uma das maiores dívidas para aqueles que procuram o verdadeiro conhecimento.

Eruditos do período islâmico, como Thabit bin Qurrah e Hunain bin Ishaq, que, além de medicina, eram versados em conhecimentos mais profundos das ciências e da filosofia, ao traduzirem o "Qarabadin" onde se encontrava uma referência ao "Marham-i-Isa", conservaram sabiamente, em caracteres árabes, a palavra "Shailija", que é uma palavra grega, para perpetuar a ideia de que o livro foi traduzido de uma obra farmacêutica grega. Este é o motivo pelo qual aparece em quase todos os livros a palavra "Shailija".

Convém ainda assinalar que, embora as moedas antigas sejam de grande valor, porque clarificam grandes mistérios da história, os livros antigos são mil vezes mais valiosos que as moedas e inscrições, dado que sempre foram do conhecimento de milhares de pessoas e ensinados como compêndios nos grandes centros de saber, ainda hoje é essa a sua utilização.

Nas moedas e inscrições existe, pelo contrário a possibilidade de fraude. Os livros estudados, quando compilados, tornaram-se conhecidos por milhares de pessoas e foram preservados e guardados por todas as nações e continuam actualmente a ser conservados. São provas tão valiosas, que as moedas e as inscrições não lhes podem ser comparadas. Poderá alguém indicar uma moeda ou inscrição que tenha alcançado uma difusão tão geral como o "Qanun" de Bu Ali Sina.

Em poucas palavras, o "Unguento de Jesus" constitui, para os investigadores da verdade, uma prova importante. Se não se acreditasse nesta prova, todo o testemunho histórico teria de ser rejeitado, pois além dos numerosos livros, perto de um milhar e até mais, contendo uma referência ao "Marham-i-Isa", eles e os seus autores são conhecidos por milhões de pessoas. Aquele que não aceita esta prova irrefutável, clara e firme, deve ser adverso a qualquer prova histórica. Pode alguma vez ignorar-se uma evidência tão convincente? Podemos duvidar de um testemunho tão importante, que foi divulgado na Europa e na Asia e que foi o resultado das afirmações de notáveis filósofos, judeus, cristãos, magos e muçulmanos?

Deixemos que os investigadores de mente recta analisem e reflectam sobre esta prova excelente. Merece uma prova tão esclarecedora ser ignorada? Não receberemos a Luz deste Sol da Verdade? É absurda a sugestão de que Jesus pudesse ter sido ferido antes da sua Chamada, ou em algum momento do seu ministério, mas não como resultado da crucificação, que as suas mãos ou pés pudessem ter sido feridos por outra razão, como por exemplo, uma queda de um telhado, e que o unguento tivesse sido preparado para esta lesão, porque antes da sua Chamada Jesus não tinha discípulos e a par da referência ao medicamento consta também uma referência aos discípulos. A palavra grega "Shailija", que significa "doze", está contida nestes livros. Antes da sua Chamada, Jesus não era considerado um homem importante a ponto de os acontecimentos da sua vida serem registados. O seu ministério durou apenas três anos e meio e, durante este período, não há nada escrito sobre qualquer acidente ou lesão, excepto o da cruz. Porém, caso alguém pense que os ferimentos de Jesus têm outra causa, que apresente provas, porque o acontecimento da cruz está provado e admitido de tal maneira que nem os Judeus nem os Cristãos o podem desmentir. Por conseguinte, a ideia de que Jesus foi ferido por outra causa não se baseia em

nenhum registo histórico, pelo que ficar com esta ideia é afastar-se conscientemente do caminho da verdade. A prova apresentada não poderá ser rejeitada com base numa sugestão tão absurda.

Ainda hoje dispomos de manuscritos. Eu próprio possuo um manuscrito do tempo do "Qanun" de Bu Ali Sina. Seria, portanto, totalmente injusto - como se matasse simplesmente a verdade - rejeitar uma prova tão transparente como esta.

Pensemos profunda e reflectidamente no facto de estes livros estarem ainda nas mãos de Judeus, Magos, Cristãos, Árabes, Persas, Gregos, Romanos, bem como de Alemães e Franceses e nas antigas bibliotecas de outros países da Europa e Ásia. É correcto repudiarmos uma prova como esta, cujo brilho ofusca a incredulidade? Se estes livros tivessem sido compilados apenas pelos Muçulmanos e se estivessem apenas na posse dos seguidores do Islão, talvez houvesse quem apressadamente concluísse que os Muçulmanos registaram com erro estes factos nos seus livros para atacar a fé cristã. Além das razões que exporei a seguir, não é, porém, isto o que se passa. Os Muçulmanos nunca poderão ser culpados de uma falsificação destas, pois, tal como os Cristãos, acreditam que, depois da crucificação, Jesus subiu imediatamente ao céu. Os Muçulmanos acreditam que Jesus não foi crucificado e que devido a crucificação não foi ferido. Então como é que poderiam falsificar uma afirmação contrária à sua própria crença? Aliás, quando estes livros de medicina em latim e grego, que continham a receita do "Unguento de Jesus" e a explicação de que fora preparado pelos discípulos de Jesus, a paz esteja com ele, foram compilados e dados a conhecer a centenas de milhar de pessoas, o Islão não existia ainda. Por outro lado, estes povos, isto é, Judeus, Cristãos, Muçulmanos e Magos opunham-se em matéria religiosa, pelo que o facto de não terem em conta as suas respectivas crenças sequer é prova evidente de que a preparação do medicamento era de tal maneira conhecida que não podia ser negado por nação ou comunidade alguma. É verdade, contudo, que até o momento do aparecimento do Messias Prometido, nenhuma destas pessoas pensou em aproveitar-se desta receita publicada em centenas de livros e conhecida de milhões de pessoas de diferentes nações.

A este respeito, não nos resta senão a alternativa de reconhecer que Deus quis - e assim destinou - que esta arma brilhante e a sua prova

reveladora da verdade, que destroi a crença da cruz, fosse dada a conhecer ao mundo pelo Messias Prometido. E o Santo Profeta profetizou que a fé na cruz não diminuiria, nem o seu progresso seria detido até ao aparecimento do Messias Prometido neste mundo. Seria às mãos do Messias Prometido que se realizaria a "Quebra de cruz". A profecia sugeria que, na época do Messias Prometido, Deus iria preparar circunstâncias que revelariam a verdade sobre a crucificação. Chegaria então o fim, o período de vida da crença na cruz ficaria concluído, mas não através da guerra ou da violência, mas apenas através de meios celestes, que se manifestariam ao mundo sob a forma de argumento e descobertas. Este é o significado do Hadith mencionado por Bukhari e outros.

Era, portanto, inevitável que o céu só revelasse estas provas e estes factos conclusivos de evidência aquando do aparecimento do Messias Prometido. E assim aconteceu. Da época do Prometido em diante os olhos abrir-se-iam e as pessoas mais inteligentes ponderariam sobre o problema, pois o Messias Prometido apareceu. Agora, os intelectos devem agudizar-se, os corações devem estar mais atentos; deve escrever-se com vigor e todos deverão preparar-se para a luta. As almas dos justos receberão o conhecimento e aqueles que estão preparados terão razão. Pois tudo o que brilha no céu brilhará também na terra. Abençoado e afortunado é aquele que partilha desta luz! Tal como os frutos surgem na estação devida, também a luz desce na altura certa; ninguém poderá obtê-la antes, nem detê-la depois. Existirão muitas diferenças e controvérsias, mas a verdade acabará por prevalecer, porque não é uma tarefa do homem; o filho do homem é impotente, porque isto vem de Deus, que muda as estações, move o tempo e converte a noite em dia e o dia em noite. Deus criou a escuridão mas ama a luz. Embora permita a existência do "Shirk" (crença politeísta) neste mundo, Deus ama o "Tauhid", isto é, a Unidade; Não Lhe agrada que a Sua glória seja entregue a nenhum outro. Desde o aparecimento do primeiro homem até ao desaparecimento do último sobre a face da Terra, a lei divina é que Deus apoia o Seu "Tauhid" ou Unicidade. O objectivo de todos os profetas enviados por Deus foi acabar com a adoração do homem e de outras criaturas a restabelecer a adoração a Deus. O serviço que esses profetas prestaram à humanidade foi ensinar a fórmula "Não existe mais ninguém digno de adoração a não ser Allah", que brilha na terra e no céu. O maior

profeta é aquele que mais fez para que esta fórmula brilhasse em todo o seu esplendor, quem expôs em primeiro lugar a impotência dos falsos deuses e provou a sua insignificância, com base na razão e no poder, e mais tarde, depois de tudo demonstrado, deixou a lembrança da sua vitória decisiva na fórmula. "Não há outro Deus senão Allah, e Muhammad é o Apóstolo de Allah". Não proferiu a fórmula "Não há nenhum Deus a não ser Allah" como vanglória, mas mostrou as provas, expôs os erros das falsas crenças e chamou depois os homens a comprovarem que não existe outro Deus além d'Ele, que destruiu todo o seu poder e despedaçou todo o seu orgulho. Para lembrar este facto demonstrado, ensinou a fórmula bendita. "Não existe outro Deus a não ser Allah e Muhammad é o Apóstolo de Allah".

ahmadia.org.br

Capítulo IV

AS PROVAS DOS LIVROS DE HISTÓRIA

Como contém provas de diversas categorias, o capítulo seguinte foi dividido, para maior clareza, em várias secções, que apresento a seguir:

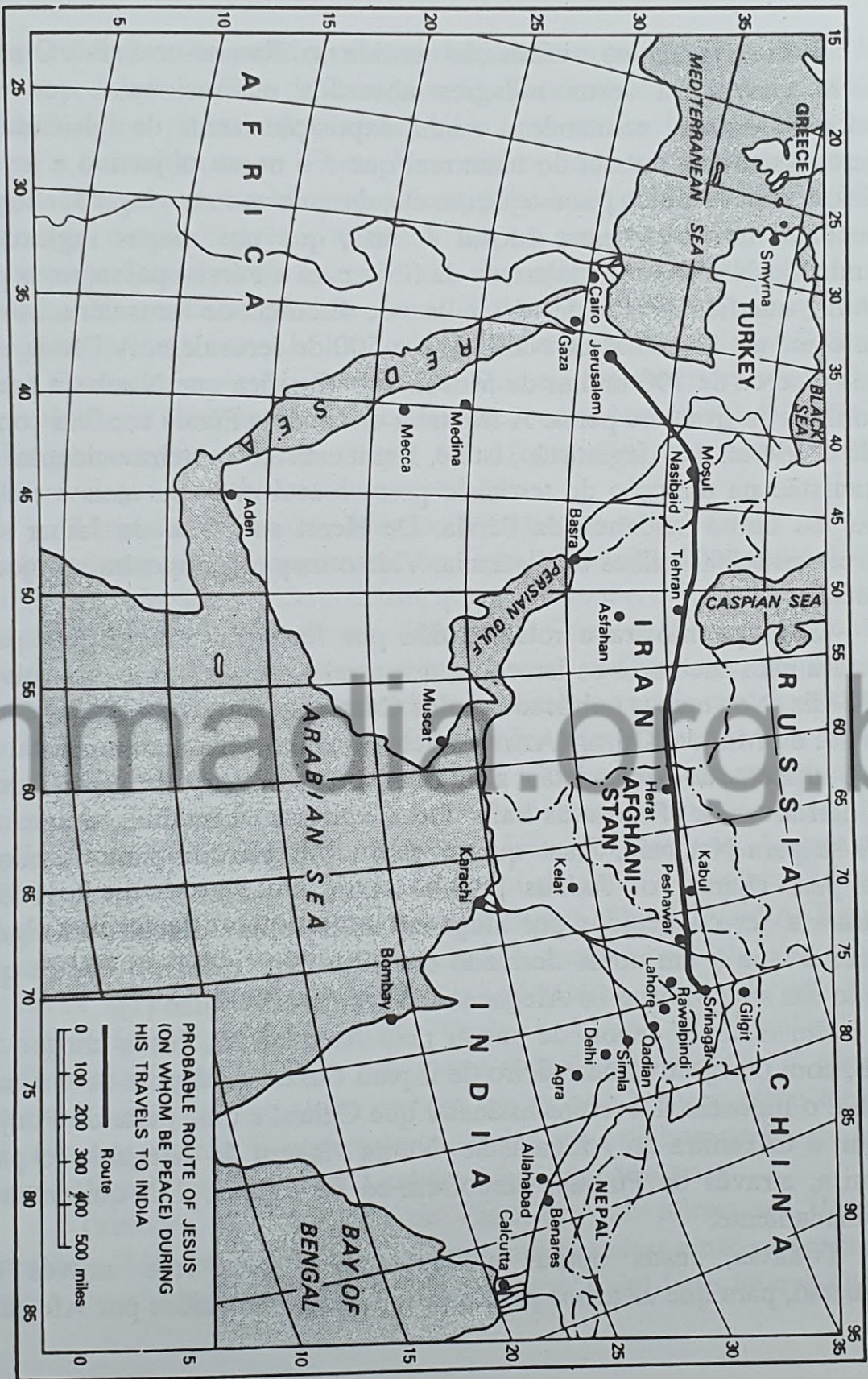
Secção 1

PROVA DOS LIVROS ISLÂMICOS QUE REFEREM A VIAGEM DE JESUS

No "Rauzat-us-Safa", um famoso livro de história, pode ler-se nas Pág. 130-135 uma narrativa, cuja tradução sucinta é a seguinte:

"Jesus (a paz esteja com ele), foi denominado Messias por ter sido um grande viajante. Usava um lenço de lã na cabeça e um manto de lã cobria-lhe o corpo. Na mão, segurava um bastão e viajava de país em país e de cidade em cidade. Quando a noite caía, pernoitava onde quer que se encontrasse. Comia vegetais das florestas, bebia água da mata e viajava a pé. Uma vez, numa das suas viagens, os seus companheiros deram-lhe um cavalo, que montou durante um dia, mas que devolveu por não o poder alimentar. Foi assim que Jesus viajou da sua terra até Nasibain a centenas de quilómetros de distância de sua casa. Com ele estavam alguns dos seus discípulos, que eram enviados à cidade para pregarem. Não obstante, na cidade corriam boatos dúbios e infundados sobre Jesus (a paz esteja com ele) e sua mãe. Por isso, o governador da cidade prendeu os discípulos e depois mandou chamar Jesus, que fez algumas curas e outros milagres, levando o rei de Nasibain, todo o seu exército e o seu povo a tornarem-se seus seguidores. A lenda da "descida dos alimentos" contida no Sagrado Corão pertence ao tempo das suas viagens".

* * *



Esta é, em resumo, a afirmação contida no "Rauzat-us-Safa". O autor do livro atribuiu a Jesus milagres absurdos e irracionais, que não mencionarei aqui e, mantendo a minha exposição isenta de falsidades e exageros absurdos, tratarei do tema real que é o nosso objectivo e leva à conclusão de que Jesus, a paz esteja com ele, durante as suas viagens, chegou a Nasibain, um lugar entre Mosul e Siria, que nos mapas ingleses é denominado Nasibus. Se viajarmos da Siria para a Pérsia, passaremos por Nasibain, que fica a cerca de 450 milhas de distância de Jerusalém. Mosul fica a cerca de 48 milhas de Nasibain e a 500 de Jerusalém. A Pérsia está apenas a cerca de 100 milhas de Mosul. Isto significa que Nasibain está a 150 milhas da fronteira persa. A fronteira oriental da Pérsia confina com a cidade de Herat, no Afeganistão, isto é, Herat está na fronteira ocidental do Afeganistão na direcção do território persa e está mais ou menos a 900 milhas do limite ocidental da Pérsia. De Herat ao Passo de Jaibar são sensivelmente 500 milhas de distância. Vide o mapa, que mostra o trajecto de Jesus.

O mapa mostra a rota seguida por Jesus na sua viagem para Caxemira para encontrar os Israelitas, que o rei Shalmanesar levou cativos para Média. Nos mapas publicados pelos Cristãos pode ver-se que a Média fica a sul do Mar de Khizar (Azov), a actual Pérsia. A fronteira oriental da Pérsia é adjacente ao Afeganistão; a sul fica o mar e a oeste o Império Turco. Se as narrativas de "Rauzat-us-Safa" forem correctas comprova-se que, ao dirigir-se para Nasibain, Jesus quis ir para o Afeganistão atravessando a Pérsia para chamar os Judeus perdidos para a verdade. Estes Judeus chegaram a ser conhecidos por afeganes, palavra que parece ter origem hebraica e que é um nome derivado que significa "valente". Parece que aquando das suas vitórias os Afeganes adoptaram esse nome (1).

Em resumo, depois de passár pelo Afeganistão, Jesus chegou ao Punjab, com o objectivo derradeiro de ir para Caxemira depois de visitar o Punjab e o Indostão. Devemos assinalar que Chitral e uma parte do Punjab separam a Caxemira do Afeganistão. Numa viagem do Afeganistão para Caxemira, através de Punjab, percorrem-se 80 milhas, 135 quilómetros aproximadamente.

Todavia, Jesus optou inteligentemente pela rota através do Afeganistão, para que as tribos perdidas de Israel, conhecidas por Afegãos,

pudessem lucrar. A fronteira oriental de Caxemira toca o Tibete, onde Jesus conseguia chegar partindo de Caxemira. Chegando ao Punjab, Jesus não teria dificuldade em percorrer os lugares mais importantes do Indostão antes de chegar a Caxemira ou ao Tibete. É, portanto, muito possível que, segundo alguns antigos registos históricos deste país, Jesus tenha visitado o Nepal, Benares e outros lugares e tenha ido depois para Caxemira atravessando Jammu ou Rawalpindi. Como vivia num país frio, é quase certo que permaneceu nestes territórios apenas durante o inverno e que no fim de Março ou princípio de Abril se tenha preparado para viajar para Caxemira. Como Caxemira se assemelha a Sham (Siria e ao seu território circundante) é provável que Jesus tenha fixado residência nesta terra, sendo possível que tenha permanecido algum tempo no Afeganistão, não sendo também impossível que se tenha casado naquele país.

Uma das tribos dos Afegãos é conhecida por "Isa Jel", não sendo surpreendente que descendessem de Jesus. Contudo, é lamentável que a história dos Afegãos seja tão confusa, que o estudo das suas narrativas tribais dificulte chegar-se a conclusões definitivas. Contudo, não existe qualquer dúvida de que os Afegãos são israelitas tal como os Caxemires. Aqueles que nos seus livros opinaram em contrário cometeram o grande erro de não terem estudado profundamente a questão. Os Afegãos admitem serem descendentes dos Qais, que pertencem a Israel. Porém, não é necessário prolongar aqui esta discussão, pois foi exposta pormenorizadamente num dos meus livros. Aqui pretendo apenas narrar a viagem de Jesus por Nasibain, Afeganistão e o Punjab até Caxemira e Tibete. Jesus foi chamado o "profeta viajante" e "chefe dos viajantes", devido a esta longa viagem. Ibn-al-Walid Al-Fahri Al-Tartooshi Al-Maliki, um sábio muçulmano, famoso pela sua erudição, fala de Jesus na Pág. 6 do seu livro "Siraj-ul-Malik", publicado pelo Matba Khairiya do Egipto em 1306: "Onde está Isa, o "Ruhullah", e o "Kalimatullah", que foi líder dos justos e chefe dos viajantes?" querendo dizer que estava morto e que mesmo um grande homem como ele havia deixado este mundo. É importante assinalar que este homem ilustre não só chama a Jesus "viajante", mas também "chefe dos viajantes".

Também, na Pág. 431 de Lisan-ul-Arab afirma-se: "Jesus foi chamado o "Messias", porque andava por muitos países e não permanecia no mesmo lugar" e a mesma afirmação é feita em "Tajul-Urus Sharah Qamus",

onde se afirma que o Messias é aquele a quem é dada bondade e as bênçãos, isto é, que recebeu estas qualidades em tal quantidade que até o seu toque é abençoado e que este nome foi dado a Jesus, porque Deus dá-o a quem lhe apraz. Em oposição a este, existe outro Messias, cujo toque possui mal e maldade, ao ponto de causar a escuridão do mal e da maldição. Este nome foi dado ao Messias que é o "Dajjal" e todos que o seguem são como ele. Contudo, os dois nomes, isto é, Messias, o Viajante, e Messias, o Abençoado, não são antagônicos, pois um não invalida o outro. É prática divina dar a uma pessoa um nome com significados distintos, que se aplicam todos à mesma pessoa. Em resumo, o facto de Jesus ter sido viajante está tão provado na história islâmica, que, se todas as referências desses livros fossem copiadas, dariam origem a um grande volume. Por isso, aquilo que mencionei é suficiente.

ahmadia.org.br

Secção 2

PROVAS DOS LIVROS SOBRE BUDISMO

Deixemos claro que as escrituras budistas forneceram-nos provas de vários tipos que, consideradas globalmente, são suficientes para provar que Jesus, a paz esteja com ele, viajou para o Punjab e Caxemira. Apresento aqui estas provas para que, em primeiro lugar, as pessoas imparciais as estudem e, depois, ao dispô-las como uma narrativa interrelacionada nas suas próprias mentes, cheguem assim à mesma conclusão. Aqui está a evidência:

Primeiro: os títulos dados a Buda são semelhantes aos dados a Jesus e os acontecimentos da vida de Buda assemelham-se aos da vida de Jesus. Mas o que nos interessa em relação ao Budismo são os lugares fronteiriços do Tibete, como Leh, Lhasa, Gilgit e Hams, etc, que, como está provado, foram os visitados por Jesus. Sobre a semelhança de títulos, basta assinalar que se, por exemplo, Jesus, a paz esteja com ele, se auto-denomina a Luz nos seus ensinamentos, também Gautama foi chamado Buda, que em sânscrito significa Luz (2). Nos Evangelhos foi também dado a Jesus o nome de Mestre (2), tal como Buda foi chamado Sasta, ou Mestre. Se nos Evangelhos Jesus foi chamado Bendito, Buda foi denominado Sugt, isto é, o Abençoado; se Jesus foi chamado Príncipe, Buda também o foi. Jesus foi igualmente descrito pelos Evangelhos como alguém que cumpriu o objectivo da sua vinda e Buda foi chamado nas escrituras budistas Siddhartha, isto é, aquele que cumpre o objectivo da sua vinda. Nos Evangelhos, Jesus foi também chamado o Refúgio do Fatigado, e Buda, nas escrituras budistas, "Asarn Sarn", o Refúgio dos sem Refúgio. Enquanto que a Jesus nos Evangelhos chamaram Rei, apesar de ele interpretar isso como Rei do Reino dos Céus, a Buda chamaram também Rei. A semelhança de acontecimentos é provada com eventos como este: assim como Jesus foi tentado pelo demónio com riquezas e reinados deste mundo, em troca da sua prostração perante ele, também Buda foi tentado, quando o demónio lhe disse que lhe daria a pompa e o esplendor dos reis se ele abandonasse a sua vida austera e regressasse a casa. Tal como Jesus não obedeceu ao Demónio, também Buda, segundo foi anotado, não o fez. Vide "Budismo" por T.W. Davids (3), e "Budismo" por Sir Monier Monier Williams (4).

Isto mostra que os mesmos títulos dados a Jesus nos Evangelhos

foram também dados a Buda nos livros budistas, compilados muito depois. Assim como Jesus foi tentado pelo Demónio, também estes livros afirmam que Buda o foi. Mais ainda, a narrativa da tentação de Buda mencionada nestes livros é maior do que a tentação de Jesus referida nos Evangelhos cristãos. Foi referido que, quando o Demónio o tentou oferecendo-lhe riquezas e honras reais, Buda sentiu-se tentado a voltar a casa, mas não cedeu. Mas o mesmo Demónio apareceu-lhe novamente uma noite, trazendo toda a sua prole e assustando-o com aparições assustadoras. A Buda esses Demónios apareceram como serpentes de cujas bocas saía fogo. As serpentes começaram a lançar-lhe chispas de fogo e veneno, mas o seu veneno transformou-se em flores e o fogo que formarem um halo em volta de Buda.

Tendo falado, o Demónio chamou dezasseis das suas filhas e pediu-lhes que mostrassem as suas belezas a Buda, que, apesar disso, se manteve inabalável. Como os seus intentos falharam, o Demónio adaptou outros meios, que foram infrutíferos contra a firmeza de Buda, que prosseguiu a sua viagem através de estágios de espiritualidade cada vez mais altos. Depois de uma longa noite de provas severas e prolongadas, Buda venceu o seu inimigo Satanás; a luz do Verdadeiro Conhecimento iluminou-o e, ao romper da alvorada, quando as suas provas acabaram, ele veio a saber tudo. O último dia desta grande batalha foi o nascimento do Budismo. Gautama contava nessa altura 35 anos e foi então que foi chamado Buda ou a Luz, e a Árvore sob a qual se sentava ficou conhecida como a Árvore da Luz.

Se estudarmos a Bíblia, vemos como a tentação de Jesus é de tal maneira semelhante à tentação de Buda, que até a idade era sensivelmente a mesma. Como pode ver-se na literatura budista, o Demónio não apareceu a Buda sob uma forma corpórea visível, mas como uma demonstração que apenas Buda viu e a conversa do Demónio foi uma inspiração demoníaca. Isto é, quando apareceu a Buda, o Demónio sugeriu-lhe que abandonasse o seu caminho e o seguisse, porque lhe daria todas as riquezas deste mundo. Do mesmo modo, os doutores cristãos acreditam que foi o Demónio que apareceu a Jesus, não na sua forma corpórea - não como um ser humano - ante os próprios olhos dos Judeus, atravessando as ruas no seu corpo físico e falando a Jesus de modo que todos os presentes o ouvissem. Pelo contrário, a aparição teve a forma de visão que apenas Jesus viu; a conversa teve

também a forma de uma inspiração, isto é, o Demónio, como é habitual, incutiu-lhe no coração sugestões demoníacas. Mas Jesus não aceitou e, tal como Buda, rejeitou a inspiração de Satanás.

Devemos também ponderar o facto de haver tanta semelhança entre Jesus e Buda. Os Árias dizem que Jesus tomou conhecimento do Budismo durante a sua viagem à Índia e, tendo-se informado dos acontecimentos da vida de Buda, adoptou o seu Evangelho ao regressar ao seu país. Dizem que Jesus compôs os seus preceitos morais plagiando os ensinamentos morais de Buda, e, tal como Buda se auto-denominou Luz e Conhecimento e adoptou outros títulos, também Jesus se auto-entitulou, apropriando-se da longa história da tentação de Buda. Mas isto é uma invenção dos Árias. Não é verdade que Jesus tenha chegado à Índia antes do acontecimento da cruz, pois nessa altura não havia necessidade de realizar essa viagem, que Jesus só precisou empreender, quando os Judeus da Judeia o rejeitaram e quando acreditaram que o tinham crucificado, embora tenha sido salvo por um espantoso desígnio divino.

Como se esgotaram a sua empatia e solicitude em pregar aos Judeus, cuja malvada natureza os tornou tão duros de coração que foram incapazes de aceitar a verdade, Jesus, ao ser informado por Deus de que as dez tribos de Judeus tinham emigrado para a Índia, partiu para estas regiões. Como alguns dos Judeus tinham aceitado o Budismo, este verdadeiro profeta não teve outra alternativa a não ser voltar a sua atenção para os seguidores do Budismo. Os sacerdotes budistas daquele país esperavam a aparição do "Messias" Buda. Portanto, os títulos de Jesus e alguns dos seus ensinamentos morais, como 'Ama o teu inimigo' e 'Não resistas ao mal' e, como tinha sido profetizado por Gautama Buda, a pele clara de Jesus fora todos sinais que levaram os sacerdotes a tomarem-no por Buda. É possível que alguns dos títulos, ensinamentos e factos da vida de Jesus não tivessem podido, consciente ou inconsciente, ser atribuídos a Buda naquela época, porque os Hindus nunca tiveram grande aptidão para registar a história. Como os acontecimentos da vida de Buda só foram registados no tempo de Jesus, os sacerdotes budistas tiveram oportunidade de atribuir a Buda tudo aquilo que quiseram. Assim, quando tiveram conhecimento dos factos da vida de Jesus e dos seus ensinamentos morais, misturaram-nos com muitas outras coisas inventadas por eles próprios e atribuíram-nos a Buda (5). Provarei aqui que

os ensinamentos morais da Bíblia - os títulos de Luz, etc., que, no caso de Jesus estão registados como de Buda, bem como a Tentação do Demónio - foram escritos nos livros budistas na época em que Jesus chegou a este país, depois da crucificação.

Existe ainda outra semelhança entre Buda e Jesus: o Budismo regista que, durante a Tentação, Buda jejuou, e que o jejum durou quarenta dias. Os leitores do Evangelho sabem que Jesus também fez quarenta dias de jejum.

Como acabei de afirmar, existe uma semelhança de tal maneira enorme entre a doutrina moral de Buda e de Jesus, que parece surpreendente para aqueles que conhecem os dois. Por exemplo, os Evangelhos dizem: 'Não resistas ao mal, ama o teu inimigo, vive na pobreza e afasta-te do orgulho, falsidade e da avareza', o que é semelhante ao ensinamento de Buda (6). Não, o ensinamento budista realça isso ao ponto de declarar pecado matar formigas ou insectos inclusivamente. O princípio fundamental do Budismo é a empatia por todo o mundo, desejar o bem-estar de toda a humanidade e de todos os animais e promover um espírito de unidade e amor mútuos. E o mesmo é ensinado no Evangelho.

Por outro lado, assim como Jesus enviou os seus discípulos a diferentes países - viajando ele próprio para um deles - também Buda o fez. O livro "Budismo" de Sir Monier Williams, afirma que Buda enviou os seus discípulos em pregação dizendo-lhes. "Ide a toda parte, cheios de compaixão pelo mundo e pelo bem-estar de deuses e homens. Parti em diferentes direcções. Pregai a doutrina (Dharham) saudável (Kalayana) no começo, meio e fim, no seu espírito (artha) e na sua letra (vyanjana). Proclamai uma vida de perfeita limitação, castidade e celibato (Drahmacariyam). Eu também pregarei esta doutrina" (Mahavagga I.II.I) (7). Buda foi a Benares, território onde fez milagres e proferiu um sermão impressionante numa colina, à semelhança do que Jesus fez na montanha. O mesmo livro afirma também que Buda pregava quase sempre por parábolas, explicando os assuntos espirituais por analogias físicas.

Permiti que vos lembre que este ensinamento moral e este modo de pregar - isto é, falar em parábolas - foi o método adoptado por Jesus. Este modo de pregar e estes ensinamentos morais, e outras circunstâncias mais, sugerem imediatamente ser uma imitação de Jesus. Jesus esteve aqui, na Índia; pregou em toda a parte. Os seguidores da fé budista conheceram-no,

e achando-o uma pessoa santa que fazia milagres, anotaram tudo isto nos seus livros e declararam que ele era Buda, porque uma das características da natureza humana é tentar adoptar uma coisa boa onde quer que se encontre, para que as pessoas tentem registar e recordar qualquer observação inteligente realizada por qualquer pessoa.

É, portanto, muito provável, que os seguidores da fé budista possam ter reproduzido todo o cenário dos Evangelhos nos seus livros; como por exemplo, o jejum de quarenta dias feito tanto por Jesus como por Buda; a tentação de ambos; o nascimento de ambos sem um pai (8), os ensinamentos morais de ambos, o facto de se chamarem ambos Luz, "Mestre", e os seus companheiros, discípulos. A afirmação de Mateus, X:8-9: "Não leveis ouro, prata nem cobre nos vossos sacos", é semelhante a afirmação de Buda aos seus discípulos e tal como o Evangelho encoraja o celibato, o mesmo acontece nos ensinamentos budistas. O terramoto que ocorreu quando Jesus estava na cruz, também teve lugar aquando da morte de Buda. Todas estas semelhanças tiveram lugar, porque Jesus esteve na Índia - o que foi uma felicidade para os seguidores da fé budista -, porque ficou com eles um longo período e porque os Budistas ficaram a conhecer bem os factos da sua vida e dos seus nobres ensinamentos. Consequentemente, era inevitável que uma grande parte dos seus ensinamentos e o seu cerimonial se encontrasse nos escritos budistas, porque Jesus era respeitado e considerado Buda pelos Budistas. Assim, a doutrina de Jesus foi registada nos seus livros, que são referidos como sendo de Buda.

É realmente surpreendente que Buda, tal como Jesus, tivesse ensinado os seus discípulos por meio de parábolas, sobretudo naquelas que se encontram nos Evangelhos. Numa destas parábolas, Buda disse:

"Tal como o camponês que, quando lança a sua semente à terra não pode dizer: o grão inchará hoje, amanhã germinará, o mesmo acontece com o discípulo, que deve obedecer aos preceitos, praticar a meditação, estudar a doutrina; sem que possa dizer que será libertado hoje ou amanhã". (9)

Como pode ver-se, esta é a mesma parábola que subsiste nos Evangelhos. Buda narra ainda:

"Do mesmo modo que uma manada de veados vive numa floresta e chega um homem que lhes abre um caminho falso, e os veados se lastimam e chega outro que abre um caminho certo e os veados florescem, também

quando os homens vivem entre prazeres o demónio vem e abre o caminho oito vezes falso que lhes extravia... (P. Oldenberg, 191-192).

Buda ensinou também:

"A rectidão é um Tesouro seguro que ninguém pode roubar. É um Tesouro que acompanha ao homem mesmo até depois da morte. É um Tesouro que é a Fonte de todo o Conhecimento e de toda a Perfeição" (9).

Podemos agora comprovar que os ensinamentos do Evangelho são muito semelhantes. Os antigos livros budistas contendo estes ensinamentos pertencem a um período não mais remoto do que o tempo de Jesus; melhor dizendo, são do mesmo período. Também na Pág. 135 do mesmo livro há uma narrativa em que Buda fala da sua irrepreensibilidade, porque ninguém pode manchar a sua conduta. Isto também se assemelha a uma afirmação de Jesus. O livro "Budismo", na Pág. 45, afirma:

"A doutrina moral de Buda tem uma semelhança notável com a cristã".

Eu concordo; não, reconheço-o. Ambos dizem: não ameis o mundo, nem a riqueza, não odieis os vossos inimigos, não façais o mal; conquistai o mal com o bem; fazei a outros o que desejais que vos façam... Todos estes pontos têm uma semelhança tão notável no Evangelho e nos ensinamentos de Buda, que se torna desnecessário mencionar aqui mais detalhes.

Os livros budistas mostram igualmente que Gautama Buda profetizou a chegada de um segundo Buda chamado "Matiyya". Esta profecia, contida no livro budista "Laggawati Sutatta" e referida na Pág. 142 do livro de Oldenberg, diz (10):

"Ele será líder de um grupo de centenas de milhar de discípulos, como eu sou agora o líder de grupos de discípulos, de centenas deles".

Podia assinalar-se aqui que a palavra hebraica "Masiha" tem o mesmo significado da palavra pali "Matiyya". Sabe-se que, quando é transferida para outra língua uma palavra, sofre normalmente uma alteração, o mesmo acontecendo com as palavras inglesas, que mudam quando são traduzidas para outras línguas. Por exemplo, Max Muller, numa lista dada na Pág. 318 do Volume II da obra "Livros Sagrados do Oriente" diz que o "th" do alfabeto inglês passa a "s" em persa e árabe. Tendo em conta estas mudanças, pode entender-se que a palavra "Messiah" é "Matiyya" em pali, o que significa que o futuro "Matiyya", profetizado por Buda, é na realidade

o Messias. Este facto é confirmado pela profecia de Buda, que diz que a Fé que fundou não duraria mais de quinhentos anos; quando declinassem os seus princípios e ensinamentos, o "Matiyya" viria a esta terra e restabelecê-los-ia no mundo. Sabemos que Jesus apareceu quinhentos anos depois de Buda, de acordo com o limite de tempo por ele fixado para a decadência da sua fé. O Budismo entrou em declínio na altura designada. Foi então que Jesus, depois de escapar da cruz, viajou para esta terra e os Budistas reconheceram-no e trataram-no com grande reverência.

Não há a menor dúvida de que os ensinamentos morais e os exercícios espirituais ensinados por Buda foram reavividos por Jesus. Os Cristãos admitem que o Sermão da Montanha dos Evangelhos e outros ensinamentos morais são os mesmos que foram pregados por Buda quinhentos anos antes. Afirmam também que Buda não ensinou apenas conceitos morais, mas também outras grandes verdades. Para eles, o título de Luz da Ásia aplicado a Buda está correcto. Assim, de acordo com a profecia de Buda, Jesus apareceu quinhentos anos depois e a maioria dos sábios cristãos admite que os seus ensinamentos são os mesmos que os de Buda. Não existe dúvida, porém, de que ele apareceu no "espírito de Buda". No livro de Oldenberg, baseado na autoridade de "Laggawati Sutatta" afirma-se que os seguidores de Buda, olhando para o futuro, se consolaram com a ideia de que, como discípulos do "Matiyya", conseguiriam a salvação, isto é, estavam certos de que o "Matiyya" viria e que encontrariam a salvação através dele, porque as palavras que Buda apressentou implicavam que a vinda do "Matiyya" seria conhecida pelos discípulos.

A afirmação do livro acima mencionado reforça a convicção de que, para guiar estes povos, Deus criou duas circunstâncias. Primeiro, devido ao título de "Asif" mencionado no Génesis, III: 10 que significa "aquele que reúne um povo", Jesus não podia deixar de visitar a terra onde os Judeus se estabeleceram; segundo, que, de acordo com a profecia de Buda, era essencial que os seus seguidores o vissem e beneficiassem espiritualmente com ele. Considerando em conjunto estes dois pontos, é quase certo que Jesus visitou o Tibete. O facto de os ensinamentos e rituais cristãos terem afectado profundamente o Budismo tibetano leva-nos a acreditar que Jesus visitou o Tibete. Além disso, o facto de os fervorosos seguidores do Budismo, como se afirma nos seus livros, terem esperado sempre conhecê-lo

é uma forte manifestação do seu ardente desejo do anúncio da sua visita a este país. Perante estes dois factos não é necessário uma pessoa imparcial analisar profundamente os registos budistas para ficar convicta de que Jesus veio ao Tibete. Porque, de acordo com a profecia, o desejo de segunda vinda de Buda foi tão intenso, que a própria profecia deve ter atraído Jesus ao Tibete.

Deve notar-se também que a palavra "Matiyya", mencionada frequentemente nos livros budistas, é indubitavelmente a palavra "Messias". Na Pág. 14 (11) do livro "Tibete, Tartaria", Mongolia", de H.T. Prinsep, afirma-se que o Matiyya Buda é na realidade o Messias, que os primeiros missionários (pregadores cristãos), tendo ouvido e visto as condições existentes no Tibete, chegaram à conclusão de que, nos antigos livros dos Lamas, encontrariam os traços da religião cristã. Na mesma página, afirma-se sem qualquer dúvida, que essas antigas autoridades acreditavam que os discípulos de Jesus estavam vivos, quando a doutrina cristã aqui chegou. Na Pág. 171 afirma-se que não existe dúvida de que, naquele tempo, a crença geral era de que apareceria um grande Salvador. Tácito diz que os Judeus não eram os únicos responsáveis pela crença dessa aparição, mas também o próprio Budismo que, estabelecendo-lhe uma base, profetizou a vinda do "Matiyya". O autor desta obra escrita em inglês diz numa nota:

"Os livros "Pitakkatayan" e "Atha Katha" contêm uma clara profecia sobre a aparição de um outro Buda, que ocorrerá cerca de mil anos depois da época de Gautama, ou "Sakhiya Muni". Gautama afirmou ser o 25º Buda e que o "Bagawa Matiyya" ainda estava para vir. Depois da sua partida viria aquele cujo nome seria "Matiyya", e que teria a pele clara". O autor inglês prossegue, dizendo que a palavra "Matiyya" tem grande semelhança com a palavra Messias. Em resumo, Gautama Buda afirma claramente nesta profecia que no *seu* país, entre o *seu* povo e os *seus* seguidores surgiria um Messias. Esta era a base da persistente crença de que entre os seus seguidores apareceria um Messias. Buda, na sua profecia, chamava-lhe o seu "Bagwa Matiyya", porque "Bagwa" em sânscrito significa "branco" e Jesus, por ser oriundo dos territórios sirios, tinha a pele clara e os povos da terra desta profecia, isto é, o povo de Magadh, onde se situava Bajagrinha, tinham a pele escura. O próprio Gautama Buda era moreno. Ele narrou aos seus seguidores dois sinais indubitáveis sobre o futuro Buda: (1) que ele seria "Bagwa" ou de

pele branca e (2) que seria "Matiyya", isto é, viajante, e que viria de um país estrangeiro. Portanto estes povos estiveram sempre atentos a estes sinais, até encontrarem Jesus.

Todos os Budistas têm necessariamente de aceitar a crença de que, quinhentos anos depois de Buda, apareceria no seu país, o "Matiyya" Buda (branco). Não existe, portanto qualquer surpresa no facto de os livros da fé budista mencionarem a vinda do "Matiyya", isto é, do Masiha, à sua terra e o cumprimento da sua profecia. Supondo que não exista essa menção, nem mesmo Buda teria inculcado nos seus discípulos a esperança da vinda para o seu país de "Bagwa Matiyya" e nenhum budista que conhecesse esta profecia poderia negar a vida do "Bagwa Matiyya", cujo outro nome era Masiha; e que o não cumprimento dessa profecia provaria a falsidade da sua fé. Se não se realizasse no devido tempo a profecia, para o cumprimento da qual fora afixado um determinado tempo e que Gautama Buda narrara muitas vezes aos seus discípulos, os seguidores de Buda duvidariam da sua verdade e nos livros afirmar-se-ia que não se cumpriu.

Outro argumento que apoia o cumprimento desta profecia é, que no séc. VII d.C. foram encontrados no Tibete livros com a palavra Messias, isto é, livros que mencionavam o nome de Jesus, a paz esteja com ele, registado como Mi-Shi-Hu. O compilador da lista que contém a palavra Mi-Shi-Hu é um budista. Vide "Um Registo da Religião Budista" por I. Tsing, traduzido por G. Takakusu, um japonês que traduziu o livro de I. Tsing, um viajante chinês. Em notas e no apêndice do seu livro, Takakusu afirma que um livro antigo contém o nome de Mi-Shi-Hu (Masih). Trata-se de uma obra de cerca do séc. VII e foi traduzida recentemente por um japonês de nome G. Takakusu e publicada por Clarendon Press, Oxford (12). De qualquer modo, o livro contém a palavra "Masih", o que mostra com certeza que esta palavra não foi importada pelos membros da religião budista, mas que foi, ao invés, tirada da profecia de Buda, e escrita algumas vezes como Masih e outras como Bagwa Matiyya.

Entre os testemunhos disponíveis dos livros budistas, está o livro "Budismo" de autoria de Sir Monier Williams, que escreve na Pág. 45 que o sexto discípulo de Buda seria um homem chamado "Yasa". Esta palavra parece ser uma abreviatura de "Yasu". Como Jesus, a paz esteja com ele, surgiu quinhentos anos depois da morte de Buda, isto é, no séc VI, foi

chamado o sexto discípulo. Deve notar-se que o Professor Max Muller, na Pág. 517 do número de Outubro de 1894 de "The Nineteenth Century" (13), apoia a afirmação anterior, dizendo que os escritores bem conhecidos mostraram muitas vezes que Jesus fora influenciado pelos princípios da fé budista, e que ainda hoje se tenta encontrar alguma base histórica para provar que os princípios da fé budista chegaram à Palestina nos dias de Jesus. Isto apoia os livros da fé budista, nos quais está escrito que Yasa foi discípulo de Buda, pois quando cristãos de tão alta envergadura como o Professor Max Muller admitem que os princípios do Budismo tiveram influência em Jesus, não seria errado dizer que isto equivaleria a ser discípulo de Buda. Considero um desrespeito ou uma impertinência o uso de tais palavras sobre Jesus, a paz esteja com ele. A afirmação dos livros de fé budistas de que Yasu foi um discípulo de Buda é apenas mais um exemplo do hábito confirmado dos sacerdotes desse povo de mencionarem o aparecimento numa época posterior dos grandes personagens que seria discípulos dos anteriores. Fora isto, e dado haver uma grande semelhança entre os ensinamentos de Jesus e de Buda, não seria errado falar de uma relação de mestre e discípulo entre Buda e Jesus, embora isso possa parecer falta de respeito. Contudo, eu não aprovo o caminho dos investigadores europeus que quiseram provar que os princípios do Budismo alcançaram a Palestina no tempo de Jesus. É lamentável que estes investigadores adotem o sinuoso caminho de tentar encontrar traços da fé budista na Palestina, quando o nome e a menção de Jesus consta dos antigos livros budistas. Porque é que eles não procuram os abençoados vestígios de Jesus nas zonas montanhosas do Nepal, Tibete e Caxemira?

Sei, porém, que não era de esperar que estes investigadores que descobrissem a verdade oculta sob mil véus de escuridão. Tratava-se de um trabalho de Deus, que viu que a adoração ao homem se espalhara pela terra ultrapassando todos os limites e que a adoração da cruz e o suposto sacrifício de um ser humano tinham afastado os corações de muitos milhares de pessoas do verdadeiro Deus, cujo ciúme enviou à terra um servo Seu chamado Jesus de Nazaré para pôr termo ao credo da cruz, e, que, de acordo com as antigas profecias apareceu como Messias Prometido. Chegou então a altura de quebrar a Cruz, ou seja, a altura em que o erro da fé da Cruz ia ser clarificado com a divisão ao meio de um bocado de madeira.

Chegou a altura em que o céu abriu o caminho para a quebra da cruz; para que os que buscam a verdade possam olhar à sua volta e a procurem. A ideia da ascensão de Jesus ao céu com um corpo físico, apesar de ter sido um erro, teve também o seu significado. A Realidade Messiânica foi esquecida e desapareceu, tal como um corpo morto se consome na terra do túmulo. Acreditava-se que esta realidade messiânica se encontrava no céu, na forma corpórea de um ser humano. Foi, portanto, inevitável, que esta realidade descesse à terra nos últimos dias e isso aconteceu nesta época na forma de um ser humano. Quebrou a cruz e os males da falsidade e da devoção da mentira que, no Hadith sobre a cruz, o nosso Santo Profeta comparou aos porcos. Estes, com a quebra da cruz, foram também despedaçados, tal como um porco é cortado com a espada.

Este Hadith não significa que o Messias Prometido mate "Kafirs" (incrédulos) e quebre as cruzes. Pelo contrário. A derrota da cruz significa que nesta época o Deus do céu e a terra mostrará a Realidade oculta, que, de repente, esmagará toda a estrutura da cruz. A matança dos porcos não significa a matança dos homens, nem dos porcos, mas a matança das imundas qualidades, como a persistência na falsidade e a insistência em apresentá-la aos outros, que se assemelha como comer sujidade. Do mesmo modo que um porco morto não pode comer porcaria, também chegará um tempo - que aliás já chegou - em que às naturezas más será proibido comer sujidade desta.

Os Ulemas muçulmanos interpretaram erradamente esta profecia. A verdadeira interpretação da quebra da cruz e da morte do porco foi a que fiz. Aliás, no tempo do Messias Prometido, as guerras religiosas acabarão, o céu refletirá a verdade resplandecente ao trazer-nos a radiante diferença entre a verdade e a falsidade. Não penseis que vim com a espada. Não, eu vim para embainhar todas as espadas. O mundo tem lutado demais na escuridão. Muitos homens atacaram e feriram os corações dos seus verdadeiros e melhores amigos e injuriaram os que lhes eram queridos. Mas, agora, a escuridão desapareceu. A noite desapareceu e nasceu o dia. Abençoado é aquele que não permanece na privação!

Entre os testemunhos das narrativas budistas encontra-se a prova mencionada por Oldenberg na pag. 419 de "Budismo" (14). Neste livro, que se baseia na autoridade do livro intitulado "Mahawaga", pag. 54, secção I,

está escrito que um sucessor de Buda seria um homem chamado "Rahula", descrito também como um discípulo; não, melhor ainda, como seu filho. Insisto que o "Rahula" dos livros budistas é a forma corrupta de "Ruhul-lah", um dos títulos de Jesus. É absurda a história de que esse "Rahula" era o filho de Buda, que, tendo abandonado o Filho na sua infância, se exilou e que, com intenção de abandonar a esposa, a deixou a dormir, e sem a informar ou despedir-se, fugiu para outra terra. Trata-se de uma história sem sentido e afrontosa para a grandeza de Buda. Um homem tão cruel e insensível, que não teve compaixão da própria esposa, e que a abandonou enquanto dormia, sem lhe proferir uma palavra de consolação, desaparecendo como um ladrão; que ignorou completamente os seus deveres para com ela como marido - sem se divorciar, nem pedir-lhe permissão - para fazer uma viagem sem fim; que lhe causou grande dor por desaparecer repentinamente; que a fez sofrer e não lhe mandou nem uma carta, até que o seu filho se tornou homem, não teve piedade da criança... um homem assim, que não respeitou os ensinamentos morais que ele próprio inculcou, nunca poderia ser uma pessoa justa. A minha consciência recusa-se a aceitar isto, como inclusive se recusa a aceitar a história dos Evangelhos, segundo a qual Jesus certa vez não teve piedade da sua mãe e, quando ela o chamou, insultou-a.

Assim, até mesmo as histórias das ofensas da mulher e da mãe são muito semelhantes. Não posso, todavia, atribuir histórias que suponham para Jesus ou para Gautama Buda uma perda do seu nível moral. Se Buda não amava a esposa, não teria ele piedade de uma pobre mulher e do seu filho que sofria? Isto leva a uma grave falta moral, tão grave que, ao pensar nela, eu próprio fico triste, apesar de terem passado centenas de anos. Não podemos entender porque é que ele fez tudo isso. Para ser um homem mau basta não respeitar os deveres da própria esposa, a não ser que ela seja imoral, desobediente, sem fé ou hostil ao marido. Desse modo não poderemos atribuir uma conduta tão ofensiva a Buda, sendo isso contra os seus próprios ensinamentos.

Estas circunstâncias mostram que a história está errada. De facto, "Rahula" refere-se a Jesus, cujo outro nome é "Ruhullah". A palavra "Ruhul-lah" em hebreu tornou-se similar a "Rahula", e "Rahula" (isto é, Ruhul-lah") foi chamado discípulo de Buda, porque, como já afirmei, Jesus viria depois dele com ensinamentos semelhantes aos seus e porque os seguidores da fé

budista declararam que Buda era a fonte daquele ensinamento e que Jesus foi um dos seus discípulos. Não seria surpreendente se Buda, com base na revelação divina, declarasse ser Jesus o seu "filho". Outra prova circunstancial é que, no mesmo livro, está escrito que, quando "Rahula" foi separado da sua mãe, uma mulher seguidora de Buda e cujo nome era Magdaliyana, agiu como mensageira. Deve notar-se que Magdaliyana é na realidade a forma corrupta de Madalena, uma mulher seguidora de Jesus, mencionada nos Evangelhos.

Todas estas provas, que mostrei resumidamente, levam os imparciais à conclusão de que Jesus necessitava chegar a este país e, além de todas estas provas claras, ninguém inteligente pode permitir-se desprezar a semelhança, que se encontra, sobretudo no Tibete, entre os ensinamentos e os cerimoniais do Budismo e do Cristianismo. Não, a semelhança é tal que a maioria dos pensadores cristãos acredita que o Budismo é o Cristianismo do Oriente, e o Cristianismo, o Budismo do Ocidente (15).

De facto, isto é estranho, pois como Jesus diz: "Eu sou a Luz e o Caminho", e Buda disse o mesmo; tal como o Evangelho chama Salvador a Jesus, Buda chama-se a si mesmo o Salvador (vide "Lalta Wasattara"). Nos Evangelhos afirma-se que Jesus não teve pai; em relação a Buda, afirma-se que na realidade, ele nasceu sem pai (16) e mesmo que aparentemente Jesus tenha tido um pai, José, também, Buda o teve. Afirma-se também que na altura do nascimento de Buda apareceu uma estrela; existe também a história de Salomão, narrada no livro "Jataka" de Buda, ordenando que uma criança fosse cortada ao meio e que se desse uma metade a cada uma das duas mulheres. Além de mostrar que Jesus esteve neste país, isto mostra também que os Judeus que emigraram para esse país desenvolveram algumas relações com o Budismo.

A história do Génesis, tal como consta dos livros da fé budista, tem uma grande semelhança com a mesma história apresentada na Torah. Assim como, de acordo com a Torah, o homem é considerado superior à mulher, também na religião budista o monje é superior à freira. Deve observar-se, no entanto, que Buda acreditava na transmigração das almas, mas a sua transmigração não se opõe aos ensinamentos dos Evangelhos. De acordo com Buda, a transmigração é de três tipos: (1) As acções e esforços do moribundo precisam de passar a existir noutra corpo; (2) a espécie de

transmigração que os Tibetanos acreditam existir entre os Lamas, isto é, uma parte do espírito de um Buda, ou de Buda Satwa transmigra para o Lama nesse momento, o que significa que o seu poder, temperamento e qualidades espirituais são transferidos para aquele Lama e que o seu espírito começa a animar este último; (3) nesta mesma vida, o homem passa por diferentes criações - virá o tempo, por exemplo em que será como foi um touro; quando desenvolve a avareza e a maldade torna-se um cão, morrendo a primeira existência e dando vida a outra correspondente à qualidade das suas acções. Todas estas mudanças ocorrem, porém, nesta mesma vida. Este credo não se opõe ao ensino do Evangelho.

Já afirmei que Buda acredita na existência do Demónio, e também na existência do céu e do inferno, dos anjos e do Dia do Juízo Final. A acusação de que Buda não acreditava em Deus é pura falsidade. Buda não acreditava em Vedanta e nos deuses corpóreos dos Hindus. Criticava muito os Vedas, em cuja existência não acreditava, porque os considerava corruptos e interpolados. O período em que ele foi hindu e seguidor dos Vedas é para ele um período do nascimento do mal. Buda mostra, por exemplo, ter sido durante algum tempo um macaco, um elefante, depois um veado, um cão, por quatro vezes uma serpente, e depois um pardal, depois, uma rã, duas vezes um peixe, dez vezes um tigre, quatro vezes uma ave, duas vezes um porco e uma vez uma lebre, e no tempo em que era uma lebre, costumava ensinar os macacos, os chacais e os cães d'água; disse igualmente ter sido um fantasma; de outra vez, uma mulher, um dançarino e o Demónio. Todas estas experiências mostram uma vida cheia de cobardia, de comportamento feminino, de impureza e selvajaria, de promiscuidade, gula e superstições. Parece ter sido assim na altura em que foi seguidor dos Vedas, porque depois de os abandonar, não apresentou nenhum traço de vida errado.

Muito pelo contrário, disse ter-se tornado numa manifestação de Deus alcançando o "Nirvana". Buda também afirma que o homem que deixa este mundo levando consigo más acções é lançado no inferno, cujas sentinelas o arrastam à presença do Rei do Inferno, chamado Yamah, e então ao condenado é perguntado se não viu os Cinco Mensageiros enviados para o prevenir: a Infância, a Idade Adulta, a Doença, a Punição pelos pecados desta vida, uma prova do castigo da vida futura, e os Corpos dos Mortos

mostrando a destruição do universo. O condenado responde que foi louco por não ter pensado em nenhuma destas coisas. Os Guardiões do Inferno levam-no então ao local do castigo, onde o prendem com cadeias de ferro quente e ígneas. Buda afirma também que o inferno tem várias regiões nas quais serão lançados os pecadores de diferentes categorias. Em resumo, todo este ensinamento é uma prova clara de que a religião budista foi bastante influenciada por Jesus.

Apesar disto, não prosseguirei esta discussão. Termina aqui esta secção, porque quando há uma profecia clara, incluída nos livros da fé budista, sobre a vinda de Jesus a este país - uma profecia impossível de negar -, quando as parábolas e os ensinamentos morais dos Evangelhos são encontrados nos livros da fé budista, compilados na época de Jesus, ambas as considerações juntas não deixam qualquer dúvida sobre a vinda de Jesus a este país. A prova sobre a qual pesquisámos os livros budistas ficou totalmente demonstrada, graças ao Deus Todo Poderoso.

ahmadia.org.br

Secção 3

**SOBRE A PROVA DOS LIVROS DE HISTÓRIA
QUE MOSTRAM A INEVITABILIDADE DA VINDA DE JESUS
AO PUNJAB E TERRITÓRIOS PRÓXIMOS**

É natural a seguinte pergunta: Por que razão, depois de fugir da cruz, Jesus foi para a Índia e o que é que o levou a empreender uma viagem tão longa? Esta questão merece uma resposta detalhada. Embora já tenha sido dito alguma coisa sobre isto, creio ser conveniente abordar o tema completo neste livro.

Atentemos, portanto, que, devido à sua missão como mensageiro divino, era de extrema necessidade que Jesus, a paz esteja com ele, partisse para o Punjab e regiões circundantes, porque as dez tribos de Israel, a que os Evangelhos chamam as Ovelhas Perdidas de Israel, emigraram para este país, um facto que os historiadores não desmentem. Era necessário, portanto, que Jesus (a paz esteja com ele) se deslocasse para este país e que, depois de encontrar as Ovelhas Perdidas, lhes transmitisse a sua mensagem divina.

Se Jesus não o tivesse feito, o seu objectivo teria falhado, porque a sua missão era pregar às Ovelhas Perdidas de Israel. Passar por este mundo sem as encontrar e sem lhes mostrar, uma vez encontradas, o caminho da salvação, seria como o caso de um homem a quem o seu rei ordenara que fosse cavar um poço numa tribo selvagem para lhe providenciar água, mas que vai a outro lugar, onde permanece três ou quatro anos sem tentar encontrar a tribo. Esse homem cumpre a ordem do seu rei? Não, claro que não. O homem não está preocupado com a tribo, mas apenas com o seu próprio conforto.

Se porém, for perguntado como e porquê se pensa que as dez tribos de Israel chegaram a este país, a resposta é que há provas irrefutáveis deste facto, provas essas que não deixarão dúvidas, mesmo numa pessoa de pouco intelecto, porque sabe-se com toda a certeza que povos como os Afegãos e os verdadeiros habitantes de Caxemira são de origem israelita. Por exemplo, os povos das grandes montanhas de Alai, a dois ou três dias de jornada do distrito de Hazara, auto-denominam-se Bani Israel desde tempos imemoriais. Também os habitantes de Kala Dakah, outra grande montanha da região,

orgulham-se de ter origem israelita. No mesmo distrito de Hazara existe uma tribo que atribui a sua origem a Israel e também os povos da região montanhosa entre Chalas e Kabul chamam-se israelitas.

A opinião expressa sobre o povo de Caxemira pelo Doutor Bernier, com base na autoridade de alguns sábios ingleses, na segunda parte do seu livro "Viagens ao Império Mongol" (17) é bem fundamentada. Na sua opinião, o povo de Caxemira descende de Israel; os seus trajes, as suas feições e alguns dos seus costumes mostram claramente a sua origem israelita. O inglês Georges Foster afirma no seu livro (18) que, quando esteve em Caxemira, pensou estar no meio de um tribo de Judeus. No livro chamado "As raças do Afeganistão" (19) de H. W. Bellews C.S.I. (Thacker Spink & Co., Calcutá) refere-se que os Afegãos vieram da Síria. Nabucodonosor fê-los prisioneiros e fixou-os na Pérsia e em Média, de onde mais tarde partiram para o Oriente, tendo-se fixado nas montanhas de Ghaur, onde se tornaram conhecidos por Bani Israel. A prová-lo temos a profecia do Profeta Idris (Henoc) que diz que as dez tribos de Israel que foram levadas prisioneiras fugiram à escravidão e refugiaram-se num território chamado Arsartat, que parece ser o nome da parte conhecida como Hazara, pertencente a região de Ghaur. Em "Tabaqat-i-Nasri", na qual se encontra uma narração da conquista do Afeganistão por Gengis Khan, afirma-se que, na dinastia Shabnisi, viveu alí uma tribo chamada Bani Israel, alguns membros da qual eram bons comerciantes. Em 622 d.C., aproximadamente, quando o Santo Profeta Muhammad (a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele) anunciou a sua chamada, estes povos viviam no território próximo do Leste de Herat. Um chefe quraishí, Jalid Bin Walid, levôu-lhes a notícia da vinda do Santo Profeta com a intenção de os trazer para a bandeira do Divino Mensageiro (a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele). Juntaram-se-lhe cinco chefes, o mais importante dos quais era Qais, também conhecido por Kish. Depois de aceitarem o Islão, estes povos lutaram corajosamente por ele e fizeram várias conquistas, recebendo do Santo Profeta (a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele) muitos presentes quando regressaram. O Santo Profeta disse que os chefes destas tribos seriam sempre conhecidos como Maliks. Qais recebeu o nome de Abdul Rashid, e foi-lhe conferido o título de "Pathan", palavra que alguns escritores afegãos dizem ser síria e significar leme. Como Qais recém-convertido era o guia da sua tribo, agindo

como o leme de um navio, foi agraciado com o título de "Pathan".

Não é possível dizer em que altura os Afegãos de Ghaur partiram para mais longe e se fixaram no território em redor de Kandhar, onde hoje é o seu lar, mas é provável que tenha sido no primeiro século do calendário islâmico. Os Afegãos contam que Qais desposou a filha de Jalid Bin Walid de quem teve três filhos, cujos nomes eram Saraban, Patan e Gurgasht. Saraban teve dois filhos chamados Sacharj Yun e Karsh Yun, cujos descendentes são afegãos, isto é os Bani Israel. Os povos da Ásia Menor e os historiadores muçulmanos do Ocidente chamam-lhes afegãos "sulaimanis". Na "Enciclopédia da Índia, da Asia Oriental e do Sul" (20), afirma-se que os povos judeus se espalharam pelas regiões centro, sul e leste da Ásia, que no passado se fixaram em grande número na China e tinham um templo em Yih Chu, a capital do distrito de Chu. O Dr. Wolf (21), que procurou durante muito tempo as dez tribos perdidas de Bani Israel, é da opinião que os Afegãos são os descendentes de Jacob e vieram das tribos de Yahuda e Bin Yamin.

Outra informação afirma que os Judeus, que foram exilados para a Tartária, se encontravam em grande número nos territórios em redor de Bukhara, Merv e Khiva. Prestes João, Imperador de Constantinopla, ao escrever sobre os seus domínios, declara que para além do rio (Amu) vivem as dez tribos de Israel que, embora afirmem ter o seu próprio rei, são na realidade, cidadãos e vassalos dele. As pesquisas do Dr. Moor (22) mostram que as tribos tártaras chamadas Chosan são de origem judaica e que nelas há vestígios da antiga fé judaica, pois, por exemplo, observam o costume da circuncisão. Segundo a sua tradição, os Afegãos dizem que estas são as dez tribos perdidas de Israel. Após o saque de Jerusalém, o rei Nabucodonosor fê-los prisioneiros e fixou-os na região de Ghaur, perto de Bamiyar e até à chegada de Jalid Bin Walid eles conservaram a fé judaica.

Nos traços fisionómicos, os Afegãos assemelham-se aos Judeus. Como eles, o irmão mais novo casa-se com a viúva do irmão mais velho. Um viajante francês de nome L.P. Ferrier, que visitou Herat, diz que neste território há muitos Israelitas com total liberdade de observarem os costumes da sua fé. O Rabi Bin Yamin de Toledo (Espanha) no século XII d.C. viajou à procura das dez tribos perdidas e afirmou que estes Judeus se fixaram na China, Irão e Tibete. Josefus (23), que escreveu a história antiga dos Judeus

no ano 93 d.C., no seu décimo primeiro livro afirma ao descrever a narrativa da fuga dos Judeus da escravidão com o profeta Ezra, que as dez tribos se fixaram para além do Eufrates e que já naquele tempo o seu número era incontável. "Para lá do Eufrates" significa Pérsia e os territórios de leste. S. Jerónimo, que viveu no séc. V. d.C., ao escrever sobre o profeta Osías sobre este assunto, afirma à margem, que até àquele dia as dez tribos (dos Israelitas) estavam submetidas ao rei Parthya, isto é, Paras, e continuavam sob escravidão. No primeiro volume do mesmo livro afirma-se que o Conde Juan Steram escreve na Pág. 233-34 do seu livro que os Afegãos admitem que Nabucodonosor, depois da destruição do templo de Jerusalém, se exilou para o território de Bamiyan (adjacente a Ghaur, no Afeganistão).

No livro "Narrativa de uma Visita a Ghazni, Kabul e Afeganistão" de G.T. Vigne, F.G.S. (1840) na Pág. 166 (24) afirma-se que o Mullah Khuda Dad leu um livro intitulado "Majma-ul-Ansab", em que o filho mais velho de Jacob era Yahuda, e cujo filho era Usrak; o filho de Usrak era Aknur; o filho de Aknur era Maalib, o filho de Maalib era Ka-Farlai; o de Farlai era Qais, o de Qais era Talut, o de Talut era Armea e o filho de Ara Afegão. Os descendentes destes são o povo afegão, nome pelo qual ficaram conhecidos mais tarde. Afegão era contemporâneo de Nabucodonosor, foi chamado descendente de Israel e teve quarenta filhos. Na 34ª geração, 2000 anos depois, nasceu Qais, que viveu na época de Muhammad (o Santo Profeta, a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele). Os seus descendentes multiplicaram-se em sessenta e quatro gerações. O filho mais velho de Afegão, de nome Salm, emigrou da Síria e fixou-se em Ghaur Mashkoh, próximo de Herat. Os seus descendentes espalharam-se pelo Afeganistão.

Na "Enciclopedia de Geografia" (25) da autoria de James Bryce, F.G.S. (Londres, 1856) afirma-se na Pág. 11 que os Afegãos remontam a sua genealogia a Saul, o rei israelita, e auto-denominam-se descendentes de Israel. Alexander Burns disse que os Afegãos afirmam ser de origem judaica; que o rei Babul os capturou e fixou no território de Ghaur, a noroeste de Kabul, e que até ao ano 622 d.C. conservaram a fé antiga dos Judeus, mas que Khalid Bin Abdullah (confundido com Walid) se casou com a filha de um chefe desta tribo e fê-los aceitar o Islão naquele ano.

Em "História de Afeganistão" (26) escrita pelo Coronel G.B. Malleson e publicada em Londres (1878), diz-se na Pág. 39 que Abdullah

Khan de Herat, o viajante francês Friar John e Sir Williams Jones (que foi um grande orientalista) concordam que o povo afegão descende dos Bani Israel, que são os descendentes das Dez Tribos Perdidas. O livro "História dos Afegãos" de L.P. Ferrier, traduzido pelo Capitão W.M. Jasse e publicado em Londres (1958) (27), afirma, na primeira página, que a maioria dos historiadores orientais são de opinião que o povo afegão descende das dez tribos de Israel e que a opinião dos próprios afegãos é a mesma. O mesmo historiador afirma, na Pág. 4 do seu livro, que os Afegãos têm provas de que em Peshawar, durante a sua invasão da Índia, Nadir Shah foi apresentado pelos chefes da tribo Yusaf-Zai segurando uma Bíblia escrita em hebreu, bem como com alguns outros artigos que a sua família conservou para a celebração das cerimónias religiosas da sua antiga fé. No acampamento de Nadir Shah havia também Judeus, que ao verem estes artigos, os reconheceram de imediato. Este mesmo historiador afirma, na Pág. 4 do seu livro, que, na sua opinião, a teoria de Abdullah Khan de Herat é fidedigna. Esta teoria, exposta sucintamente, consiste no seguinte:

Malik Talut (Saul) teve dois filhos: Afegão, que foi o patriarca deste povo, e Jalut. Depois dos reinados de David e Salomão, as tribos de Israel guerrearam, e como resultado, cada tribo separou-se das restantes, o que continuou até o tempo de Nabucodonosor, que invadiu, saqueou a cidade e matou 70.000 Judeus, levando consigo para Babel os restantes Judeus prisioneiros. Depois da catástrofe, os filhos de Afegão, com medo, fugiram da Judeia para a Arábia, onde viveram durante muito tempo. Porém, como a água e a terra eram escassas e os homens e os animais viviam em dificuldades, decidiram emigrar para a Índia. Uma parte dos Abdalis ficou na Arábia e durante o califato de Hazrat Abu Bakr, um dos seus chefes fez pelo casamento um elo de ligação entre eles e Khalid Bin Walid... Quando Pérsia caiu em poder de Arábia, estes povos emigraram da Arábia e fixaram-se nas províncias iranianas de Faras e Kirman, onde ficaram até à invasão de Gengis Khan. Impotentes perante as atrocidades de Gengis Khan, os Abdalis foram para a Índia, passando por Makran, Sind e Multan. Mas não tiveram paz. Por fim, foram para Koh Sulaiman, onde se fixaram e se lhes juntaram os outros membros da tribo de Abdalis. Eram, no total, 24 tribos: os descendentes de Afegão, que teve três filhos, cujos nomes eram: Saraband (Sarabão), Arkash (Gargasht) e Karlan (Batão). Cada um deles teve oito

filhos, que se multiplicaram em 24 tribos, sendo cada uma conhecida com o nome de cada filho. Os seus nomes, com os nomes das tribos, são os seguintes:

Filhos de Saraband

Nome da tribo

Abdal	Abdali
Babur	Baboori
Wazir	Waziri
Lohan	Lohani
Barch	Barchi
Khugiyani	Khugiyani
Sharan	Sharani

Filhos de Gargasht (Arkasht) Nome da tribo

Khilj	Khilji
Kakar	Kakari
Jamurin	Jamurini
Saturiyani	Saturiyani
Peen	Peeni
Kas	Kasi
Takan	Takani
Nas	Nasri

Filhos de Karlan

Nome da tribo

Khatak	Khataki
Afrid	Afridi
Toor	Toori
Zaz	Zazi
Bab	Babi
Banganesh	Banganeshi
Landipoor	Landipoori

A tradução feita pelo Professor Bernhard Doran da Universidade de Kharqui (Londres, 1836) do livro *Makhan-i-Afghani* escrito por Khawaja Nimatullah, de Herat, em 1018 da Hégira, na época do rei Jahangir contém nos capítulos a seguir mencionados as seguintes afirmações:

No capítulo I, lemos a história de Jacob Israel, que inicia genealogia deste povo (os Afegãos).

No capítulo II a história do Rei Talut, isto é, traça-se a genealogia dos Afegãos a Talut.

Nas Pág. 22 e 23 está escrito: Talud teve dois filhos; Barkilya e Armiyah. Barkilya teve um filho, Asaf, e Afegão teve 24 filhos e nenhum dos Israelitas se podia comparar aos descendentes de Afegão. Na página 65 afirma-se que Nabucodonosor ocupou todo o Sham (Siria), exilou as tribos israelitas, ordenando-lhes que se fixassem em Ghaur, Ghazni, Kabul, Kandhar e Koh Firoz, onde os descendentes de Asaf e Afegão acabaram por se estabelecer.

Nas Pág. 37 e 38 deste livro, e com base na autoridade de Majma-ul-Ansab e de Mastofi, o autor de *Tarikh Buzidah* afirma que no tempo do Santo Profeta (a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele), Khalid Bin Walid convidou a aderir ao Islão os Afegãos que, depois dos acontecimentos no reinado de Nabucodonosor, se fixaram no território de Ghaur. Os chefes dos Afegãos, liderados por Qais, que era descendente de Talut em 37º grau, procuraram o Santo Profeta (a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele) que conferiu aos chefes o título de Pathan, cujo significado é "leme do navio". Algum tempo depois, os chefes regressaram ao seu território e iniciaram a pregação do Islão.

Na Pág. 63 do mesmo livro, *Makhzan-i-Afgan* afirma-se que Farid-ud-Din Ahmad faz a seguinte afirmação sobre os títulos de Beni Afghanah ou Beni Afghan, no seu livro *Rasalah Ansab-i-Afghaniyah*: "Depois de Nabucodonosor, os Magos conquistaram os Israelitas e os territórios de Sham e, depois de saquear Jerusalém, fez os Israelitas prisioneiros e exilou-os como escravos. Consigo levou muitas das suas tribos que seguiam a lei mosaica e ordenou-lhes que abandonassem a sua antiga fé e o adorassem em vez de Deus, o que eles se recusaram. Consequentemente, Nabucodonosor matou dois mil dos mais inteligentes e sábios e ordenou que deixassem o seu reino e o território de Sham. Alguns deles deixaram o território de

Nabucodonosor, sob o comando de um chefe e foram para as montanhas de Ghaur, onde os seus descendentes se fixaram, multiplicaram e passaram a chamar-se Bani Israel, Bani Asaf e Bani Afghan".

Na página 64, o mesmo autor afirma que documentos verídicos como *Tarikh-i-Afhani e Tarikh-i-Ghauri*, contêm a afirmação de que os Afegãos são, na maioria, Bani Israel e alguns deles são de origem copta. Além disso, Abu Fazl afirma que alguns Afegãos consideram que a sua origem é egípcia, explicando que, quando os Bani Israel deixaram Jerusalém e foram para o Egipto, esta tribo (os Afegãos) emigrou para a Índia. Na pág. 64, Farid-u-Din Ahmad diz sobre o título "Afegão": "Sobre o título afegão, alguns escreveram que, depois do exílio (da Síria) costumavam lamentar-se a chorar (faghan) ao recordar a sua pátria. Foram, pois, denominados "afegãos". Sir John Malcolm é da mesma opinião. Vide "História da Pérsia", Vol. I, Pág. 101.

Na página 63 encontramos a afirmação de Mahabat Khan: "Como são seguidores e descendentes de Salomão, a paz esteja com ele, os Árabes chamam-lhes, portanto, Sulaimanis".

Na Pág. 65 está escrito que a maioria das pesquisas dos historiadores orientais mostra que o povo afegão pensa ser de origem judaica. Alguns historiadores actuais adoptaram o mesmo ponto de vista ou, provavelmente, consideraram-no verdadeiro.

Quanto à adopção de nomes judaicos pelos Afegãos se dever à sua aceitação do Islão, nada há que apoie a opinião do tradutor Bernhard Doran. No Norte e no oeste do Punjab há tribos de origem hindu que se tornaram muçulmanas, mas cujos nomes não são os dos Judeus, o que mostra claramente que, pelo facto de se tornarem muçulmanos, esses povos não adoptam necessariamente nomes judeus.

Os traços fisionómicos dos Afegãos são muito semelhantes aos dos Judeus, um facto que é admitido mesmo por aqueles mestres que não subscrevem a opinião de que os Afegãos são de origem judaica. Esta talvez seja a única prova disponível da ascendência judaica e sobre isto Sir John Malcolm diz o seguinte:

"A origem das tribos afegãs que habitam as montanhas entre Khorasan e o Indo é traçada de várias formas por diferentes historiadores. Alguns afirmam que os Afegãos são descendentes directos das tribos

judaicas aprisionadas por Nabucodonosor e diz-se que os seus chefes principais remontam a ascendência das suas famílias a David e Saul. Apesar de ser muito duvidoso o seu direito a esta orgulhosa ascendência, devido à sua aparência e a muitos dos seus costumes, é evidente que são uma raça diferente dos Persas, Tártaros e Indianos, o que dá apenas alguma credibilidade à afirmação que é contrariada por muitos factos fortes, e sobre os quais não foi apresentada qualquer prova directa.

Se a semelhança das feições de um povo e outro pudesse provar alguma coisa, os habitantes de Caxemira tinham a certeza da sua origem judaica, o que foi referido não só por Bernier, como também por Forster, e talvez outros estudiosos.

Embora não aceite a opinião de Bernier, Foster admite que, quando se encontrava entre os habitantes de Caxemira, pensou estar entre um povo judeu.

Em relação à palavra "Kashmiri", na pág. 250 do Dicionário de Geografia por A.K. Johnston podemos encontrar as seguintes palavras:

Na pág. 250, sob o título CAXEMIRA:

"Os nativos são altos e de corpo robusto, de feições muito marcadas; as mulheres são bem formadas e esbeltas, com nariz aquilino e de feições que lembram as Judias".

Na "Gazeta Civil e Militar" (23 de Novembro de 1898, pág. 4), sob o título "Sawati e Afridi", está reproduzido um artigo valioso e interessante apresentado à Secção Antropológica da Associação Britânica num dos seus recentes encontros, para ser lido na sessão de inverno ante o Comité de Pesquisa Antropológico. O artigo dizia o seguinte:

A seguir, podemos apresentar o texto completo de um artigo valioso e interessante apresentado à Secção Antropológica no recente encontro da Associação Britânica e que será lido perante o Instituto, num dos seus encontros de inverno.

Dos Paktan ou Pathan originais, habitantes destas entradas ocidentais da Índia, fala-se já na história mais antiga, sendo muitas destas tribos referidas por Heródoto e pelos historiadores de Alexandre. Na Idade Média, as suas montanhas selvagens e bravias eram chamadas Roh e os seus habitantes Rohilas, e poucas dúvidas há de que a maioria destas primitivas tribos Rohila ou Pathan já estava fixada muito antes da chegada das tribos

afegãs. Todos os Afegãos dizem-se Pathan, porque falam a língua pathan, o pashto, mas não reconhecem qualquer descendência directa destes. Afirmam, porém, serem Bani Israel, isto é, os descendentes das tribos que Nabucodonosor levou prisioneiras para Babilónia. No entanto, todos eles adoptaram a língua pashto e observaram o mesmo código de leis civis chamado Paktanwali que, em muitas das suas medidas, sugere curiosamente a velha lei mosaica e as velhas tradições das raças Rajput.

TRAÇOS ISRAELITAS

Os Pathans de quem falámos bastante atrás podem dividir-se em duas grandes comunidades; por um lado, as tribos e os cãs como os Waziris, os Afridis, os Orakzais, etc.; e por outro, os que são afegãos, que afirmam ser semitas e representam a raça dominante de um lado ao outro da nossa fronteira. Parece impossível que o Paktanwali, um código oral reconhecido por todos, tenha origem mista, pois nele encontramos a lei mosaica inserida nas tradições dos Rajput e alterada pelos costumes muçulmanos. Os Afegãos, que se auto-denominam Duranis, nome que reclamam desde a fundação do Imperio Durani, há século e meio, remontam a sua ascendência as tribos israelitas, através de um antepassado chamado Qais, a quem o Profeta Muhammad deu o nome de Pathan (que em sírio significa leme), porque a ele competia dirigir o seu povo para as fileiras do Islão.

Já vimos, porém, que a nação Paktan, ou Pathan, é muito mais antiga que o Islão. É difícil explicar a prevalência universal dos nomes israelitas entre os Afegãos sem admitir algumas relações antigas com a nação israelita. Ainda é mais difícil explicar outros costumes, como por exemplo, a Festa da Passagem (que é curiosamente muito bem imitada pela raça afegã) ou a persistência com que os Afegãos menos cultos mantêm esta tradição, sem qualquer base de verdade para tal. Bellew pensa que a ligação israelita é legítima, mas salienta que pelo menos um dos três grandes ramos da família afegã tradicionalmente oriunda de Kish dá pelo nome de Sarabaur, que mais não é do que a forma pashto do antigo nome dado à raça solar de Rajput. Algumas colónias destes emigraram segundo os primeiros escritos indianos,

para o Afeganistão depois de terem sido vencidos pelos Chandrabans - a raça lunar - no grande combate de Mahabharat. Assim, os Afegãos são provavelmente Israelitas absorvidos pelas antigas tribos de Rajput, o que me parece ser a mais provável solução para o problema da sua origem. De qualquer modo, os Afegãos modernos consideram-se, com base na tradição, uma raça eleita descendente de Abraão e só reconhecem afinidade com outros pathans através da língua comum e de um código de hábitos tribais.

Consideradas na sua globalidade, todas estas citações extraídas de livros de escritores conhecidos convencerão todas as pessoas imparciais de que os Afegãos e os habitantes de Caxemira, que encontramos na Índia, na fronteira e nas suas proximidades, são realmente os Bani Israel. Na segunda parte deste livro, provarei, se Deus quiser, mais pormenorizadamente que o supremo objectivo subjacente à grande viagem de Jesus para a Índia foi que ele cumprisse a sua tarefa de pregar a todas as tribos israelitas, um facto que foi aludido nos Evangelhos. Não surpreende, portanto, que tivesse vindo para a Índia e para Caxemira. Por outro lado, surpreenderia que, sem cumprir com os seus deveres, Jesus subisse aos céus. Aqui encerro o presente debate.

Que a paz esteja com aqueles que seguem o caminho certo.

Mirza Ghulam Ahmad
O Messias Prometido

Qadian, Distrito de Gurdaspur

NOTAS

(1) Da Torah consta uma promessa feita aos Judeus, de que lhes seria dado, caso acreditassem no "último" profeta, depois de passarem por muitos sofrimentos, o reino e a soberania. Esta promessa foi cumprida pelas dez tribos de Israel, que aderiram ao Islão. Por isso, tanto os Afegãos como os Caxemires tiveram grandes reis.

Na 14ª parte do primeiro capítulo da história grega do "Credo de Eusébio", traduzida em 1650 d.C. por um londrino chamado Heinmer, existe uma carta que mostra que o rei Abgerus convidou Jesus a vir para sua corte numa terra para além do Eufrates. A carta enviada por Abgerus a Jesus e a sua resposta estão cheias de erros e exageros. Contudo, parece ser verdade que o rei, sabendo das crueldades dos Judeus, convidasse Jesus para lhe dar refúgio. O rei acreditou provavelmente que Jesus era um verdadeiro profeta.

(2) "Budismo" por M.M. Williams, pag. 23.

(3) Pág. 69

(4) Ver também "Budismo Chinês" por Edkins; "Buda" de autoria Oldenberg, traduzido por W. Hoey; e "Vida de Buda", traduzido por Rickhill.

(5) Não podemos negar que a fé budista conteve, desde os tempos antigos, ensinamentos morais; mas ao mesmo tempo eu afirmo que essa parte, que é apenas ensinamento evangélico - as parábolas e outras reproduções da Bíblia - foi, sem dúvida, acrescentada aos livros budistas na época em que Jesus esteve neste país.

(6) Pág. 70

(7) "Budismo" por Sir Monier Williams (Johan Murray, Londres, 1889), pág. 45.

(8) Pág. 69

(9) Sir M.M. Williams, "Budismo", pág. 51.

(10) "Buda" por Dr. Herman Oldenberg

(11) Pág. 70

(12) Ver Pág. 169 e 223 do livro de Tsing (Pág. 96).

(13) Pág. 71

(14) Pág. 72

- (15) Pág. 71
- (16) Pág. 69
- (17) Pág. 72
- (18) Pág. 73
- (19) Pág. 73
- (20) Pág. 73
- (21) Pág. 74
- (22) Pág. 75
- (23) Pág. 76
- (24) Pág. 77
- (25) Pág. 77
- (26) Pág. 77
- (27) Pág. 78

ahmadia.org.br

APÉNDICE

T.W. Rhys Davids, M.A.Ph. D "Budismo" (Sociedade para a Promoção do Conhecimento Cristão, Londres, 1887).

Diz-se que a mãe de Buda foi uma virgem. Pág. 183. A sua mãe foi a mais pura e a melhor das filhas dos homens.

Nota: Na pág. 183, David cita S. Jerónimo.

S. Jerónimo diz (Contra Sovian, Livro I): Entre os gimnosofistas da Índia é uma tradição que Buda, o fundador do seu sistema, nasceu da parte lateral de uma virgem.

The Hibbert Lectures, 1831, "Budismo Indiano", por T.W. Rhys Davids, 2ª Edição (the Hilbert Lectures, 1831), (Williams & Norgate, Londres, 1891).

Pag. 147. Tudo isto tem um interesse particular do ponto de vista comparativo. Trata-se de uma expressão do ponto de vista budista que exclui a teoria de uma suprema deidade, de uma ideia muito semelhante àquela que é expressa nas obras de uma civilização, em que Cristo é representado como uma Manifestação de Deus aos homens, como Logos, a palavra de Deus feita carne, o Pão da Vida. Não é um mero acaso que os seguidores heterodoxos de ambas as religiões tenham usado posteriormente Buda e as concepções do Logos como base das suas teorias sobre a emanção. É apenas um exemplo novo de como as ideias semelhantes em mentes similares podem ser modificadas de maneiras semelhantes. Buda Chakka-Vatti foi para os primeiros Budistas o que o Messias Logos foi para os primeiros Cristãos. Em ambos os casos, as duas ideias sobrepõem-se, unem-se e complementam-se. Em ambos os casos, as duas ideias combinadas cobrem aproximadamente os mesmos terrenos, na medida em que permitem os diferentes fundamentos dos dois ensinamentos. É o círculo de ideias de Chakka-Vatti Buda num caso, e o de Messias Logos noutra, o que influi principalmente para determinar que a opinião das primeiras biografias cristãs dos seus mestres respectivos fossem a mesma e levassem a resultados semelhantes; apesar dos detalhes não serem completamente idênticos em ambos os casos.

Sir M.M. Williams, "Budismo" (John Murray, Londres 1889), Pág. 135.

Ele disse de si próprio (Mahe-vagga 1.6.8): Sou o dominador de todo (Sabbabhibha) o Omnisciente; não tenho mácula, através de mim possuo o conhecimento; não tenho rival (Patipuggalo); sou o chefe Arhat, o mestre mais elevado. Eu sou o único absolutamente sábio (Sambuddha); sou o conquistador (Jina); todos os fogos do desejo se extinguem (Sitibhuto) em mim; tenho o Nirvana (Nibbuto). Pág. 126. "1. Não matem nenhuma coisa viva. 2. Não roubem. 3. Não comentam adultério. 4. Não mintam. 5. Não bebam bebidas demasiado fortes. 6. Comam somente em horas determinadas. 7. Não façam uso de juramentos, ornamentos ou perfumes. 8. Não utilizem cama alta ou larga, mas apenas um colchão no chão. 9. Abstenham-se da dança, do canto, da música e dos espectáculos mundanos. 10. Não possuam ouro ou prata de qualquer espécie nem os aceitem (Hahavagga 1.5.6). Este Decálogo Budista poderia ter sido extraído do Decálogo Mosaico".

H.T. Prinsep, "Tibete, Tartaria e Mongólia.

As primeiras viagens ao Tibete de que temos conhecimento, foram feitas pelos Padres Jesuitas Grueber e Dorville, que regressaram da China por aquela rota no ano 1661 d.C, apenas quatrocentos anos depois da viagem de Marco Pólo ao Oriente. Foram os primeiros Cristãos europeus a penetrar naquelas populosas regiões do Tibete, porque a viagem de Marco Pólo foi, como afirmamos, para Noroeste pelas fontes do Oxus. O Padre Grueber ficou profundamente impressionado com a extraordinária semelhança que encontrou tanto entre a doutrina como nos rituais dos Budistas de Lassa e as da sua própria fé romana. Ele deu-se conta: 1º., que os trajes dos Lamas correspondiam àqueles que nos podemos ver nas antigas pinturas como trajes dos apóstolos; 2º., que a disciplina dos mosteiros e das diferentes ordens de Lamas ou sacerdotes tinham a mesma semelhança daqueles da igreja romana; 3º., que a noção de encarnação era comum a ambos, assim como a crença no paraíso e purgatório; 4º., assinalou que eles faziam sufrágios, ofereciam esmolas, orações e sacrifícios pelos mortos, como os católicos romanos; 5º., que perto de Lassa tinham conventos cheios de frades e de freiras, em número que ascendia a 30.000, tendo todos feito o voto de pobreza, obediência e castidade, como os frades católicos, além de outros votos; e 6º., tinham confessores com autorização do Lama superior ou bispo; e com o poder de receber confissões, impor penitências e dar absolvição. Além disto, existia a prática do uso da água benta, o serviço religioso com cantos

alternados, a oração dos defuntos e uma perfeita semelhança entre os costumes dos grandes Lamas e os das diferentes ordens da hierarquia romana. Estes primeiros missionários adiantam que foram levados a concluir, pelo que viram e ouviram, que os antigos livros dos Lamas, continham traços da religião cristã, que deveria ter sido ensinada no Tibete, no tempo dos apóstolos. (pág, 12-14).

Depois, sobre ao advento de um Salvador, o autor H.T. Prinsep, escreve no mesmo livro (Tibete, Tartária e Mongólia) na Pág. 171:

A esperança geral no nascimento de um grande profeta, Redentor ou Salvador, inclusivamente referida por Tácito, que existiu no período ao aparecimento o fundador da religião cristã foi, sem nenhuma dúvida, de origem budista, e não se limitava só aos Judeus, nem se baseava unicamente nas profecias das suas escrituras.

Como de rodapé, o autor escreve na Pág. 171:

O advento de outro Buda, mil anos depois de Gotama ou Sakhya Muni, é distintamente profetizado no Pitakattayyan e o Athakatha. O próprio Gotama declara ser o 25º Buda e disse: "Bagawa Matiyya virá ainda. O nome Matiyya tem uma extraordinária semelhança a Messias.

Sir M. Monier Williams, O Mistério das Idades (1887).

O Budismo é o Cristianismo do Oriente e está mais bem conservado que o Cristianismo, o Budismo de Ocidente. (Pág. 541, nota abaixo).

I. Tsing, Registo da Religião Budista Praticada na Índia e no Arquipelago Malaio, 671-695 dC. Traduzido por J. Takakusu, B.A., Ph. D. (Oxford, Clarendon Press, 1896).

Nas Pág. 223-224 diz-se: É verdadeiramente curioso encontrar apesar de ocorrer quase acidentalmente o nome Messias num livro budista, intitulado Novo Catálogo dos Livros Budistas, compilado no período Chiang Yuan (785-804 d.C.), na nova edição japonesa dos Livros Budistas Chineses (Biblioteca Bodleiam, Jap., 65 DD, pág. 73. Este livro não consta do catálogo de Nanges).

Além disso, o Sahghayama de Sayka e o mosteiro de Ta-Chin (Siria) diferem muito nos seus costumes, e as suas práticas religiosas opõem-se totalmente. King Ching (Adão) deve transmitir os ensinamentos do Messias (Mi-Shi-ho) e Sakya Putiyiya Sramanas deve propagar as sutras de Buda.

O Século Dezanove, Vol. 3, Julho-Dezembro (Londres, Outubro 1894) Museu Britânico wo p.p. 59, 39.

Na Pag. 517: Num artigo de Max Muller, sob o título: "A alegada estadia de Cristo na Índia" em que critica Nicolas Notovich, que esteve no Tibete e no Mosteiro Budista de Himis, viu alguns antigos livros e manuscritos antigos sobre a visita de Jesus Cristo ao Tibete e a Caxemira, e ao regressar escreveu um livro em francês "Vie Inconnue de Jésus-Christ", Paris, 1894. Nicolas Notovich era de nacionalidade russa.

Mas apesar de não ter trazido estes manuscritos para o seu país, não há dúvida de que Notovich os viu e dizendo que desconhecia o idioma tibetano, mandou traduzir o texto por um intérprete e publicou setenta páginas em francês no seu "Vie Inconnue de Jésus-Christ". É evidente que estava preparado para descobrir uma vida de Cristo entre os Budistas. Nos últimos tempos têm sido frequentemente apontadas semelhanças entre o Cristianismo e o Budismo e a ideia de que Cristo foi influenciado pelas doutrinas foi apresentada algumas vezes por escritores populares. Até aqui, a dificuldade tem sido descobrir um canal histórico através do qual o Budismo tenha alcançado a Palestina no tempo de Cristo. N. Notovich pensa que o manuscrito que encontrou em Himis explica com simplicidade este tema. Há, sem dúvida, disse, uma lacuna na vida de Cristo, digamos entre os quinze e os vinte e nove anos. Durante aqueles anos, a nova Vida de Cristo encontrada no Tibete afirma que Cristo esteve na Índia, onde estudou o sânscrito pali, leu os Vedas e o Cânon Budista, e depois regressou, atravessando a Pérsia a Palestina para pregar o Evangelho.

Se entendemos correctamente N. Notovich, esta vida de Cristo recolhida das narrativas de alguns comerciantes judeus que chegaram a Índia imediatamente depois da crucificação (Pág. 237). Isto foi escrito em pali, a sagrada língua do Budismo meridional. Os documentos foram levados posteriormente da Índia para o Nepal e Makhada (Quaere: Mazadhe) por volta do ano 200 d.C (Pág. 236) e do Nepal para o Tibete, e hoje estão cuidadosamente conservados em Lhasa. As traduções tibetanas de pali encontram-se, diz, em diferentes mosteiros budistas e noutros de Himis. Foram estes manuscritos tibetanos que Notovich mandou traduzir em Himis, durante a sua convalescença da fractura de uma perna no mosteiro, foi destes manuscritos que extraiu a sua nova Vida de Jesus Cristo, que publicou em

francês, com a narrativa das suas viagens. Este volume que teve muitas edições em francês, será brevemente traduzido em inglês.

Dr. Herman Oldenberg, Buda; a sua Vida, a Sua Doutrina, a Sua Ordem, traduzida do alemão por William Hoey, M.A.D. Lit (William & Norgate, 1882).

Pag. 142. Na ocasião da profecia de Buda sobre o Matiyya, o próximo Buda, que num futuro longínquo apareceria na terra, foi dito:

Ele liderará um grupo de discípulos que serão centenas de milhar, tal como eu sou agora o Chefe de centenas de discípulos. Cakkana Hisuttanta.

Pag. 149. Sobre a mulher e o filho de Buda, a principal passagem é "Mahauagga", i. 54: Rahula é frequentemente mencionado nos textos Sutta como filho de Buda, sem lhe ter sido atribuído um papel especial nos círculos de discípulos pela tradição antiga.

Pag. 103. Rahula é filho de Buda. Ele (Buda) diz: Rahula nasceu para mim, impuseram-me umas grilhetas.

Nota de rodapé da Pág. 103. O nome de Rahula parece ser uma alusão a Raha, o Sol e a Lua vencendo (escurecendo) o demónio.

François Bernier, Viagens ao Imperio Mongol. (Constable, Londres, 1891).

Encontram-se muitos sinais do Judaísmo neste país. Ao entrar no Reino, depois de atravessar as montanhas de Peer-Punchal, chamou-me a atenção a semelhança dos habitantes das vilas fronteiriças com os Judeus. A sua fisionomia e as suas maneiras, e aquelas indescritíveis peculiaridades que fazem com que os viajantes distingam os habitantes de diferentes nações, tudo nos parece pertencer àquele povo antigo. Não me é permitido atribuir o que eu digo a mera fantasia. A apariência física judaica destes camponeses foi também notada pelo nosso padre jesuita, e outros europeus, que visitaram Caxemira muito antes de mim (Pág. 930-32).

George Forster, *Cartas de uma viagem de Bengala para Inglaterra* (Faulder, Londres, 1808).

Ao ver pela primeira vez os habitantes de Caxemira no seu próprio país, imaginei pelo seu brio, pelo seu estilo e maneiras, pelo seu semblante longo e de aspecto grave, e forma da sua barba, que estava numa nação judaica (Vol. II, Pág. 20).

H.W. Bellews, C.S.I., *Raças do Afeganistão*. (Thacker Spink & Co.,

1884).

As tradições do povo (afegão) relacionam-nos com a Síria como o país da sua residência no tempo em que foram levados cativos por Bukhtanasar (Nabucodonosor) e fixados como colonos em diferentes partes da Pérsia e Média. Destes lugares emigraram para Oriente em períodos posteriores até a região montanhosa de Ghor, onde foram chamados pelos seus povos vizinhos "Bani Afgan" ou "Bani Israel", isto é, os filhos de Afghan e filhos de Israel. Para corroborar isto, temos o testemunho do profeta Esdras, sobre as dez tribos de Israel que foram levadas em cativo, fugiram posteriormente e encontraram refúgio no país de Arsareth, que se supõe ser idêntico ao actual país de Hazara de que Ghor faz parte. Afirma-se também no Tabcati Nasiri, que na época da nativa dinastia Shan Sabi existiu neste país um povo chamado Bani Israel e que alguns deles se dedicavam ao comércio com as regiões vizinhas.

Baldour, Edward, Chefe dos Serviços Médicos, a Enciclopedia da Índia e do Leste e Sul da Ásia, Terceira Edição. (Bernard Quaritch, 1885).

Com o título de "Afeganistão", Pág. 31. Pakhtun é o nome nacional dos próprios Afegãos; porém Afegãos e Pathans também se designam a si próprios Bani Israel. Pakhun é a pessoa e pakhtuna é o nome coletivo dos Afegãos. Esta palavra é descrita como tendo origem hebraica (ibrani), apesar de alguns dizerem ser de origem siria (suriani) e significa entregue e libertado. Diz-se que o termo "afegãos" tem o mesmo significado. Conta a tradição que a mãe de Afegão ou Afegã exclamou aquando do nascimento, "Afegão", querendo dizer 'estou liberta e dar-lhe-ei este nome'. Outra tradição de que nas dores do parto exclamou: "Afegão, Afegão, ou Fighan, Fighan", palavras que em persa significam "Ai"! Afegão é unicamente o nome dos descendentes de Qais.

Diz-se que o termo Pathan provém de Pithan, uma designação titular que parece ter sido imposta por Muhammad a um afegão chamado Qais.

A sua origem está envolta em mistério, mas alguns escritores consideram-nos descendentes de uma das dez tribos de Israel e esta é a opinião de alguns Afegãos. Alguns autores consideram que esta nação não tem origem judaica, embora aqueles que introduziram a religião de Muhammad no seu seio fossem judeus convertidos.

Na Pag. 34 com base na autoridade da obra de Elphinstone "Reinado

de Caubul" (Pags. 182-185) está escrito:

Entre os Yusufzai, nenhum noivo vê a esposa até estar concluída a cerimónia do casamento, e em todos os Bardurani existe uma grande reserva entre o tempo do noivado e o casamento. Alguns deles vivem com o seu futuro sogro e ganham o seu pão com os seus serviços, como fez Jacob quando quis casar com Raquel, sem nunca ver o objecto dos seus desejos.

Entre os Afegãos, como entre os Judeus, considera-se dever do irmão do falecido casar-se com a sua viúva e é uma mortal afronta para o irmão que a viúva case com outra pessoa e também é uma mortal afronta para o irmão se qualquer outra pessoa casar com ela sem o seu consentimento.

Narrativa da Missão a Bokhara nos Anos 1843-1845, 2 Volumes, Rev. Joseph Wolff, D.D.LL.D. (Johan W. Parker, Londres, 1845): Vol. I 2º Edição.

Pag. 9. De várias conversações com os Afegãos em Curação e outras cidades, tive conhecimento que alguns deles se orgulham da sua origem de filhos de Israel, mas duvido da verdade daquela tradição parcial.

Pag. 13. Todos os Judeus do Turquestão afirmam que os Turcomanos são os descendentes de Torgamah, um dos filhos de Gomar, mencionado no Genesis 10:3.

Pag. 14. São 10.000 os Judeus de Bokhara. O Rabi Chefe assegurou-me que Bokhara é o porto e Balkh o Halal do Livro segundo Reis XVIII: 6, mas que no reinado de Gengis Khan perderam todos os documentos escritos. Em Balkh, os mullahs muçulmanos asseguraram-me que foi construído por um filho de Adão, que o seu primeiro nome fora Hanakh e depois Halal, embora mais tarde os escritores lhe chamassem Balakh ou Balkh. Os Judeus de Balkh como e de Samarcanda afirmam que o Turquestão é a Terra de Nod, e Balkh, a terra onde Nod se fixou.

Pag. 15. Uma tradição bastante antiga em Bokara diz que algumas das Dez Tribos estão na China. Indaguei a estes Judeus sobre diversos pontos da interpretação das escrituras, sobretudo sobre a mais importante, que consta de Isaías VII:14: -virgem. Eles traduziram isto como nós os Cristãos, e ignoram totalmente a importante controvérsia entre judeus e cristãos sobre este assunto.

Pag. 16. Consegui um passaporte do Rei depois desta interessante

estadia, e depois atravessei o Oxus e cheguei, após alguns dias, a Balkh, e dessa cidade, onde também convivi com os filhos da diáspora de Israel, prossegui para Muzaur.

Alguns Afegãos afirmam descender de Israel e segundo eles Afegã era sobrinho de Asaf, filho de Berachia, que construiu o templo de Salomão. Sendo Judeus, os descendentes deste Affghanun, foram levados para Babilónia por Nabucodonosor e depois foram afastados para as montanhas de Ghoree, no Afeganistão. Contudo, no tempo de Muhammad, tornaram-se muçulmanos. Possuam um livro intitulado Majmua Alansab, ou coleção de genealogias escritas em persa.

Pag. 17. Daqui fui para Peshawar, onde também me foi lido um livro singular sobre a origem dos Afegãos, o livro Pashto de Khan Iehaun Loote, cuja narrativa coincide com aquela que se encontra no MSS, Teemur Nameh e Ketaub Ansbee Muhakkek Toose. Não achei que a fisionomia geral era judaica, mas fiquei profundamente admirado com a semelhança de duas das tribos, os Yasufszai e os Khalibaris, com os Judeus. Os Kafreshiah Push, embora Afegãos, são muito diferentes do resto da sua nação. Muitos viajantes pensaram que eram descendentes do exército de Alexandre, mas não aceitam esta opinião.

Pag. 18. Sempre pensei que os Kaffreshiah Push eram descendentes de Israel e alguns sábios judeus de Samarcanda são da minha opinião.

Pag. 19-20. Surpreendeu-me descobrir que o Capitão Riley achava que os Afegãos tinham origem judaica.

Pag. 58. Passei seis dias com os filhos de Rachab (Bani Arbal), com quem viviam filhos de Israel da tribo de Dan, que residiam perto de Terim, em Hattramwl, e que esperavam, como os filhos de Rachab, a breve vinda do Messias nas núvens do céu, Vol. II. 131.

É de notar que o profeta Ezequiel, XXVII: 14, dá uma exacta descrição do comércio feito entre os Turcomanos e os habitantes de Bokhara, Khiva e Khokand. O Profeta diz: Aqueles da casa de Togarmah (isto é, os Turcomanos) comerciavam com cavalos, cavaleiros e mulas nas suas feiras e mercados. Os Turcomanos actuais, como os guardas judeus, são mercenários e recebem, como pago poucos tengas por dia. É igualmente notável ouvir os Turcomanos chamarem-se a si próprios Toghramah, e os Judeus chamá-lhes Togarmah.

Vendo uma cáfila de camelos, vinda carregada de mercadorias de Caxemira, Kabul, Kitay e Orenbough, a passagem de Isaías IX:6 diz: "A multidão e os camelos cobrir-te-ão, os dromedários de Media e Efah, e todos os de Sabá virão trazer-te ouro e incenso. Ao mencionar ouro, não devo esquecer que perto de Samarcanda existem minas de ouro e turquesas.

Pag. 236. Algumas palavras sobre os filhos das montanhas do Curdistão. Estes filhos, como o chorado falecido Dr. Grant observou, são de origem judaica, embora não possa ir ao ponto de afirmar que são as Dez Tribos, porque não sabem a sua própria genealogia. Na sua maioria são agora cristãos.

Parecem-se mais com os Protestantes da Alemanha e da Inglaterra, por não possuírem imagens, nem mosteiros e os seus sacerdotes podem casar. A dignidade episcopal, contudo, é hereditária, bem como a do Patriarca, e quando fica grávida a mãe do Patriarca abstém-se de beber vinho e de comer carne. Se nascer um filho, ele é o Patriarca, se foi uma filha, ela é obrigada a guardar eterna virginidade.

As Tribos Perdidas, de George Moore, M.D.

Na Pag. 143. Sentimo-nos imediatamente atraídos por um país de enorme importância no aspecto actual do Oriente, e para nós tem o maior interesse encontrar um povo que diz ser Bani Israel ou descendente das Dez Tribos, isto é, Afeganistão e das regiões adjacentes.

Pag. 145. São as seguintes as razões principais para pensar que certas classes dos povos de Bokhara e do Afeganistão são de origem israelita: 1°. A sua semelhança física com a raça hebraica. Assim, o Dr. Wolff, o missionário judeu, disse. "Fiquei muito admirado com a semelhança dos Yusafzai (tribo de José) e dos Khybere, duas das suas tribos, com os judeus. Moorcroft declara também quando fala dos Khybere: 'São altos e as suas feições são particularmente judaicas'. 2°. Auto-denominam-se há muito tempo Bani Israel, filhos de Israel. 3°. Os nomes das suas tribos são israelitas, sobretudo a tribo de José, que inclui a de Efraim e Manasseh. No Livro da Revelação, a tribo de José é a tribo de Efraim (Rev. VII::6-8). Em Números XXXVI:5 Moises fala de Manasseh como sendo a tribo dos filhos de José. É, pois, claro que Manasse e Efraim são conhecidos pelo nome da tribo de José. 4°. Os nomes hebraicos de locais e pessoas do Afeganistão são bastante mais frequentes do que pode esperar-se através de associações

maometanas. Estes nomes já existiam antes de os Afegãos se tornarem maometanos. 5º. Todas as narrativas concordam que eles viviam nas montanhas de Ghore desde a antiguidade. É certo que os príncipes de Ghore pertenciam a uma tribo afegã de Soore e reconhece-se que a sua dinastia pertence à mais antiga das tribos, mesmo no séc. XI. Parece que cedo dominaram as montanhas de Soliman ou Somolão, compreendendo todas as montanhas do Sul do Afeganistão (Elfinstone). 6º Afegão é o nome dado por outros a sua nação, porque o nome que devem a si próprios era Pashto, e os Drs. Garey e Marshman afirmam que a língua pashto tem mais raízes hebraicas do que as outras.

Pag. 147. A antiguidade do nome do país de Cabul ou Cabool está então determinada e também se comprova que alguns povos peculiares, conhecidos como "As Tribos" e "As Tribos Nobres" já aí viviam desde períodos muito remotos. Está é, portanto, a prova perfeita de que os habitantes de Cabul tinham razão ao afirmar que eles e os seus ancestrais ocupavam Cabul, desde os primeiros tempos da história, que desde tempos imemoriais foram conhecidos como As Tribos, isto é, Tribos Israelitas como eles agora assumem ser... Segundo Sir W. Jones, as autoridades ocidentais e persas concordam com a explicação da sua origem; outras residentes e competentes autoridades, como Sir John Malcolm e o missionário Mr. Chamberlain, depois de completa investigação, asseguraram-nos que muitos dos Afegãos são sem dúvida da semente de Abraão.

Josephus Flavios, *Antiguidade*, traduzido pelo judeu W.M. Whitson (Hurst, Rees, Orme & Brown: Londres).

"Como! Estendereis vossas esperanças para além do rio Eufrates? Alguns de vós-pensa que as vossas tribos vizinhas virão de Adiabene para vos ajudar? Além disso, se o fizessem, os Partos não o permitiriam" (XI, V. 2).

Esta é uma citação do Rei Yesih (Agrippa) para que os Judeus se submetessem aos Romanos e não aguardassem pelos judeus para além do rio Eufrates.

Josephus viveu no reino de Vespasiano na última parte do séc. I d.C..

A Narrativa Pessoal da visita de Ghazni, Cabul, no Afeganistão G.T. Vigne F.R.G.S. (Londres: Whittaker, 1840).

Pag. 166-67. Moolah Khuda Dad, versado na história dos seus

patricios, leu-me do Majmall-unsal (Coleção de Genealogias) a seguinte pequena narrativa sobre a sua origem:

Dizem que o filho mais velho de Jacob era Juda, cujo filho mais velho se chamava Osruk, pai de Okour, o pai de Moslib, o pai de Farlai, o pai de Kys, o pai de Talut, o pai de Ermiah, o pai de Afegãos. Foi contemporâneo de Nabucodonosor, chamava-se Bani Israel e teve 40 filhos, cujos nomes não é oportuno citar aqui. O seu 34º descendente em linha directa ao fim de 2000 anos foi Kys. Desde Kys, que viveu no tempo do Profeta Muhammad, houve sessenta gerações. Sulum, o filho mais velho de Afegão, que viveu em San (Damasco) deixou aquele lugar e veiu a Ghura Mishkon, um país perto de Herat, os seus descendentes estenderam-se pelo país, hoje conhecido como Afeganistão.

Enciclopedia de Geografia, de James Bryce, M.A, LL. D., F.R.S.E e Keith Johnson F.R.G.S. 2ª Edição (William Collins, Sons & Co, Londres e Glasgow, 1880).

Sob o título "Afeganistão", Pág. 25 História e Relações. O nome afegão não é usado pelos habitantes do país que se chamam pashto, cujo plural é pashtoneh, do qual deriva talvez o nome de patão, que lhes é dado na Índia. Remontam a sua origem a Saul, rei de Israel, chamando-se a si próprios Bani Israel. Segundo Sir A. Burnes, a sua tradição diz que foram levados da Terra Santa para Ghore, pelo rei de Babilonia vivendo a noroeste de Cabul e praticando a sua religião judaica até 682 d. C., ano em que foram convertidos à religião maometana por um chefe árabe chamado Khaled-ibn-Abdal-lah, que casou com uma filha de um chefe afegão. Nunca foram apresentadas provas históricas em apoio desta origem, que talvez seja uma mera invenção, fundada em factos mencionados no 2º livro dos Reis XVIII: 2. Porém, isto pode ser certo, e todos os viajantes concordam que o povo difere das nações vizinhas e têm entre si uma origem comum. Alguns dizem que em forma e feições eles são parecidos aos Judeus e que estão divididos em muitas tribos, habitando territórios separados e permanecendo quase sem se misturarem.

História de Afeganistão, do Coronel G. Malleon, C.S.I. (W.H. Allen & Co., Londres, no Escritório da Índia, 1878).

Pag. 39. Volto-me agora para o Afeganistão, para as tribos que ocupam este país e que controlam os passos das montanhas. O assunto foi

tratado extensivamente por Mounststuard Elphinstone, por Ferrier - que citou Abdullah Khan de Herat - por Bellews e outros muitos.

Seguindo Abdullah Khan e outros escritores afegãos, Ferrier está disposto a acreditar que os Afegãos representam as dez tribos perdidas de Israel e afirmam serem descendentes de Saul, rei de Israel. De entre outros escritores que concordam com esta opinião podemos mencionar o nome do honorável Sir Williams Jones. Por outro lado, o professor Dorn, de Karkov, que examinou exaustivamente o assunto, rejeita esta teoria, Mounststuard Elphinstone classifica-a na mesma categoria que a teoria de que os Romanos descendem dos Troianos. As objecções do ponto de vista de Abdul-lah Khan foram recentemente expressas, com grande aptidão e firmeza, pelo Professor Dowson, numa carta ao Times. Se isto merecesse consideração, escreve, é ainda inconsistente a noção de que os Afegãos são descendentes das dez tribos perdidas. Saul era da tribo de Benjamin e aquela tribo não era uma das dez perdidas. Resta a questão das feições, que sem dúvida nenhuma tem peso, mas não pode prevalecer contra a mais importante questão que é a da língua. Professor Dowson prossegue mostrando que a língua afegã não tem traços hebraicos e conclui declarando por "demasiado inacreditável" a suposição de que com o decorrer do tempo toda a raça afegã pudesse mudar a sua língua.

L.P. Ferrier, História dos Afegãos, traduzido por W.M. Jesse (John Murray, Londres, 1858).

Pag. 4. Quando Nadir Shah partiu para a conquista da Índia, chegou a Peshawar o chefe da tribo dos Yusufzais, que se apresentou com uma Bíblia escrita em hebreu e alguns outros artigos utilizados no seus antigos cultos e que eles haviam guardado. Estes artigos foram logo reconhecidos pelos Judeus que estavam acampados.

Na Pag. 1., numa nota de pé de página, escreve: O autor de um manuscrito da história dos Afegãos disse que alguns derivam o nome de afegão do seu significado persa de "lamentação", porque estas tribos lamentavam o seu exílio da Judeia. Outros declaram que Afegão era o neto de Saul e foi empregado por Salomão na construção do templo. Este autor refere-se a duas histórias desta nação: A Tarikh-Affghanah e a Tarikh Ghour, isto é, a História dos Afegãos e a História de Ghour. Por estas obras parece, diz ele, que os Afegãos se consideram a si próprios como sendo em parte

descendente dos Coptás do Egipto e em parte dos Israelitas; mas nada se acrescenta para convencer-nos desta afirmação.

Um destes escritores diz que, depois de matar muitos prisioneiros, Nabucodonosor baniu os últimos para as montanhas de Ghour, onde se multiplicaram com os Judeus da Arábia. Quando mudaram de religião tornando-se maometanos, receberam uma carta de um Judeu convertido convidando-os unirem-se a este sagrado estandarte. Alguns nobres afegãos foram para a Arábia; o principal foi Keis, que segundo vários autores afegãos, recua a sua descendência a 47 gerações até Saul e a 55 até Abraão (História dos Afegãos, MSS Persa).

A maioria dos escritores maometanos reclama que esta é a descendência dos Afegãos. Durante algum tempo, eu possuí uma carta genealógica, em que foi feita uma tentativa para provar que todas as principais famílias do Afeganistão eram descendentes directas dos reis de Israel.

ahmadia.org.br

JESUS NA ÍNDIA

Ésta é a versão portuguesa de um tratado em urdu escrito pelo Fundador da Comunidade Ahmadia do Islão, Hazrat Mirza Ghulam Ahmad (1835-1908). O tema é a libertação de Jesus da morte na cruz e a sua viagem para a Índia em busca das tribos perdidas de Israel. Tanto as Escrituras cristãs como muçulmanas, assim como os livros de medicina e história mais antigos, incluindo os registos budistas mais remotos, fornecem provas desta viagem. Prova-se que Jesus chegou ao Afeganistão e reuniu-se aos Judeus que aí se tinham instalado depois de fugir da escravidão de Nabucodonosor. Do Afeganistão, Jesus continuou até Caxemira, onde outras tribos israelitas se tinham instalado. Alí fez a sua própria casa e quando chegou o seu tempo morreu. O seu sepulcro foi encontrado em Srinagar.

ahmadia.org.br

Associação Ahmadia do Islão
Av. da República, 81 R/C D.
T. 4420981
2780 OEIRAS

JESUS NA ÍNDIA

JESUS IN INDIA

This is a Portuguese version of an Urdu treatise written by the Holy Founder of the Ahmadiyya Movement in Islam, Hazrat Mirza Ghulam Ahmad (1835-1908). The theme is the escape of Jesus from death on the cross, and his journey to India in search of the lost tribes of Israel. Christian as well as Muslim scriptures, and old medical and historical books including ancient Buddhist records, provide evidence about this journey. Jesus is shown to have reached Afghanistan, and to have met the Jews who had settled there after deliverance from the bondage of Nebuchadnezzar. From Afghanistan Jesus went on to Kashmir, where other Israelite tribes had settled. There he made his home, and there in time he died; his tomb has been found in Srinagar.